

# **Diretório Litúrgico Diocesano**

**para celebração Eucarística,  
para celebração da Palavra com distribuição da comunhão e  
para Adoração Eucarística**

**Diocese de Ponta Grossa – Paraná**

## Apresentação

Por ocasião do jubileu de 80 anos de nossa Diocese de Ponta Grossa, sinto-me particularmente feliz em apresentar este Diretório Litúrgico Diocesano à publicação. É fruto de laboriosa pesquisa empreendida pela Pastoral Litúrgica, posteriormente analisada pelo clero e pela equipe ampla da Coordenação da Ação Evangelizadora, num processo participativo que trouxe maior valor e validade prática à obra.

Embora não pretenda tratar de todos os aspectos da Liturgia Católica, restringindo-se mais ao que se refere à celebração da Missa e do culto eucarístico, traz inúmeras informações práticas que não se encontram facilmente em outros textos, bem como apresenta uma importante parte introdutória de reflexão sobre os fundamentos da Liturgia.

A constituição dogmática do Vaticano II ***Sacrosanctum Concilium*** nos lembra que “assim como Cristo foi enviado pelo Pai, da mesma forma enviou os Apóstolos, repletos do Espírito Santo, não apenas para pregarem o Evangelho a toda a criatura (...) mas também ***para realizarem a obra da salvação*** que anunciavam, por meio do sacrifício e dos sacramentos, ao redor dos quais, se desenvolve toda a ação litúrgica. (...) Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal, lendo todas as passagens da Escritura que falavam dEle (Lc 24,27), celebrando a Eucaristia na qual se tornam presentes a vitória e o triunfo de sua morte e, ao mesmo tempo, dando graças a Deus pelo seu dom inefável (2Cor 9,15) em Jesus Cristo, para o louvor da sua glória (Ef 1,12), pela força do Espírito Santo” (SC 6).

Que o presente Diretório de Liturgia ajude nossa diocese a crescer no amor à Eucaristia, de sorte que sempre mais possamos, de fato, receber o Cristo em comunhão (manducação), celebrar o memorial de sua Paixão, ter nosso íntimo repleto da graça e acolher o penhor da glória futura para a qual caminhamos, povo peregrino e tropeiro pelos campos gerais da história.

No mês do 15º. Congresso Eucarístico Nacional e do 80º. Aniversário de criação da Diocese, com minha bênção.

Ponta Grossa, 10 de maio de 2006.

**Dom Sergio Arthur Braschi**  
Bispo Diocesano

## Introdução

No ano eucarístico, apresentamos a todos os que servem a Sagrada Liturgia este diretório que reúne as diretrizes mais elementares sobre a celebração do grande Mistério de nossa fé. Inicialmente apresentamos uma síntese teológica sobre a Liturgia, de grande valor para evitar o risco do ritualismo em nossas celebrações, pois essa tendência ocorre quando os agentes litúrgicos promovem ações desconexas da vida pessoal e comunitária, e sem nenhum conhecimento do Mistério da fé mediado por tais ritos. Depois, apresentamos algumas orientações gerais sobre a celebração da missa, da Palavra de Deus com distribuição da Eucaristia e das Adorações Eucarísticas. A seguir, capítulos que abordam especificamente a ação litúrgica dos animadores de cantos e dos leitores dentro da missa.

Na sua grande maioria, todas as orientações são fundamentadas nos principais documentos e instruções litúrgicas promulgados pela Igreja, em especial: Instrução Geral sobre o Missal Romano<sup>1</sup>, Instrução Redemptionis Sacramentum, Introdução Geral ao Lecionário (Ordo Lectionum Missae), A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, Diretório das Celebrações Dominicais na ausência do presbítero. Recomendamos que todos procurem posteriormente aprofundar seus conhecimentos estudando esses documentos por completo.

Devido à complexidade e extensão do assunto, não tratamos aqui das celebrações eucarísticas conjugadas com a Liturgia das Horas, sacramentos ou sacramentais, ou celebrações especiais que decorrem ao longo do ano litúrgico. Mas, para isso, indicamos o auxílio do Diretório de Liturgia editado anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e das rubricas do Missal Romano e dos rituais dos sacramentos ou sacramentais que se pretendem celebrar.

Este Diretório deseja ser um instrumento orientativo e jamais quer anular a criatividade das Equipes de Liturgia numa comunidade. Toda criatividade é útil e necessária para que a assembléia se envolva plenamente no Mistério Pascal de Cristo. Mas criatividade supõe necessariamente formação e conhecimento teológico para não violar a Tradição da fé cristã ministrada e conservada pela Liturgia da Igreja. Toda inovação só será proveitosa, fecunda e renovadora para a comunidade se corresponder a critérios litúrgicos, expressando seus sentimentos de comunhão com os nossos pastores.

Que este diretório promova o culto da Eucaristia baseado na fidelidade ao Magistério da Igreja, enriquecendo o serviço das Equipes de Liturgia para celebrarmos ativa, consciente e frutuosamente o Mistério Pascal de Cristo em cada comunidade, tendo em vista o seguinte ensinamento:

***“A eficácia das ações litúrgicas não consiste na contínua modificação dos ritos, mas no aprofundamento da Palavra de Deus e do Mistério celebrado”.***<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Essa instrução corresponde à 3ª edição típica do Missal Romano promulgada pela Santa Sé em 2002. O texto dessa instrução foi traduzido e publicado em português pela Editora Vozes com o título “Instrução Geral sobre o Missal Romano”, com a apresentação do Frei Alberto Beckhäuser.

<sup>2</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 39.

## Capítulo 1

### Contexto Geral da Liturgia

#### História da Salvação

01. O ponto de partida para compreendermos a Liturgia, segundo a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), é a perspectiva da História da Salvação, isto é, Deus participa e intervém na história humana revelando-se e conduzindo sua criação segundo um projeto de Amor.
02. A História da Salvação possui três momentos:
- 1º- Tempo da Promessa.** Esse momento consiste na preparação segundo a paciente intervenção do Pai, na história e na cultura do povo de Israel, ao longo dos séculos, através dos acontecimentos e dos profetas;<sup>3</sup>
  - 2º- Plenitude dos Tempos.** É o cumprimento das promessas do Antigo Testamento e do desígnio de Amor do Pai na pessoa do Filho de Deus, Jesus Cristo. Assim, com a encarnação de Cristo, Deus vem ao encontro e se une à humanidade, divinizando-a em Cristo pelo Mistério Pascal. O Mistério Pascal é o centro da História da Salvação e o objeto principal da Liturgia da Igreja;
  - 3º- Tempo da Igreja.** É o prolongamento da História da Salvação realizada pelo Mistério Pascal de Cristo e exercida pela Igreja através do Espírito Santo em todas as nações e povos até o fim dos tempos.
03. Um dos sentidos mais belos da palavra “salvar” é “unir-se com Deus”<sup>4</sup>. Na História da Salvação o que impulsiona o agir de Deus e o que deve ficar em primeiro plano é o desígnio eterno de Amor do Pai, que antecede toda a obra da criação, e não o Pecado. É o que percebemos em São Paulo: “Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor”<sup>5</sup> e também em São João: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”<sup>6</sup>. Portanto, na Liturgia da Igreja, Deus prossegue a História da Salvação<sup>7</sup> com a intenção principal de nos convidar “a uma comunhão íntima consigo mesmo, revestindo-nos de uma graça e de uma justiça chamejante”.<sup>8</sup>

#### O que é Liturgia?

04. O conceito etimológico da palavra “Liturgia” indica uma “ação em benefício do bem comum”. O Catecismo da Igreja Católica apresenta a Liturgia Cristã como uma obra da Santíssima Trindade<sup>9</sup> executada por Cristo – Sumo e Eterno Sacer-

<sup>3</sup> Cf. Hb 1,1

<sup>4</sup> Isso se fundamenta no projeto original da criação narrado nos três primeiros capítulos do livro do Gênesis. A situação original do ser humano no relacionamento com Deus é a amizade, o estar juntos. Com o Pecado, esta situação original foi degenerada. Após desobediência a Deus, Adão e Eva fogem, se escondem e se afastam de Deus que os procura no Jardim do Éden.

<sup>5</sup> Ef 1,4 (As citações contidas nesse Diretório foram extraídas da Bíblia de Jerusalém, Ed. Paulus, 2002).

<sup>6</sup> Jo 3,16

<sup>7</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 6.

<sup>8</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 54.

<sup>9</sup> Cf. idem, n. 1077-1109.

dote –, através do seu Corpo Místico, que é a Igreja, em favor de toda a humanidade.

05. Na Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, a Liturgia é considerada como “o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros. Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de Seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja”.<sup>10</sup>
06. Os cristãos, reunindo-se numa assembléia litúrgica, além de manifestar o Mistério de Igreja, manifestam também o Mistério de Cristo, presente na comunidade eclesial, que age para a salvação de toda a criação. Com a ação litúrgica, além da Igreja, beneficia-se também toda a humanidade, pois o Mistério da Salvação se torna presente.
07. Essa participação nos atos salvíficos de Cristo na Liturgia ocorre no exercício do sacerdócio régio concedido a todo batizado. A participação plena, consciente e ativa do cristão numa celebração litúrgica torna-se um direito e uma obrigação<sup>11</sup> e deve ser respeitado e promovido pelos ministérios ordenados ou não, principalmente por meio de estudos e formações.

### **Como a Liturgia acontece?**

08. A ação salvífica na Liturgia ocorre por meio de uma linguagem chamada Rito. O Rito é o ordenamento de ações simbólicas, constituído por gestos e palavras, que busca a integração entre Deus e os homens. A ação ritual é uma linguagem assumida por Deus para revelar ao homem o seu mistério salvífico e comunicar a graça divina. Jesus na última ceia, realizando o rito judaico, transforma-o no memorial da sua paixão, morte e ressurreição, e transmite à Igreja pelos apóstolos.
09. O rito possui as seguintes finalidades:
- a. celebrar a Aliança Eterna entre Deus e os homens realizada no Mistério Pascal;
  - b. transmitir com fidelidade o Patrimônio da Fé de geração em geração (Tradição da Igreja);
  - c. manter a unidade da Igreja segundo uma linguagem simbólica determinada (Rito Romano).
10. Com a renovação litúrgica, a compreensão das ações simbólicas se fundamenta na tradição bíblica. Antes havia muitos tradicionalismos conservados no agir ritual da Igreja, fruto das épocas e dos povos ao longo da história da Igreja. Hoje, busca-se beber das fontes da Revelação e inculturar essas ações simbólicas na história contemporânea dos povos.

### **Celebração de um Memorial**

<sup>10</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 7.

<sup>11</sup> Cf. idem, n. 14.

11. No rito, a Igreja celebra o memorial do evento central da história da salvação, que é o Mistério Pascal de Cristo. Nessa frase temos mais dois conceitos fundamentais em Liturgia:
12. - **Celebrar**: é uma palavra de origem latina com a mesma raiz das palavras “célebre”, “celebridade”, e significa “lembrar”, “recordar”, “não deixar cair no esquecimento”. No Antigo Testamento temos várias referências sobre essa dimensão da vida da fé e vemos também os danos e os sofrimentos para o Povo de Israel quando eles “esqueciam” da aliança com Deus<sup>12</sup>, isto é, não celebravam plenamente – fé e vida – essa aliança.
13. - **Memorial**: geralmente na cultura ocidental, para fixar na memória das pessoas os atos heróicos ou a vida de alguém importante, erige-se uma estátua ou dedica-se uma praça ou uma construção em sua homenagem (rua, ponte, edifício, cidade,...). Pela influência da cultura judaica na Liturgia Cristã, nós realizamos o memorial da pessoa de Jesus Cristo por meio de ritos que recordam os ensinamentos e o testemunho do Filho de Deus. Portanto, quando celebramos o memorial do Mistério Pascal sob a força do Espírito Santo presente nas ações da Igreja, nós estamos:
  - a. recordando a Aliança Nova e Eterna entre Deus e a humanidade, selada em Jesus Cristo num momento histórico da humanidade (“Plenitude dos Tempos”);
  - b. atualizando a presença e a ação de Cristo no mundo, por meio da ação sacramental da Igreja, ligada com o compromisso pessoal e comunitário na vivência e testemunho dos ensinamentos evangélicos;
  - c. profetizando a consumação do Reino de Deus no mundo, que ainda está em construção e por vir plenamente no fim dos tempos.

### O Mistério da Eucaristia

14. “O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para perpetuar no decorrer dos séculos, até Ele voltar, o sacrifício da cruz, e para confiar assim à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura.”<sup>13</sup>
15. A celebração da Eucaristia é o centro da vida trinitária<sup>14</sup> que alimenta toda a vida cristã, sem a qual uma comunidade não cresce e nem se edifica no conhecimento do Evangelho e na prática de boas obras da fé. Portanto, celebrar a Eucaristia é atualizar a livre entrega do dom da Vida de Cristo à humanidade como alimento e penhor do céu, de tal forma que sem este sacramento a comunidade cristã não pode viver. É uma necessidade do cristão participar da celebração dominical e alimentar-se do pão eucarístico, pois de outro modo não se pode encontrar a força necessária para o caminho que há de percorrer.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Cf. Sl 137 (136),5-6; Ex 20,8-11; Dt 8,1-6; 16,1-8

<sup>13</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 47.

<sup>14</sup> Cf. Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*, n. 11.

<sup>15</sup> Cf. Homilia do Papa Bento XVI no encerramento do XXIV Congresso Eucarístico Nacional Italiano, em Bari, no dia 29 de maio de 2005.

16. É na celebração da Eucaristia que a Igreja Peregrina se une à Igreja do Céu<sup>16</sup>, havendo por Cristo, com Cristo e em Cristo um intercâmbio maravilhoso de dons e graças. Daí a necessidade de os cristãos serem preparados para bem participar neste infinito Mistério de amor confiado à Igreja, desde a noite do cenáculo.

---

<sup>16</sup> “Cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo, dos que são peregrinos na terra, dos defuntos que estão terminando a sua purificação, dos bem-aventurados do céu, formando todos juntos uma só Igreja, e cremos que nesta comunhão o amor misericordioso de Deus e dos seus santos está sempre à escuta das nossas orações” Credo do Povo de Deus: profissão de fé solene, n. 30 e Catecismo da Igreja Católica, n. 962.

## Capítulo 2

### Algumas Orientações Gerais para a Celebração Eucarística

#### O Tempo Litúrgico

17. A Igreja celebra o Mistério Pascal de Cristo ao longo do ano litúrgico que começa no 1º domingo do Advento e termina com a 33ª ou 34ª semana do Tempo Comum (na qual se celebra a solenidade de Cristo Rei).
18. O núcleo estrutural do Ano Litúrgico é o Domingo, o dia da Ressurreição do Senhor, dia que a comunidade é convocada de modo muito especial por Cristo para se reunir e celebrar a Eucaristia.
19. “O dia litúrgico se estende de meia-noite a meia-noite. A celebração do domingo e das solenidades, porém, começa com as vésperas do dia precedente.”<sup>17</sup>
20. Para cada tempo litúrgico existe uma espiritualidade e uma normativa própria nas celebrações eucarísticas. Entretanto não abordaremos profundamente esse tema devido à extensão do assunto. Que as Equipes Litúrgicas sempre consultem o “Diretório de Liturgia” publicado anualmente pela CNBB que traz preciosas orientações para as celebrações de cada dia do ano.

#### As Cores Litúrgicas dos Paramentos

21. As cores litúrgicas são sinais que auxiliam a assembléia a se envolver com o Mistério Pascal estendido ao longo do ano. As cores litúrgicas referem-se primeiramente aos paramentos dos ministros ordenados<sup>18</sup>. É possível utilizar essas cores nas velas do altar, nas vestes dos leitores e dos coroinhas, ou em pequenos arranjos no presbitério e na nave da igreja (fora do presbitério). Tudo isso depende da criatividade, do bom-senso e da beleza com que se ornamenta o Espaço Sagrado, com a aprovação do pároco.
22. As cores adotadas pela Liturgia da Igreja Católica<sup>19</sup> são:
  - a. **Branca ou Dourada:** manifesta a alegria, a festa, a vitória do Senhor sobre o Pecado. É usada no Tempo Pascal e do Natal do Senhor; nas celebrações do Senhor, exceto as de sua Paixão, da Bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos Anjos, dos Santos não Mártires, nas solenidades de Todos os Santos (no domingo posterior a 01 de novembro), de São João Batista (24 de junho), nas festas de São João Evangelista (27 de dezembro), da Cátedra de São Pedro (22 de fevereiro), e da Conversão de São Paulo (25 de janeiro);
  - b. **Vermelha:** manifesta o fogo e o amor divino do Espírito Santo, e o sangue e o sacrifício daqueles que foram fiéis até o martírio. É usada no Domingo da Paixão (Ramos), na Sexta-feira Santa, no Domingo de Pentecostes, nas festas natalícias dos Apóstolos e Evangelistas, e nas celebrações dos mártires;

<sup>17</sup> Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral, n. 3.

<sup>18</sup> Atenção para não confundir os termos: os ministros ordenados (bispo, presbítero, diácono) com os outros ministros leigos que podem ser instituídos ou não, e estão a serviço da Liturgia.

<sup>19</sup> Cf. Diretório da Liturgia 2005, n. XXX, pág. 32.



- c. **Verde:** é a cor que exprime a esperança da vida eterna e o crescimento do Reino de Deus na Igreja ao longo do tempo. É usada durante o Tempo Comum;
- d. **Roxa:** simboliza a penitência e a conversão. É usada no tempo do Advento e da Quaresma. É usada nas celebrações dos Fiéis Defuntos;
- e. **Preta:** pode ser usada nas celebrações dos Fiéis Defuntos;
- f. **Rosa ou Violáceo:** manifesta a alegria da proximidade do Senhor e a pausa no rigor penitencial. Pode ser usada no 3º domingo do Advento e no 4º domingo da Quaresma.

### Diálogo Esposal da Celebração Litúrgica

23. A Carta Apostólica “*Spiritus et Sponsa*”, escrita pelo papa João Paulo II em 2003, na comemoração do 40º aniversário da Constituição “*Sacrosanctum Concilium*”, apresenta a dinâmica celebrativa da Liturgia da Igreja na contemplação do livro do Apocalipse: “O Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem!’ Que aquele que ouve diga também: ‘Vem!’ Que o sedento venha, e quem o deseja receba gratuitamente água da vida”.<sup>20</sup>
24. Assim a Igreja como Esposa, impulsionada pelo Espírito Santo, pede constantemente a vinda do seu Esposo, Jesus Cristo, para nutri-la de todas as graças e bênçãos de Vida Eterna<sup>21</sup>. Tudo isso remonta à experiência do apóstolo Paulo sobre o Matrimônio, que ele compara à união de Cristo com a sua Igreja<sup>22</sup>.
25. Essa dinâmica de proposta e resposta entre o Esposo e a Esposa é concretizada nas celebrações litúrgicas através do diálogo entre o sacerdote presidente que age na Pessoa de Cristo e a assembleia que é a imagem de toda a Igreja – Esposa de Cristo. Assim o sacerdote, agindo pela força do sacramento da Ordem, revela e propõe para a Igreja o amor salvador. E a Igreja, pela assembleia litúrgica, o ouve e, no seu momento, responde ao amor do seu Esposo, que é o Cristo na pessoa do sacerdote. Por isso, certas partes da celebração da missa que são próprias do sacerdote (bispo ou presbítero) e outras próprias da assembleia<sup>23</sup>. Por exemplo, a Oração Eucarística é uma oração sacerdotal do qual a assembleia pode participar através da escuta da voz do sacerdote e intervir nas aclamações já previstas. Existem outras partes da celebração eucarística que determinadas pelo missal indicando qual é a voz do Esposo (Cristo na pessoa do sacerdote) e qual é a voz da Esposa (Igreja)<sup>24</sup>. Ignorar esta dinâmica é romper esse relacionamento amoroso. Assim como num casamento, onde não existe diálogo entre os cônjuges não existe a experiência verdadeira do amor.
26. Para frisar mais, lembremos o que diz o Concílio: “Nas celebrações litúrgicas, cada qual, ministro ou fiel, ao desempenhar a sua função, faça tudo e só aquilo que pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas lhe compete”.<sup>25</sup>

<sup>20</sup> Ap 22,17.

<sup>21</sup> Cf. Ef 1,3-14.

<sup>22</sup> Cf. Ef 5,21-32.

<sup>23</sup> Cf. Código de Direito Canônico, cân. 907.

<sup>24</sup> O Missal prescreve que a Doxologia da Oração Eucarística (Por Cristo, com Cristo e em Cristo...) é proferida por quem é sacerdote. Logo, os diáconos e os leigos não rezam juntos com os sacerdotes, mas somente respondem o Amém conclusivo. Outro exemplo é a Oração da Paz (Senhor Jesus distestes aos vossos apóstolos: Eu vos deixo a paz, Eu vos dou a minha paz...) que também só o presidente da celebração reza, deixando a resposta para a assembleia.

<sup>25</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 28.

## O Silêncio Sagrado

27. Faz-se necessário destacar a suma importância do silêncio na celebração porque ele valoriza a Palavra de Deus. O Silêncio Sagrado é parte integrante da celebração e como tal deve ser respeitado para favorecer a ação do Espírito Santo no coração dos homens.<sup>26</sup>
28. A natureza do silêncio depende do momento em que ocorre:<sup>27</sup>
- antes do início da celebração, tanto na igreja, na sacristia e nos lugares mais próximos, para que ministros e fiéis se preparem para celebrar dignamente o Mistério de Cristo;
  - no ato penitencial, após a motivação do presidente, a assembléia reconhece seus pecados, suas fraquezas e seus limites, e implora a misericórdia de Deus;
  - depois do “Oremos” da oração do dia . A convite do presidente, em silêncio, a assembléia “toma consciência de que está na presença de Deus e formula interiormente seus pedidos”;<sup>28</sup>
  - durante a liturgia da Palavra. Pode ser realizado antes de iniciar a liturgia da Palavra ou depois de uma das leituras ou ainda depois da homilia. Este silêncio tem por finalidade de acolher no coração a Palavra de Deus e preparar a resposta pela oração;<sup>29</sup>
  - após a comunhão eucarística. É um momento que se procura uma profunda comunhão com o Senhor no louvor, na ação de graças ou nos pedidos. “Para completar a oração do povo de Deus e encerrar todo o rito da comunhão, o sacerdote profere a oração depois da comunhão, em que implora os frutos do mistério celebrado”.<sup>30</sup>

**Observação:** Nas celebrações transmitidas pela rádio ou televisão, há outras orientações condicionadas por esses veículos de comunicação.

## Os gestos e as posições do corpo

29. Os gestos e as posições do corpo “devem contribuir para que a celebração resplandeça pelo decoro e nobre simplicidade, se compreenda a verdadeira e plena significação de suas diversas partes e se favoreça a participação de todos”.<sup>31</sup>
30. A mesma posição do corpo realizada pela assembléia “é sinal da unidade dos membros da comunidade cristã, reunidos para a Sagrada Liturgia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes”<sup>32</sup>. E mais ainda: “Formem um único corpo, seja ouvindo a palavra de Deus, seja tomando parte nas orações e no canto, ou sobretudo na oblação comum do sacrifício e na comum participação da mesa do Senhor. Tal unidade se manifesta muito bem quando todos os fiéis realizam em comum os mesmo gestos e assumem as

<sup>26</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 30.

<sup>27</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 45.

<sup>28</sup> Idem, n. 54.

<sup>29</sup> Cf. idem, n. 56.

<sup>30</sup> Idem, n. 89.

<sup>31</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 42 e cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 30 e 21.

<sup>32</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 42.

mesmas atitudes externas”<sup>33</sup>. “Para se obter a uniformidade nos gestos e posições do corpo numa mesma celebração, obedçam os fiéis aos avisos pelo diácono, por um ministro leigo ou pelo sacerdote, de acordo com o que vem estabelecido no Missal”<sup>34</sup>.

31. As posições do corpo ao longo da celebração são:

- a. **De pé:** é sinal da prontidão, do serviço, da ressurreição, da dignidade dos filhos de Deus. Ficamos de pé desde a Procissão de Entrada até a oração do dia inclusive; na Aclamação ao Evangelho, bem como na sua Proclamação, na Profissão de Fé; na Oração da Comunidade e desde o convite “Orai irmãos e irmãs...” até o fim da missa, exceto nas partes citadas em seguida;<sup>35</sup>
- b. **Sentado:** é a atitude de quem ouve e medita a Palavra de Deus. Sentamos durante as Leituras Bíblicas antes do Evangelho; durante a Homilia, durante a Preparação das Oferendas, e, se for conveniente, enquanto se observa o silêncio sagrado depois da comunhão;<sup>36</sup>
- c. **De joelhos:** é o ato de adoração e de humildade diante de Deus. “Ajoelhem-se, porém, durante a consagração, a não ser que, por motivo de saúde ou falta de espaço ou o grande número de presentes ou outras causas razoáveis não o permitam. Contudo, aqueles que não se ajoelham na consagração, façam inclinação profunda enquanto o sacerdote faz genuflexão após a consagração”;<sup>37</sup>
- d. **Genuflexão:** é um gesto de reverência no qual se dobra o joelho direito até o chão como sinal de adoração e humildade diante do Santíssimo Sacramento e, em certas ocasiões, como na Sexta-feira Santa, diante da Cruz. Na celebração da missa, caso o Santíssimo Sacramento esteja no centro do presbitério, realizamos só uma genuflexão em direção ao altar e à Eucaristia, tanto na Procissão de Entrada como na Procissão de Saída após a bênção de envio. Nessas procissões, os “que levam a cruz processional e as velas, em vez de genuflexão, fazem inclinação de cabeça”<sup>38</sup> ao altar e o que conduz o Evangeliário omite tanto a genuflexão como a inclinação<sup>39</sup>. No decorrer da celebração, todos os que passarem em frente do altar e do Santíssimo fazem somente a inclinação de corpo<sup>40</sup>. Além disso, o sacerdote presidente realiza três genuflexões: uma depois da apresentação do pão e outra depois da apresentação do cálice com o vinho, durante a consagração; e por fim, após o rito do Cordeiro de Deus<sup>41</sup>. Quando os sacerdotes concelebrantes se aproximarem do altar para comungar, realizem a genuflexão;<sup>42</sup>
- e. **Inclinação:** é um gesto que manifesta “a reverência e a honra que se atribuem às próprias pessoas ou aos seus símbolos. Há duas espécies de inclinação: de cabeça e de corpo.

<sup>33</sup> Idem, n. 96.

<sup>34</sup> Idem, n. 43.

<sup>35</sup> Cf. idem.

<sup>36</sup> Cf. idem.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> Idem, n. 274.

<sup>39</sup> Cf. idem, n. 173.

<sup>40</sup> Cf. idem, n. 274.

<sup>41</sup> Cf. idem.

<sup>42</sup> Cf. idem, n. 242, 246a e 248.

- Inclinação de cabeça: faz-se quando se nomeiam juntas as três Pessoas Divinas (por exemplo: *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...*), o nome de Jesus, da Virgem Maria e do Santo em cuja honra se celebra a missa;
- Inclinação de corpo ou inclinação profunda: faz-se ao altar (desde que não se encontre o Santíssimo no centro do presbitério), às orações *Ó Deus todo poderoso, purificai-me*<sup>43</sup> e *De coração contrito*<sup>44</sup>; no símbolo da fé às palavras *E se encarnou*; no Cânon Romano (Oração Eucarística I) às palavras *Nós vos suplicamos*. O diácono faz a mesma inclinação quando pede a bênção antes de proclamar o Evangelho. Além disso, o sacerdote inclina-se um pouco quando, na consagração, profere as palavras do Senhor.<sup>45</sup>

### Missas Rituais

32. As missas rituais são celebrações eucarísticas unidas a outros sacramentos ou sacramentais como, por exemplo, a confirmação, a ordenação, a profissão religiosa,...
33. Para as missas rituais, há uma seleção especial de textos da Sagrada Escritura e formulários específicos de orações para a celebração de cada sacramento ou sacramental<sup>46</sup>. A utilização destes textos bíblicos e formulários de orações das missas rituais, bem como a sua cor litúrgica, é permitida todos os dias, exceto “nos domingos do Advento, da Quaresma, da Páscoa, nas solenidades, nos dias da oitava da Páscoa, na Comemoração de Todos os Fiéis defuntos, na Quarta-feira de Cinzas e nos dias de semana da Semana Santa, observando-se, além disso, as normas contidas nos livros rituais e nas próprias missas.”<sup>47</sup>

### Missa com diácono

34. “Quando está presente à celebração eucarística, o diácono, revestido das vestes sagradas, exerça seu ministério. Assim, o diácono:
- a. assiste o sacerdote e caminha a seu lado;
  - b. ao altar, encarrega-se do cálice e do livro (missal);
  - c. proclama o Evangelho e, por mandado do presidente da celebração, pode fazer a homilia;
  - d. orienta o povo fiel através de oportunas exortações e enuncia as intenções da oração universal;
  - e. auxilia o sacerdote na distribuição da Comunhão e purifica e recolhe os vasos sagrados;

<sup>43</sup> Essa oração é feita em silêncio pelo sacerdote diante do altar, quando ele se dirige ao ambão para a proclamação do Evangelho.

<sup>44</sup> Também é recitada em silêncio pelo sacerdote na apresentação das oferendas, após a oração sobre o cálice.

<sup>45</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 275.

<sup>46</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 359. Consulte-se o Ritual Romano para o Sacramento ou Sacramental que se deseja unir à missa, para conhecer os seus textos bíblicos e seus formulários de orações.

<sup>47</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 372.

- f. se não houver outros ministros, exerce as funções deles, conforme a necessidade.”<sup>48</sup>
35. “Conduzindo o Evangeliário, pouco elevado, o diácono precede o sacerdote que se dirige ao altar; se não, caminha a seu lado.”<sup>49</sup>
36. “Chegando ao altar, se conduzir o Evangeliário, omitida a reverência, sobe ao altar. E, tendo colocado o Evangeliário com deferência sobre o altar, com o sacerdote venera o altar com um ósculo (beijo). Se, porém, não conduzir o Evangeliário, faz, como de costume, com o sacerdote profunda inclinação ao altar e, com ele, venera-o com um ósculo. Por fim, se for usado incenso, assiste o sacerdote na colocação do incenso e na incensação da cruz e do altar.”<sup>50</sup>
37. “Incensado o altar, dirige-se para a sua cadeira com o sacerdote, permanecendo aí ao lado do sacerdote e servindo-o quando necessário.”<sup>51</sup>
38. “Enquanto é proferido o Aleluia ou outro canto, o diácono, quando se usa incenso, serve o sacerdote na imposição do incenso. Em seguida, profundamente inclinado diante do sacerdote, pede, em voz baixa a bênção, dizendo: ‘Dá-me a tua bênção’. O sacerdote o abençoa, dizendo: ‘O Senhor esteja em teu coração...’. O diácono faz o sinal da cruz e responde: ‘Amém’. Em seguida, feita uma inclinação ao altar, toma o Evangeliário, que louvavelmente se encontra colocado sobre o altar e dirige-se ao ambão, levando o livro um pouco elevado, precedido do turiferário com o turíbulo fumegante e dos ministros com velas acesas. Ali, ele saúda o povo, dizendo de mãos unidas: ‘O Senhor esteja convosco’ e, em seguida, às palavras Proclamação do Evangelho, traça o sinal da cruz com o polegar sobre o livro e, a seguir, sobre si mesmo, na fronte, sobre a boca e o peito, incensa o livro e proclama o Evangelho. Ao terminar, aclama: ‘Palavra da Salvação’, respondendo todos: ‘Glória a vós, Senhor’. Em seguida, beija o livro, dizendo em silêncio: ‘Pelas palavras do santo Evangelho...’, e volta para junto do sacerdote. Quando o diácono serve ao bispo, leva-lhe o livro para ser osculado ou ele mesmo o beija (...). Em celebrações mais solenes o bispo, conforme a oportunidade, abençoa o povo com o Evangeliário. Por fim, o Evangeliário pode ser levado para a credência ou outro lugar adequado e digno.”<sup>52</sup>
39. “Não havendo outro leitor preparado, o diácono profere também as outras leituras.”<sup>53</sup>
40. “Após a introdução do sacerdote, o diácono propõe, normalmente do ambão, as intenções da oração dos féis (preces).”<sup>54</sup>
41. “Terminada a oração universal, enquanto o sacerdote permanece em sua cadeira, o diácono prepara o altar com a ajuda do acólito<sup>55</sup>; cabe-lhe ainda cuidar dos vasos sagrados. Assiste o sacerdote na recepção das dádivas do povo. Entrega ao sacerdote a patena com o pão que vai ser consagrado; derrama vinho e um pouco d’água no cálice, dizendo em silêncio: ‘Pelo mistério desta água...’ e, em

<sup>48</sup> Idem, n. 171.

<sup>49</sup> Idem, n. 172.

<sup>50</sup> Idem, n. 173.

<sup>51</sup> Idem, n. 174 e 310.

<sup>52</sup> Idem, n. 175.

<sup>53</sup> Idem, n. 176.

<sup>54</sup> Idem, n. 177.

<sup>55</sup> Por “acólito” entende-se aquela pessoa oficialmente instituída pelo Ordinário (bispos e superiores religiosos).

seguida, apresenta o cálice ao sacerdote. Ele pode fazer esta preparação do cálice também junto à credência. Quando se usa incenso, serve o sacerdote na incensação das oferendas, da cruz e do altar, e depois ele mesmo ou o acólito incensa o sacerdote e o povo.”<sup>56</sup>

42. “Durante a Oração Eucarística, o diácono permanece de pé junto ao sacerdote, mas um pouco atrás, para cuidar do cálice ou do missal, quando necessário. A partir da epíclese (da invocação do Espírito Santo sobre as oferendas) até a apresentação do cálice o diácono normalmente permanece de joelhos. Se houver vários diáconos, um deles na hora da consagração pode colocar incenso no turíbulo e incensar na apresentação da hóstia e do cálice.”<sup>57</sup>
43. “À doxologia final da Oração Eucarística, de pé ao lado do sacerdote, (o diácono) eleva o cálice, enquanto o sacerdote eleva a patena com a hóstia, até que o povo tenha aclamado: ‘Amém’”<sup>58</sup>. A proclamação da oração ‘Por Cristo, com Cristo e em Cristo...’ é exclusivamente sacerdotal. O diácono aclama o ‘Amém’ juntamente com os fiéis leigos.
44. “Depois que o sacerdote disse a oração pela paz e: ‘A paz do Senhor esteja sempre convosco’, o povo responde: ‘O amor de Cristo nos uniu’, o diácono, se for o caso, faz o convite à paz, dizendo, de mãos juntas e voltado para o povo: Meus irmãos e minhas irmãs, saudai-vos em Cristo Jesus. Ele, por sua vez, recebe a paz do sacerdote e pode oferecê-la aos outros ministros que lhe estiverem mais próximos.”<sup>59</sup>
45. A fração do pão eucarístico é realizada somente pelo presidente da celebração, ajudado, se é o caso, pelo diácono ou por um (sacerdote) concelebrante, mas não por um leigo (por exemplo: acólito, ministro extraordinário da sagrada comunhão, coroinha...). Inicia-se esta fração do pão depois de dar a paz, enquanto se recita o ‘Cordeiro de Deus’.<sup>60</sup>
46. “Tendo o sacerdote comungado<sup>61</sup>, o diácono recebe a Comunhão sob as duas espécies do próprio sacerdote<sup>62</sup> e, em seguida, ajuda o sacerdote a distribuir a Comunhão ao povo. Sendo a Comunhão ministrada sob as duas espécies, apresenta o cálice aos comungantes e, terminada a distribuição, consome logo com reverência, ao altar, todo o Sangue de Cristo que tiver sobrado...”<sup>63</sup>
47. “Concluída a distribuição da Comunhão, o diácono volta com o sacerdote ao altar e reúne os fragmentos, se houver. A seguir, leva o cálice e os outros vasos

<sup>56</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 178.

<sup>57</sup> Idem, n. 179.

<sup>58</sup> Idem, n. 180.

<sup>59</sup> Idem, n. 181.

<sup>60</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 73 e cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n.

83.

<sup>61</sup> Isso vale para o sacerdote presidente da celebração como também aos demais concelebrantes (cf. IGMR n. 244).

<sup>62</sup> Na missa, quando o diácono recebe a comunhão, o sacerdote apresenta-lhe o pão e o vinho eucarísticos dizendo: “O Corpo e o Sangue de Cristo” e o diácono professa sua fé dizendo: “Amém” (cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 249). Quando, porém, o sacerdote ou diácono apresenta o pão e o vinho eucarístico ao(s) sacerdote(s) concelebrante(s), nada se fale (cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 98). A razão disso se encontra na natureza do ministério sacerdotal que garante à Igreja que aquele pão e aquele vinho é a Eucaristia. O diácono não é sacerdote, por isso que, juntamente com os fiéis leigos, deve professar sua fé diante do sacramento da Eucaristia.

<sup>63</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 182.

sagrados para a credência, onde os purifica e compõe como de costume, enquanto o sacerdote regressa à cadeira. Podem-se deixar devidamente cobertos na credência, sobre o corporal, os vasos a purificar e purificá-los imediatamente após a missa, depois da despedida do povo.”<sup>64</sup>

48. “Após a Oração depois da Comunhão, o diácono faz breves comunicações que se fizerem necessárias ao povo, a não ser que o próprio sacerdote prefira fazê-lo.”<sup>65</sup>
49. “Se for usada a oração sobre o povo ou a fórmula da bênção solene, o diácono diz: ‘Inclinai-vos para receber a bênção’. Dada a bênção pelo sacerdote, o diácono despede o povo, dizendo de mãos unidas e voltado para o povo”<sup>66</sup>: ‘Ide em paz e o Senhor vos acompanhe!’ ou com outras frases de envio sugeridas pelo Missal.
50. “A seguir, junto com o sacerdote, venera com um ósculo (beijo) o altar e, feita uma inclinação profunda, retira-se como à entrada.”<sup>67</sup>

### **Missas Concelebradas**

51. A missa concelebrada ocorre quando há a “participação simultânea de mais de um presbítero na celebração da mesma Eucaristia sob a presidência de um celebrante principal”<sup>68,69</sup>. Essa forma de celebração eucarística manifesta “a unidade do sacerdócio e do sacrifício, bem como a unidade de todo o povo de Deus”<sup>70</sup>.
52. Para a missa concelebrada há algumas determinações:
- a. Não é permitido celebrar a Eucaristia simultaneamente, no mesmo tempo e na mesma igreja em que se realiza outra celebração eucarística;<sup>71</sup>
  - b. É proibida a concelebração do sacrifício eucarístico juntamente com ministros de comunidades eclesiais que não tenham sucessão apostólica, nem reconhecida dignidade sacramental da ordenação sacerdotal, ou que não estejam em plena comunhão com a Igreja Católica;<sup>72</sup>
  - c. “Os presbíteros em peregrinação sejam acolhidos de bom grado para a celebração eucarística, contanto que seja reconhecida sua condição sacerdotal”;<sup>73</sup>
  - d. “Ninguém se associe e nem seja admitido a concelebrar, depois de já iniciada a missa”.<sup>74</sup>
53. Na procissão de entrada, os sacerdotes concelebrantes dirigem-se até o altar seguindo à frente do sacerdote presidente da celebração.<sup>75</sup>

<sup>64</sup> Idem, n. 183.

<sup>65</sup> Idem, n. 184.

<sup>66</sup> Idem, n. 185.

<sup>67</sup> Idem, n. 186.

<sup>68</sup> Por mais que alguns documentos oficiais ainda utilizem a palavra ‘celebrante’, este termo não é mais conveniente para o sacerdote que preside à celebração. Cf. n. 136 deste Diretório.

<sup>69</sup> Dicionário de Liturgia, org. Domenico Sartore e Achille M. Triacca, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, pg. 209.

<sup>70</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 199.

<sup>71</sup> Cf. idem.

<sup>72</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 172 c e cf. Código de Direito Canônico, cân, 908.

<sup>73</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 200.

<sup>74</sup> Idem, n. 206.

<sup>75</sup> Cf. idem, n. 210.

54. “Ao chegarem ao altar, os concelebrantes e o celebrante principal (...) veneram o altar com um ósculo (beijo), e se encaminham para as suas cadeiras. O celebrante principal, se for oportuno, incensa a cruz e o altar e, em seguida, vai até a cadeira.”<sup>76</sup>
55. “Durante a Liturgia da Palavra, os concelebrantes ocupam os seus lugares e levantam-se com o celebrante principal. Iniciado o Aleluia, todos se levantam, exceto o bispo, que coloca incenso, sem nada dizer e dá a bênção ao diácono ou, na sua ausência, ao concelebrante que vai proclamar o Evangelho. Contudo, na concelebração presidida por um presbítero, o concelebrante que, na ausência do diácono proclama o Evangelho, não pede nem recebe a bênção do celebrante principal.”<sup>77</sup>
56. “A preparação dos dons (isto é, do pão e do vinho no altar) é feita pelo celebrante principal, enquanto os outros concelebrantes permanecem nos respectivos lugares.”<sup>78</sup>
57. “Depois que o celebrante principal concluiu a oração sobre as oferendas, os concelebrantes aproximam-se do altar e colocam-se em torno dele, mas de tal forma que não dificultem a realização dos ritos e a visão das cerimônias sagradas por parte dos fiéis, nem impeçam o acesso do diácono ao altar ao exercer a sua função. O diácono exerce a sua função junto ao altar, ministrando, quando necessário, o cálice e o missal. Contudo, quanto possível, permanece de pé, um pouco atrás, após os sacerdotes concelebrantes, colocados em torno do celebrante principal.”<sup>79</sup>
58. “O Prefácio é cantado ou proclamado somente pelo sacerdote celebrante principal; mas o Santo é cantado ou recitado por todos os concelebrantes junto com o povo e o grupo de cantores.”<sup>80</sup>
59. “Terminado o Santo, os sacerdotes concelebrantes prosseguem a Oração Eucarística na maneira como se determina... (nas rubricas do Missal Romano). Só o celebrante principal fará os gestos indicados, caso não se determine outra coisa.”<sup>81</sup>
60. Da oração da epiclese (isto é, invocação) sobre as oferendas até a oração da epiclese sobre a assembléia<sup>82</sup>, os concelebrantes rezam todos juntos com o presidente da celebração, realizando os seguintes gestos:
- Estendendo suas mãos em direção às oferendas na oração da epiclese sobre as oferendas;<sup>83</sup>
  - Unindo as mãos no início do relato da instituição da Eucaristia;<sup>84</sup>
  - Ao proclamar “as palavras do Senhor, com a mão direita estendida para o pão e o cálice (...); à apresentação, olham para a hóstia e o cálice e depois se inclinam profundamente”;<sup>85</sup>

---

<sup>76</sup> Idem, n. 211.

<sup>77</sup> Idem, n. 212.

<sup>78</sup> Idem, n. 214.

<sup>79</sup> Idem, n. 215.

<sup>80</sup> Idem, n. 216.

<sup>81</sup> Idem, n. 217.

<sup>82</sup> Na Oração Eucarística II, a epiclese sobre a assembléia começa com as seguintes palavras: “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue...”

<sup>83</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 222a, 227a, 230a, 233a.

<sup>84</sup> Cf. idem, n. 222b, 227b, 230b, 233b.



d. Estendendo suas mãos na oração da memória do Mistério Pascal<sup>86</sup> e da epíclese sobre a assembléia.<sup>87</sup>

61. “As partes que são proferidas conjuntamente por todos os concelebrantes e, sobretudo as palavras da consagração, que todos devem expressar, quando forem recitadas, sejam ditas em voz tão baixa de tal modo que se ouça claramente a voz do celebrante principal. Dessa forma as palavras são mais facilmente entendidas pelo povo.”<sup>88</sup>
62. Convém que as intercessões da Oração Eucarística sejam confiadas a um ou mais concelebrantes, que as recita sozinho, em voz alta, de mãos estendidas.<sup>89</sup>
63. “A doxologia final da Oração Eucarística (Por Cristo, com Cristo, em Cristo...) é proferida somente pelo sacerdote celebrante principal e, se se preferir, junto com os demais concelebrantes, não, porém, pelos fiéis.”<sup>90</sup>
64. “A seguir, o celebrante principal, de mãos unidas, diz a exortação que precede a Oração do Senhor e, com as mãos estendidas, reza a Oração do Senhor com os demais concelebrantes, também de mãos estendidas e com todo o povo.”<sup>91</sup>
65. “O ‘Livrai-nos...’ é dito apenas pelo celebrante principal, de mãos estendidas. Todos os concelebrantes dizem com o povo a aclamação final: ‘Vosso é o reino’.”<sup>92</sup>
66. Depois do convite do diácono ou, na sua ausência, de um dos concelebrantes: ‘Meus irmãos e minhas irmãs, saudai-vos em Cristo Jesus’, todos se cumprimentam permanecendo sempre dentro do presbitério<sup>93</sup>. Os concelebrantes que se encontram mais próximos do presidente da celebração recebem a sua saudação antes do diácono.<sup>94</sup>
67. “Durante o Cordeiro de Deus, os diáconos ou alguns dos concelebrantes podem auxiliar o celebrante principal a partir as hóstias para a Comunhão dos concelebrantes e do povo.”<sup>95</sup>
68. “Após depositar no cálice a fração da hóstia, só o celebrante principal, de mãos juntas, diz em silêncio a oração ‘Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo’, ou ‘Senhor Jesus Cristo, o vosso Corpo e o vosso Sangue’.”<sup>96</sup>
69. “Terminada a oração antes da Comunhão, o celebrante principal faz genuflexão e afasta-se um pouco. Um após os outros, os concelebrantes se aproximam do centro do altar, fazendo genuflexão e tomam do altar, com reverência, o Corpo de Cristo; segurando-o com a mão direita e colocando por baixo a esquerda, retornam a seus lugares. Podem, no entanto, permanecer nos respectivos lugares e tomar o Corpo de Cristo da patena que o celebrante principal, ou um ou vários

<sup>85</sup> Idem, n. 222c, 227c, 230c, 233c.

<sup>86</sup> Esta oração inicia-se após a resposta da Assembléia diante do “Eis o Mistério da Fé!”. Na Oração Eucarística II, ela começa com as seguintes palavras: “Celebrando, pois, a memória...”.

<sup>87</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 222d, 227d, 230d, 233d.

<sup>88</sup> Idem, n. 218.

<sup>89</sup> Cf. idem, n. 234.

<sup>90</sup> Idem, n. 236.

<sup>91</sup> Idem, n. 237.

<sup>92</sup> Idem, n. 238.

<sup>93</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 72.

<sup>94</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 239.

<sup>95</sup> Idem, n. 240.

<sup>96</sup> Idem, n. 241.

dos concelebrantes seguram, passando diante deles; ou então passam a patena de um a outro até o último.”<sup>97</sup>

70. “A seguir, o celebrante principal toma a hóstia, consagrada na própria missa, e, mantendo-a um pouco elevada sobre a patena ou sobre o cálice, voltado para o povo, diz: ‘Felizes os convidados’, e continua com os concelebrantes e o povo, dizendo: ‘Senhor, eu não sou digno’.”<sup>98</sup>
71. “Em seguida, o celebrante principal, voltado para o altar, diz em silêncio: ‘Que o Corpo de Cristo me guarde para a vida eterna’, e comunga com reverência o Corpo de Cristo. Os concelebrantes fazem o mesmo, tomando a Comunhão. Depois deles, o diácono recebe das mãos do celebrante principal o Corpo do Senhor.”<sup>99</sup>
72. “Quando a Comunhão é feita diretamente do cálice, pode-se usar um dos seguintes modos:
- a. O celebrante principal, de pé ao meio do altar, toma o cálice e diz em silêncio: ‘Que o Sangue de Cristo me guarde para a vida eterna’, bebe um pouco do Sangue e entrega o cálice ao diácono ou a um concelebrante. A seguir, distribui a Comunhão aos fiéis. Os concelebrantes aproximam-se do altar, um a um, ou dois a dois quando se usam dois cálices, fazem genuflexão, tomam do Sangue, enxugam a borda do cálice e voltam para a respectiva cadeira.
  - b. O celebrante principal, de pé, no centro do altar, toma normalmente o Sangue do Senhor. Os concelebrantes podem tomar o Sangue do Senhor nos seus respectivos lugares, bebendo do cálice que o diácono, ou um dos concelebrantes lhes apresenta; ou também passando sucessivamente o cálice uns aos outros. O cálice é sempre enxugado, seja por aquele que bebe, seja por aquele que apresenta o cálice. Cada um, depois de ter comungado, volta à sua cadeira.”<sup>100</sup>
73. “O diácono, junto ao altar, consome, com reverência, todo o Sangue que restar, ajudado, se for preciso, por alguns dos concelebrantes; leva-o, em seguida, à credência, onde ele mesmo ou um acólito legitimamente instituído, como de costume, o purifica, enxuga e compõe.”<sup>101</sup>
74. “O celebrante principal procede ao mais como de costume até o final da missa, permanecendo os concelebrantes em suas cadeiras.”<sup>102</sup>
75. “Os concelebrantes, antes de se afastarem do altar, fazem-lhe uma inclinação profunda. O celebrante principal, com o diácono, porém, como de costume, beija o altar em sinal de veneração.”<sup>103</sup>

---

<sup>97</sup> Idem, n. 242.

<sup>98</sup> Idem, n. 243.

<sup>99</sup> Idem, n. 244.

<sup>100</sup> Idem, n. 246.

<sup>101</sup> Idem, n. 247.

<sup>102</sup> Idem, n. 250.

<sup>103</sup> Idem, n. 251.

## Capítulo 3

### O Espaço Sagrado para a Celebração

76. “Por sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e reuniu um povo adquirido. Este povo santo, reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é a Igreja ou templo de Deus, construído de pedras vivas, onde o Pai é adorado em espírito e verdade. Com muita razão, desde a antigüidade deu-se o nome de ‘igreja’ também ao edifício no qual a comunidade cristã se reúne, a fim de ouvir a Palavra de Deus, rezar em comum, freqüentar os sacramentos e celebrar a Eucaristia.”<sup>104</sup>
77. “Por ser um edifício visível, esta casa aparece como sinal peculiar da Igreja peregrina na terra e imagem da Igreja que habita nos céus. Convém, pois, que, ao se erigir um edifício única e estavelmente destinado à reunião do povo de Deus, e à celebração das ações sagradas, seja esta igreja dedicada ao Senhor em rito solene, segundo antiqüíssimo costume.”<sup>105</sup> “Todas as igrejas sejam dedicadas ou ao menos abençoadas. Contudo, as igrejas catedrais e paroquiais sejam solenemente dedicadas”<sup>106</sup> pelo bispo diocesano ou alguém por ele delegado, e a cada ano a comunidade celebre solenemente o dia da dedicação de sua igreja.
78. “Como pede sua natureza, a igreja terá de ser adequada às celebrações sacras, bela, resplandecente de nobre formosura e não de mera suntuosidade e verdadeiramente sinal e símbolo das realidades celestes. A disposição geral do edifício deve manifestar de algum modo a imagem do povo reunido e permitir uma ordem inteligente, bem como a possibilidade de se exercerem com decoro os diversos ministérios (...). Cuide-se, igualmente, com zelo de atender ao que se exige, quanto aos lugares, na celebração dos outros sacramentos, sobretudo do Batismo e da Penitência.”<sup>107</sup>
79. A Constituição Sacrosanctum Concilium também apresenta o critério fundamental da construção de uma igreja: “Ao se construírem igrejas, cuidem diligentemente que sejam funcionais, tanto para a celebração das ações litúrgicas, como para obter a participação dos fiéis”<sup>108</sup>. Por isso, o projeto arquitetônico de uma igreja não deve estar à mercê das necessidades logísticas ou, pior, basear-se segundo a mentalidade da construção de uma casa de shows com palco e platéia. O projeto de uma igreja deve considerar em primeiro lugar a funcionalidade dos ritos celebrativos e a manifestação da natureza do Mistério da Igreja na assembléia orante.
80. Para o serviço à fé, a Diocese de Ponta Grossa dispõe de uma Comissão Diocesana de Liturgia e Arte Sacra, constituída por pessoas preparadas no conhecimento litúrgico e indicadas pelo bispo diocesano para o acompanhamento nas edificações e reformas dos espaços sagrados.<sup>109</sup>

<sup>104</sup> Ritual da Dedicção de uma Igreja, n. 1.

<sup>105</sup> Idem, n. 2.

<sup>106</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 290.

<sup>107</sup> Ritual da Dedicção de uma Igreja, n. 3.

<sup>108</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 124.

<sup>109</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 291.

81. Durante a celebração eucarística, a assembléia litúrgica<sup>110</sup> se encontra distribuída em dois lugares sagrados que chamamos de presbitério (onde ficam o presidente da celebração, os outros ministros ordenados e os que auxiliam diretamente o presidente da celebração no altar) e de nave da igreja (onde ficam os ministros instituídos e os demais fiéis). Esses dois lugares devem ser de tal maneira estruturados que possam manifestar não só sinal de comunhão de todo o Povo de Deus, mas também o sinal de diferenciação entre os ministros ordenados e demais participantes da celebração.<sup>111</sup>
82. Além do presbitério e da nave da igreja, um outro espaço sagrado que não deveria ser ignorado numa igreja é o átrio. Localizado na porta principal da igreja, é o lugar de encontro e de acolhida dos fiéis que se reúnem para celebrar. No átrio pode haver uma equipe de acolhida que saúda os que chegam e deseja as boas-vindas aos que pela primeira vez vêm à igreja para participar da comunidade. A equipe de acolhida deve favorecer um espírito de família, superando todo tipo de divisão ou frieza nos relacionamentos, e ajudar a encontrar um lugar para aqueles que necessitam de assistência por idade avançada ou qualquer outro impedimento.
83. O átrio possui um valor simbólico enquanto lembra que aqueles que ainda não passaram pelo “pórtico da vida no Espírito”<sup>112</sup>, isto é, o Batismo, estão alheios à participação nos Mistérios de Cristo. Lembremos do Rito do Batismo, em que o candidato para o batizado, inicialmente, é acolhido pelo ministro na comunidade cristã à porta da igreja, isto é, no átrio<sup>113</sup>. Por isso, é que se recomenda que exista no átrio o reservatório de água benta para que os cristãos, ao entrarem ou saírem da igreja, possam assinalar-se com a cruz de Cristo, lembrando a graça batismal.

### **Elementos do espaço celebrativo para a Eucaristia**

84. Aqui será exposto o ideal na construção de uma igreja. Sabemos muito bem, que o ideal nem sempre é o possível para já devido às condições financeiras de muitas comunidades e, em alguns casos, é impossível, por se tratar de templos tombados pelo Patrimônio Histórico. Por isso, cada comunidade busque, com o tempo, atingir os parâmetros propostos pela Igreja, sempre considerando os valores e as características do templo, adequando a construção às características culturais da comunidade.

#### **a) O Altar**

85. A Instrução Geral sobre o Missal Romano diz que “o altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor

<sup>110</sup> “O povo de Deus, que se reúne para a Missa, constitui uma Assembléia orgânica e hierárquica que se exprime pela diversidade de funções e ações, conforme cada parte da celebração. Por isso, convém que a disposição geral do edifício sagrado seja tal que ofereça uma imagem da Assembléia reunida, permita uma conveniente disposição de todas as coisas e favoreça a cada um exercer corretamente a sua função.” Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 294

<sup>111</sup> “Convém que – o presbitério – se distinga do todo da igreja por alguma elevação, ou por especial estrutura e ornato. Seja bastante amplo para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista por todos.” Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 295.

<sup>112</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1213.

<sup>113</sup> Cf. Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, n. 73; e Ritual do Batismo de Crianças, n. 33 e 297.

na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia.”<sup>114</sup>

86. O altar exprime simultaneamente o valor sacrificial e comensal da Eucaristia. Não pode ser considerado somente como uma mesa qualquer, pois também é a pedra (ara) do sacrifício da Cruz que se perpetua sacramentalmente até que Cristo venha<sup>115</sup>. Compreendida essa função, o altar não exige grandes dimensões, mas somente o suficiente para dispor as oferendas sobre sua superfície, bem como os elementos necessários para a realização do rito da consagração.<sup>116</sup>
87. Que em cada igreja exista somente um único altar<sup>117</sup>, de tal forma “que signifique a assembléia única dos fiéis, o único altar, o único Salvador nosso Jesus Cristo, e a única Eucaristia da Igreja”<sup>118</sup>. O altar é a presença do Cristo-Cabeça, que reúne ao redor seus membros e é para ele que de algum modo convergem os outros ritos da Igreja<sup>119</sup>. É claro que nas igrejas históricas e que possuem diversos altares, além do altar-mor, é ponderado que não se alterem suas características.
88. “Convém que em toda igreja exista um altar fixo, que significa de modo mais claro e permanente Jesus Cristo, pedra viva (Cf. 1Pd 2,4; Ef 2,20); nos demais lugares dedicados às sagradas celebrações, o altar pode ser móvel”<sup>120</sup>. Por altar fixo entende-se aquele que se prende ao chão do presbitério, não podendo ser removido ou transportado. É significativo que o altar fixo seja de pedra e de uma única pedra natural<sup>121</sup>, sendo consagrado com o óleo do Santo Crisma, segundo o Pontifical Romano. Mas também ele pode ser feito com outros materiais sólidos e dignos<sup>122</sup>, não utilizando materiais que imitem a pedra ou madeiras sólidas como, por exemplo, fórmicas ou purpurina para imitar o ouro.
89. O altar deve ser construído “afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo (...). O altar ocupe um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembléia dos fiéis”<sup>123</sup>. Por isso, não se deve colocar a sede presidencial na frente do altar. Tome-se muito cuidado com qualquer tipo de decoração que obstrua, camufle ou esconda a visão do altar. Assim como todos os outros elementos litúrgicos, o altar deve ser construído artisticamente de forma que por si só manifeste o seu simbolismo. Não é adequado que se cubra o altar com enormes toalhas, cheias de bordados e pinturas, ou arranjos artísticos com flores ou com outros simbolismos em frente do altar, fazendo-o desaparecer diante dos olhos da assembléia. A mesa do altar deve estar à vista da assembléia, de tal modo que por si própria manifeste seu valor.
90. O altar é saudado com uma inclinação profunda por todos quantos se dirigem ao presbitério, dele se retiram ou passam na sua frente<sup>124</sup>. Além disso, o presidente

<sup>114</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 296.

<sup>115</sup> Cf. Ritual da Dedicção de um altar, n. 4.

<sup>116</sup> Cf. Auge, Matias. Liturgia: História, Celebração, Teologia e Espiritualidade. Ed. Ave Maria, 1998, p.

89.

<sup>117</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 41.

<sup>118</sup> Ritual da Dedicção de um altar, n. 7.

<sup>119</sup> Idem, n. 5.

<sup>120</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 298.

<sup>121</sup> Cf. Código de Direito Canônico, cân 1236.

<sup>122</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 301.

<sup>123</sup> Idem, n. 299.

<sup>124</sup> Cf. Cerimonial dos bispos – Cerimonial da Igreja, n. 72.

da celebração e demais ministros ordenados beijam o altar no início da missa, como sinal de veneração. No final da missa, antes de deixar o presbitério, o presidente da celebração e os diáconos assistentes beijam o altar. Se forem muitos os ministros ordenados, estes só farão a inclinação profunda.<sup>125</sup>

91. Mesmo fora das celebrações, o altar merece veneração e não perde o seu valor simbólico. Por isso, não se permita que se descansem os braços sobre o altar, nem se coloquem papéis, livros que não sejam o missal,... Durante a limpeza da igreja, não se coloquem materiais de limpeza sobre o altar.
92. O altar não deve ser utilizado como uma escrivaninha para se preencher formulários, anotar avisos, intenções de missa, etc... a não ser quando se trata de documentos canônicos, expressando um compromisso da aliança assumido em Cristo e diante da Igreja. Estes documentos são a carta de profissão perpétua dos religiosos<sup>126</sup>, a profissão pública de fé, a assinatura dos noivos na ata de celebração de casamento,...
93. A toalha deve ser na cor branca e seu tamanho deve combinar com o tamanho e a proporção da superfície do altar<sup>127</sup>. A toalha pode ser decorada segundo os critérios da sobriedade, simplicidade e nobreza.
94. Para realçar nossa fé na força simbólica do altar, cada detalhe é importante. Nota-se que em algumas igrejas colocam-se por sobre a toalha branca do altar um plástico de proteção contra a poeira e demais impurezas. É mais conveniente preservar a limpeza da toalha branca com uma espécie de manto, isto é, uma outra toalha, de tecido mais grosso, que poderia acompanhar a cor do tempo litúrgico da Igreja e que não escondesse a visão do altar. É claro que esse manto seria utilizado somente fora das celebrações, pois durante as celebrações pede-se que o altar seja revestido da sua toalha branca. Outro detalhe que prejudica e esvazia o valor do altar é transformá-lo numa espécie de armário, com portas e gavetas, porque ele não é um móvel qualquer, como se fosse uma extensão dos armários da sacristia.
95. Sempre se tenha junto ao altar uma cruz com a imagem do Cristo crucificado, permanecendo tanto nas celebrações ou fora das celebrações, e que seja bem visível para o povo reunido para recordar a paixão do Senhor<sup>128</sup>. Essa cruz pode ser conduzida, nas celebrações, na procissão de entrada<sup>129</sup>. É importante salientar o cuidado para não multiplicar o número de sinais no presbitério. Se no presbitério já existe uma cruz na parede, não se pode colocar mais uma outra cruz<sup>130</sup>. Isso também vale para as imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Virgem Maria e dos Santos.
96. Os castiçais com as velas manifestam a reverência e o caráter festivo da celebração. Que eles “sejam colocados, como parecer melhor, sobre o altar ou junto dele, levando em conta as proporções do altar e do presbitério, de modo a formarem um conjunto harmonioso e que não impeça os fiéis de verem aquilo que se

<sup>125</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 211 e 251; cf. Cerimonial dos bispos – Cerimonial da Igreja, n. 73.

<sup>126</sup> Cf. Ritual da Profissão Perpétua dos Religiosos, n. 65; Ritual da Profissão Perpétua das Religiosas, n. 70.

<sup>127</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 304

<sup>128</sup> Cf. idem, n. 308.

<sup>129</sup> Cf. idem, n. 117.

<sup>130</sup> Cf. idem, n. 122.

realiza ou se coloca sobre o altar”<sup>131</sup>. Quanto ao número de castiçais, a Igreja diz que “coloquem-se, em qualquer celebração, ao menos dois castiçais com velas acesas, ou então quatro ou seis, sobretudo quando se trata de missa dominical ou festiva de preceito, ou quando celebrar o bispo diocesano, colocam-se sete”<sup>132</sup>. A referência de sete velas acesas para celebrações com o bispo diocesano é para exprimir a plenitude dos dons do Espírito Santo na assembléia orante e a plenitude da manifestação do Mistério da Igreja quando o Pastor de uma diocese se reúne com o povo a ele confiado.

97. Quanto às flores, a Igreja ensina: “Na ornamentação do altar observe-se moderação. No Tempo do Advento se ornamenta o altar com flores com moderação tal que convenha à índole desse tempo, sem contudo, antecipar aquela plena alegria do Natal do Senhor. No Tempo da Quaresma é proibido ornamentar com flores o altar. Excetuam-se, porém, o domingo "Laetare" (IV na Quaresma), solenidades e festas. A ornamentação com flores seja sempre moderada e, ao invés de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocado junto a ele”<sup>133</sup>. Portanto, não se pode colocar vasos ou arranjos de flores em cima do altar. Ainda sobre este assunto, pede-se que não se utilizem flores artificiais, mas naturais.
98. Para a Celebração Eucarística, colocam-se sobre o altar somente os objetos requeridos pelo rito e no momento oportuno, a saber:
- “o Evangeliário, do início da celebração até a proclamação do Evangelho;”<sup>134</sup>
  - desde a apresentação das oferendas até a purificação dos vasos sagrados, o cálice com a patena, o cibório, se necessário, e, finalmente, o corporal, o purificatório (sangüíneo), a pala e o missal;
  - Além disso, se disponham de modo discreto os aparelhos que possam ajudar a amplificar a voz do sacerdote.”<sup>135</sup>
99. Somente o pão e o vinho para consagração, depois de apresentados pela assembléia, podem ser colocados sobre o altar. Outros símbolos sejam colocados em lugares previamente preparados fora do altar.

## b) O Ambão

100. O ambão é o lugar do qual se proclama a Palavra de Deus. O termo “ambão” indica “lugar alto”, “elevação”, “subir”. No livro de Neemias<sup>136</sup> lemos que Esdras estava sobre um suporte de madeira, feito para a ocasião, onde ele abriu o Livro da Lei à vista de todo o povo e o proclamou.
101. Na Liturgia da Palavra se proclamam do ambão as leituras bíblicas, o salmo responsorial, o precônio pascal (Exultet), as seqüências e pode também ser utilizado para a homilia e para a oração da comunidade<sup>137</sup>. Não se devem fazer do ambão os comentários<sup>138</sup>, orações meditativas, homenagens e nem dar avisos comunitários.

<sup>131</sup> Idem, n. 307.

<sup>132</sup> Idem, n. 117.

<sup>133</sup> Idem, n. 305.

<sup>134</sup> Quando se utiliza o Evangeliário, ele é trazido na procissão de entrada e depositado sobre o altar.

<sup>135</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 306.

<sup>136</sup> Cf. Ne 8,4-5.

<sup>137</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 309.

<sup>138</sup> Cf. idem, n. 105 b.

102. A Introdução Geral ao Lecionário nos ensina as características de um ambão: “... deve existir um lugar elevado, fixo, adequadamente disposto e com a devida nobreza, que ao mesmo tempo corresponda à dignidade da Palavra de Deus e lembre aos fiéis que na missa se prepara a mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo e que ajude da melhor maneira possível a que os fiéis ouçam bem e estejam atentos durante a Liturgia da Palavra. Por isso se deve procurar, segundo a estrutura de cada igreja, que haja uma íntima proporção e harmonia entre o ambão e o altar”<sup>139</sup>. Para demonstrar aos fiéis essa harmonia celebrativa, o ambão seja construído com o mesmo material do altar. Assim como o altar deve estar à vista da assembléia, o mesmo vale para o ambão. Logo, evite-se colocar toalhas, enfeites ou cartazes à frente do ambão.
103. O ambão deve ser um lugar construído com uma estrutura estável e não uma simples estante móvel, porque é um sinal de que a Palavra de Deus é firme, é a rocha na qual os cristãos alicerçam as suas vidas. O ambão deve ocupar um lugar de destaque no presbitério, para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis e os leitores possam ser vistos e ouvidos com facilidade<sup>140</sup>. O novo ambão deve ser abençoado segundo o Ritual Romano de Bênçãos.<sup>141</sup>
104. Geralmente o ambão é situado no lado direito do altar (para o lado esquerdo de quem olha da assembléia para o presbitério), contudo não na mesma linha, mas mais à frente que o altar. Não é conveniente colocar o ambão nem muito próximo do altar e nem muito distante:
- Não muito próximo para que haja uma pequena procissão com o Evangeliário (do altar ao ambão) feita pelo diácono ou pelo sacerdote durante a Aclamação ao Evangelho;
  - Não muito distante para que se mantenha a harmonia e a unidade destas duas mesas celebrativas no presbitério.
105. Para evitar a duplicidade de sinais, cuide-se para que nas celebrações em que se destaca a Palavra de Deus (por exemplo: setembro, o mês da Bíblia) não haja outras estantes ou nichos para o Livro da Sagrada Escritura dentro do presbitério. O lugar em que se entroniza a Palavra de Deus é o ambão ou, caso se utilize o Evangeliário, ela é entronizada sobre o altar até a proclamação do Evangelho.
106. Segundo o Rito Romano, o Círio Pascal permanece durante o tempo pascal junto ao ambão, sendo aceso nas suas celebrações diárias. Depois do dia de Pentecostes, o Círio Pascal é levado a um lugar de honra no batistério ou junto à pia batismal.<sup>142</sup>

### **c) A Sede Presidencial**

107. No presbitério deve existir uma sede reservada para o sacerdote que presidirá a assembléia e dirigirá as orações. A sede presidencial deve ser distinta das outras cadeiras<sup>143</sup>, de modo que o sacerdote presidente possa ser bem visualizado pelos fiéis.

<sup>139</sup> Introdução Geral ao Lecionário, n. 32.

<sup>140</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 309.

<sup>141</sup> Cf. Ritual de Bênção – Rito Romano, n. 900-918.

<sup>142</sup> Cerimonial dos bispos – cerimonial da Igreja, n. 372

<sup>143</sup> Cf. idem, n. 49.



108. O lugar mais apropriado da sede “é de frente para o povo no fundo do presbitério, a não ser que a estrutura do edifício sagrado ou outras circunstâncias o impeçam, por exemplo, se a demasiada distância torna difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembléia, ou se o tabernáculo ocupar o centro do presbitério atrás do altar”<sup>144</sup>. Caso não seja possível colocar a sede no fundo do presbitério, então se coloque, numa distância adequada, ao lado do altar, no sentido inverso ao lado do ambão. Jamais se coloque a sede presidencial ou outras cadeiras em frente do altar, porque haveria uma sobreposição simbólica em detrimento do altar.
109. “Evite-se toda espécie de trono. Antes de ser destinada ao uso litúrgico, convém que se faça a bênção da cadeira da presidência segundo o rito descrito no Ritual Romano”.<sup>145</sup>
110. O sacerdote-presidente dirige a celebração da sede nos seguintes momentos:<sup>146</sup>
- a. saudar a assembléia e introduzi-la na celebração do dia;
  - b. realizar o ato penitencial;
  - c. cantar ou recitar o hino de louvor (*Glória a Deus nas alturas...*);
  - d. proferir a oração do dia e a oração depois da comunhão;
  - e. ouvir as leituras bíblicas e pode, se preferir, realizar a homilia;
  - f. professar o símbolo da fé;
  - g. introduzir e concluir a oração universal (ou da comunidade);
  - h. comunicar os avisos para a comunidade;
  - i. enviar em missão a assembléia com a bênção.
111. Quando o sacerdote utilizar o missal na sede, ele é auxiliado por um librifero. Não convém deixar o missal sobre o altar após a comunhão, pois a oração depois da comunhão é proferida na sede.

#### **d) A Credência**

112. A credência tem sua origem na palavra italiana “credenza” que significa “confiança”. Era antigamente a pequena mesa onde se colocavam os alimentos que eram degustados antes de serem levados para a mesa da ceia e onde podiam ser consumidos com toda a confiança.
113. O altar é a mesa da ceia sacrificial da Eucaristia. A mesa do altar deverá ser preparada somente no momento da preparação das oferendas, daí surge a necessidade de uma mesa menor que pode estar localizada no fundo ou no lado do presbitério, ou também no fundo da nave central. Não é adequado colocar a credência unida (junto) ao lado do altar, para não diminuir a sua dignidade.
114. Na apresentação das oferendas, o sacerdote presidente se dirige ao altar que pode ser preparado por ele mesmo, pelo diácono, pelo acólito ou por outro ministro leigo<sup>147</sup> (por exemplo, o ministro extraordinário da sagrada comunhão). O sacerdote presidente recebe o pão nas suas mãos, pronuncia a bênção e coloca a patena sobre o corporal. Em seguida, faz o mesmo com o vinho.

<sup>144</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 310.

<sup>145</sup> Idem, n. 310; cf. Ritual de Bênçãos – Rito Romano, n. 880-899.

<sup>146</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 50, 71, 136, 138, 164 e 165.

<sup>147</sup> Cf. idem, n. 139.

115. No lavabo, o jarro e a bacia vêm da credência e voltam imediatamente para ela. É conveniente que não se utilize um pequeno recipiente de água no qual o sacerdote apenas molhe seus dedos. Para valorizar este sinal, utilize-se jarro e bacia no qual o sacerdote realmente lava as suas mãos, auxiliado pelos coroinhas ou acólitos.
116. A purificação do cálice e cibórios é feita preferencialmente na credência, embora possa ser realizada no altar, pelo sacerdote, pelo diácono ou pelo acólito legitimamente instituído logo após a comunhão ou imediatamente depois da missa, após a despedida do povo<sup>148</sup>. Não cabe ao ministro extraordinário da sagrada comunhão realizar a purificação dos vasos sagrados.<sup>149</sup>

### e) Tabernáculo Eucarístico ou Sacrário do Santíssimo

117. O tabernáculo eucarístico nos indica a presença do Senhor. Originalmente a Igreja conservou a Eucaristia para atender aos enfermos e agonizantes. Com o passar do tempo, a reserva eucarística passou a ser distribuída aos fiéis que celebram a Palavra de Deus na ausência do sacerdote e para os momentos de adoração.<sup>150</sup>
118. O tabernáculo seja colocado em lugar de honra na igreja, suficientemente amplo, visível, devidamente decorado e que favoreça a oração pessoal<sup>151</sup>. “Normalmente o tabernáculo seja único na igreja, inamovível, feito de material sólido e inviolável não transparente, e fechado de tal modo que se evite ao máximo o perigo de profanação. Convém, além disso, que seja abençoado antes de ser destinado ao uso litúrgico, segundo o rito descrito no Ritual Romano”.<sup>152</sup>
119. “Diante do tabernáculo (...) brilhe constantemente uma lâmpada especial, com a qual se indique e se reverencie a presença de Cristo”.<sup>153</sup>
120. Fora das celebrações, a chave do tabernáculo não deve ficar exposta ou colocada na sua porta.

### f) Capela do Santíssimo Sacramento

121. A capela do Santíssimo Sacramento “convém que seja apta para a oração privada (...) e por isso se recomenda que o Sacrário, enquanto possível, seja colocado em uma capela que esteja separada da nave central do templo, sobretudo nas igrejas em que se celebram mais freqüentemente matrimônios, funerais e nos lugares mais visitados”.<sup>154</sup>
122. Qualquer outro elemento que possa encontrar-se na capela do Santíssimo deve ser secundário, pois o foco de atenção deve ser o tabernáculo Eucarístico. Portanto, muita atenção para que a decoração, e principalmente as imagens, não distraiam os fiéis. Tudo deve convergir para a presença de Cristo na Eucaristia.

<sup>148</sup> Cf. idem, n. 163 e 279; cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 119.

<sup>149</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 279.

<sup>150</sup> Cf. Ritual Romano, Ritual de Bênçãos, Bênção do Novo tabernáculo Eucarístico, n. 919.

<sup>151</sup> Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 52, e cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 314.

<sup>152</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 314; cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 52; e cf. Ritual Romano, Ritual de Bênçãos, Bênção do Novo tabernáculo Eucarístico, n. 919-929.

<sup>153</sup> Código de Direito Canônico, cân. 940.

<sup>154</sup> Instrução Eucharisticum Mysterium e cf. Ritual da Sagrada Comunhão e do culto à Eucaristia fora da missa, n. 9.

### **g) Os materiais sagrados para a celebração eucarística** <sup>155</sup>

123. É direito da comunidade dos fiéis que as vestes, toalhas e alfaias sagradas, bem como todos os objetos sagrados, resplandeçam pela dignidade, decoro e limpeza<sup>156</sup>, por isso é interessante, em acordo com o pároco, designar pessoas que cuidem, organizem e limpem esses materiais. Esse zelo expressa o fervor da fé de uma comunidade.
124. É recomendável que a primeira lavada das alfaias destinadas a acolher as sagradas espécies (corporal e sangüíneo) seja feita manualmente e sua água derramada na terra ou em um outro lugar apropriado.<sup>157</sup>

### **h) As imagens dos Santos no presbitério**

126. “Firme permaneça o costume de propor nas igrejas as sagradas imagens à veneração dos fiéis; contudo, sejam expostas com moderação quanto ao número, com conveniência quanto à ordem, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos corretas”<sup>158</sup>. Não se multiplique o número das imagens do mesmo santo ou santa. Que seja somente uma imagem de cada, mesmo que esse santo ou santa possua vários títulos. Por exemplo: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, Mãe da Divina Graça,... já que todos esses títulos correspondem a uma única pessoa: Maria, Mãe de Jesus!
127. Nas novenas e celebrações festivas, a imagem do santo, levada na procissão de entrada, pode ser melhor destacada com a utilização de tronos, adornos ou flores. Mas não se coloque em cima ou em frente do altar, pois isso prejudicaria outros símbolos importantes do presbitério.<sup>159</sup>
128. Nas celebrações em louvor a um santo jamais se perca a perspectiva e o foco central do culto da Igreja, que é Cristo no seu Mistério Pascal. Que toda celebração aos santos seja Cristocêntrica, ou seja, que o culto aos santos não supere o culto a Deus, na pessoa do Cristo, pois n’Ele encontramos a fonte e a causa de toda santificação.

### **i) Os lugares das pessoas que exercem funções litúrgicas**

129. Os lugares das pessoas que exercem funções litúrgicas devem levar em consideração o espaço disponível na igreja. O que não pode acontecer é um congestionamento de pessoas no presbitério, dificultando, assim, a funcionalidade do desenvolvimento dos ritos. O ideal é que ocupem as cadeiras no presbitério os ministros ordenados – bispo, presbítero e diácono – bem como os acólitos que possuem a função de acompanhar o sacerdote no altar.
130. Convém que os coroinhas permaneçam junto ao sacerdote no presbitério, pois, além de ser um ministério ligado ao serviço do altar, os coroinhas existem para

<sup>155</sup> Este diretório contém um capítulo que aborda os principais objetos para uma celebração eucarística. Para aprofundar melhor esse assunto, leia-se o capítulo V da Encíclica do Papa João Paulo II “Ecclesia de Eucharistia”

<sup>156</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 57.

<sup>157</sup> Cf. idem, n. 120.

<sup>158</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 125.

<sup>159</sup> Cf. Ritual de Dedicção de um altar, n. 10.

aprofundar e alimentar nos meninos o discernimento vocacional ao sacerdócio. Além de meninos, também podem existir meninas coroinhas no serviço litúrgico.<sup>160</sup>

131. Os leitores e ministros extraordinários da sagrada comunhão ocupem as primeiras fileiras de banco da nave central para expressar a dimensão vocacional da Igreja. É Deus que chama do meio do povo pessoas para servirem a comunidade através dos ministérios.
132. Quando os diáconos, acólitos e ministros extraordinários da sagrada comunhão se encontram no presbitério durante a Oração Eucarística e o rito de comunhão, eles devem permanecer afastados do altar, um pouco atrás do sacerdote que preside e dos concelebrantes.<sup>161</sup>
133. O comentarista exerce sua função num lugar adequado, em pé, e voltado para a assembléia. Ao desempenhar sua função, o comentarista não deve utilizar o ambão, mas uma estante simples.<sup>162</sup>
134. “O grupo dos cantores, segundo a disposição de cada igreja, deve ser colocado de tal forma que se manifeste claramente sua natureza, isto é, que faz parte da assembléia dos fiéis, onde desempenha um papel particular; que a execução de sua função se torne mais fácil; e possa cada um de seus membros facilmente obter uma participação plena na missa, ou seja, participação sacramental”<sup>163</sup>. Portanto, o lugar dos animadores de canto não é no presbitério, mas num outro lugar onde possam exercer com facilidade a sua função de fazer a assembléia cantar. Não convém que o grupo de cantores permaneça atrás da assembléia, no coro, como ocorria em tempos passados.

---

<sup>160</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 47.

<sup>161</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, 215.

<sup>162</sup> Cf. idem, 105b.

<sup>163</sup> Idem, n. 312.

## Capítulo 4

### Alguns Momentos Celebrativos da Eucaristia

135. Neste capítulo serão abordados alguns momentos da celebração eucarística necessários para o bom serviço das Equipes Litúrgicas numa comunidade. Quanto aos cantos da missa, serão analisados mais detalhadamente no capítulo posterior. Antes, é necessário esclarecer algumas idéias a respeito da missa.
136. Por mais que se encontre em alguns documentos a palavra “celebrante” em referência ao sacerdote que dirige a celebração da missa, tal termo não é o mais adequado, pois transmite uma idéia que é somente ele que celebra enquanto os outros fiéis cumprem o papel de meros espectadores. Na verdade toda a assembléia celebra, pois participa da ação litúrgica por força do sacerdócio régio recebido no sacramento do Batismo. Por isso, o modo mais conveniente de chamar o sacerdote que dirige a celebração é “presidente da celebração”.
137. Outra questão de suma importância é a função desempenhada pelo presidente da celebração. É ele quem dirige e decide a forma do rito. Daí a necessidade de uma comunicação clara e antecipada entre o sacerdote que preside e as equipes que servem. O ideal é que o sacerdote possa preparar a celebração eucarística juntamente com as equipes responsáveis. Mas quando isso não for possível, a celebração eucarística pode ser preparada pela Equipe de Liturgia; quem, porém, aprova a sua realização é o presidente da celebração. Evite-se toda improvisação ou atitudes que prejudiquem a harmonia entre o presidente da celebração e a equipe de celebração para que a Liturgia expresse o Mistério da unidade e da comunhão entre os fiéis em Cristo.
138. Além disso, cabe ao presidente da celebração:
- Proferir as chamadas orações presidenciais;<sup>164</sup>
  - Proferir breves motivações e admoestações para introduzir os fiéis à celebração do dia e para a compreensão dos ritos, mantendo sempre o sentido proposto pelo missal.<sup>165</sup>

### Procissão de Entrada

139. Esse rito deve ser valorizado em nossas celebrações, principalmente aos domingos, solenidades e dias festivos da comunidade, pois manifesta a Igreja, povo de Deus, a caminho da Terra Prometida preparada pelo Pai.<sup>166</sup>
140. Para melhor expressarmos essa dimensão peregrina da Igreja, são usados alguns elementos:
- O turíbulo e o incenso:** a incensação na procissão de entrada recorda a caminhada do povo de Israel durante 40 anos no deserto<sup>167</sup>. Hoje, é a Igreja que caminha pelas estradas do mundo, seguindo na presença do Senhor;
  - A cruz processional:** faz-nos recordar que a pessoa só pode ser discípula de Jesus se tomar a sua cruz e trilhar os passos do Mestre. Deve ser um

<sup>164</sup> Cf. idem, n. 30.

<sup>165</sup> Cf. idem, n. 31.

<sup>166</sup> Cf. Hb 13,14

<sup>167</sup> Cf. Ex 13,21-22.

crucifixo, com a imagem do Crucificado e não apenas uma simples cruz<sup>168</sup>. Chegando ao presbitério, “pode ser colocada junto ao altar, de modo que se torna a cruz do altar, que deve ser uma só; caso contrário, ela será guardada em lugar adequado”<sup>169</sup>. O cruciferário a deposita imediatamente no seu devido lugar, pois os demais ministros que compõem a procissão de entrada, devem saudar o altar e não a cruz processional;

- c. **O Evangeliário:** a Palavra de Deus é essencial para quem se põe a caminho. Sem ela nos perderíamos nas encruzilhadas de nossas decisões e escolhas para Deus. A última edição da Instrução Geral sobre o Missal Romano valoriza o Livro do Evangeliário (Livro que contém somente o texto do Evangelho). Na procissão com a Palavra de Deus seja levado o Evangeliário e não mais o Lecionário e nem a Bíblia<sup>170</sup>. O diácono ou na sua falta o leitor, leva o Evangeliário fechado<sup>171</sup> e ao chegar no presbitério, deposita-o no centro do altar, sem apresentá-lo à assembléia<sup>172</sup>;
- d. Dependendo do cunho da celebração, pode-se trazer outros símbolos que ajudem a assembléia a celebrar melhor o Mistério da fé, como, por exemplo, a imagem do Santo Padroeiro ou sinais que expressem o momento da vida e as intenções daquela comunidade. Nesse caso, a imagem do santo ou outros símbolos seguem logo atrás da cruz processional.

141. A formação da procissão de entrada segue esta ordem:<sup>173</sup>

1. O turiferário e o naveteiro;
2. Os acólitos ou coroinhas que levam as velas acesas e, entre eles, um outro acólito ou coroinha com a cruz processional;
3. Os demais coroinhas, os leitores, os ministros extraordinários da sagrada comunhão e os acólitos;
4. O diácono, ou na falta deste o leitor, conduz um pouco elevado o Evangeliário;
5. À frente do sacerdote presidente caminham os sacerdotes concelebrantes;<sup>174</sup>
6. Por fim, o sacerdote presidente acompanhado de um ou dois diáconos assistentes<sup>175</sup>. Se houver mais diáconos na celebração, eles precederão os sacerdotes concelebrantes.

**Observação:** Quando a eucaristia for presidida pelo bispo, atrás dele acompanham dois acólitos ou coroinhas responsáveis pela mitra e pelo báculo. O bispo entrega a mitra e o báculo diante do altar, antes de reverenciá-lo com a inclinação profunda.<sup>176</sup>

142. Chegando diante do presbitério, todos fazem uma inclinação profunda em reverência ao altar<sup>177</sup>. No entanto, quando o Sacrário do Santíssimo se encontra no

<sup>168</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 117.

<sup>169</sup> Idem, n. 122.

<sup>170</sup> Cf. idem, n. 120 d

<sup>171</sup> Cf. Cerimonial dos bispos – cerimonial da Igreja, n. 127.

<sup>172</sup> Cf. idem, n. 117.

<sup>173</sup> Cf. idem, n. 120.

<sup>174</sup> Cf. idem, n. 210.

<sup>175</sup> Cf. idem, n. 172.

<sup>176</sup> Cf. idem, n. 128 e 131.

<sup>177</sup> Cf. idem, n. 195.

centro do presbitério, não se realiza a inclinação profunda, mas uma só genuflecção para o altar e a Eucaristia.<sup>178</sup>

### **Ato Penitencial**

143. Há vários modos de realizar esse rito, descritos no Missal Romano. Quanto aos cantos do Ato Penitencial, serão abordados mais adiante. É possível fazer a aspersão da água benta sobre o povo nas missas dominicais e solenidades, pois assim lembra-se da santidade que recebemos no dia de nosso batismo e que é constantemente renovada pela misericórdia divina. Com a aspersão da água no Ato Penitencial, faz-se referência à solenidade da Vigília Pascal.
144. Esse momento é “concluído com a absolvição do sacerdote, absolvição que, contudo, não possui a eficácia do sacramento da penitência”<sup>179</sup>, visto que o Ato Penitencial da missa não absolve os pecados graves e mortais. Esses devem ser acusados na confissão sacramental individual.

### **Hino de Louvor**

145. O “Glória a Deus nas alturas...” é um hino antiqüíssimo e venerável da Igreja, que remonta às primeiras gerações de cristãos. Na verdade é um canto completo: de louvor, entusiasmo, doxologia e súplica. Um canto transbordante de alegria, confiança, humildade, e que dá à Eucaristia um tom de festividade.<sup>180</sup>
146. Sempre é cantado nas solenidades, nas festas e nos domingos, exceto nos domingos do Advento e da Quaresma. “O texto deste hino não pode ser substituído por outro (por exemplo: hinos trinitários – Pai, Filho e Espírito Santo – ou outros que não apresentam a letra oficial do Glória). Se não for cantado, deve ser recitado por todos juntos ou por dois coros, dialogando entre si”.<sup>181</sup>

### **Oração do Dia (Coleta)**

147. Após o hino de louvor (“Glória a Deus nas alturas...”), “o sacerdote convida o povo a rezar; todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar ‘coleta’, pela qual se exprime a índole da celebração. Conforme antiga tradição da Igreja, a oração costuma ser dirigida a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo e por uma conclusão trinitária (...). O povo, unindo-se à súplica, faz sua a oração pela aclamação Amém.”<sup>182</sup>
148. É importante salientar duas atitudes básicas para os celebrantes:
- a. Após o convite do sacerdote (Oremos), faz-se um momento de silêncio para oração pessoal. Logo, esse não é o momento de se ler as intenções para missa ou motivações celebrativas. As intenções de missa podem ser lidas no comentário inicial ou após a saudação do sacerdote ou, se for por aque-

<sup>178</sup> Cf. idem, n. 274.

<sup>179</sup> Idem, n. 51

<sup>180</sup> Cf. “A Celebração da Igreja” II - Sacramentos, Edições Loyola, São Paulo, 1982, p. 321.

<sup>181</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 53.

<sup>182</sup> Idem, n. 54.

les que já morreram, os seus nomes podem ser lidos durante a Oração Eucarística, no momento de lembrar os fiéis falecidos;

- b. A oração do dia é uma chave de compreensão sobre a celebração daquele dia. Isso se manifesta claramente nas orações da Quaresma, Páscoa, Advento, Natal e nos dias solenes, festivos e memórias.

### **Proclamação das Leituras**

149. Com a renovação do Concílio Vaticano II, foram confeccionados Lecionários, que abrem largamente aos fiéis os tesouros das Sagradas Escrituras. Mesmo os textos do Antigo Testamento são proclamados nas assembléias cristãs à luz do Mistério de Cristo, revelando o projeto de Salvação de Deus. Por isso, as leituras das Sagradas Escrituras constituem parte importante da celebração eucarística, pois nelas Deus continua falando e conduzindo o seu povo.<sup>183</sup>
150. As leituras bíblicas não sejam suprimidas ou substituídas por outras leituras não bíblicas<sup>184</sup>, pois a escuta da Palavra de Deus é necessária para a própria celebração dos sacramentos, que nascem e se alimentam da Palavra.<sup>185</sup>

### **Aclamação ao Evangelho**

151. Esse é um rito que aclama a presença de Cristo no Evangelho. Por isso, todos louvam ao Senhor com cantos apropriados<sup>186</sup>. É conveniente conhecer o rito solene da Aclamação ao Evangelho, que consiste na condução do Evangeliário do altar para o ambão, feita pelo diácono ou pelo sacerdote, precedido dos acólitos ou coroinhas que podem levar o turíbulo com incenso e os castiçais com velas.<sup>187</sup>

### **Homilia**

152. Na celebração da missa, a homilia é função exclusiva do ministro ordenado, de preferência do presidente<sup>188</sup>. A homilia feita pelo ministro ordenado é também Palavra de Deus. Ela tem a finalidade de proclamar as maravilhas realizadas por Deus na história da Salvação e no Mistério de Cristo<sup>189</sup>, irradiando a luz pascal sobre os eventos da vida dos fiéis<sup>190</sup>. Assim, o Mistério Pascal de Cristo, anunciado nas leituras e na homilia, realiza-se por meio do sacrifício da missa<sup>191</sup>.
153. Informações e testemunhos de vida cristã feitos por leigos não podem ser considerados como homilia. Caso seja necessário, a exposição de um testemunho de vida cristã, que se faça fora da celebração ou após a oração depois da comunhão, mas jamais se pode suprimir a homilia realizada pelo ministro ordenado.<sup>192</sup>

<sup>183</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 33.

<sup>184</sup> Cf. Introdução Geral ao Lecionário, n. 12.

<sup>185</sup> Cf. Concílio Vaticano II: Decreto sobre o Ministério e a Vida dos presbíteros, *Presbyterorum Ordinis*, n. 4; Introdução Geral ao Lecionário, n. 10.

<sup>186</sup> Cf. os n. 260-262 deste Diretório.

<sup>187</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 133, 175.

<sup>188</sup> Cf. Introdução Geral ao Lecionário, n. 41.

<sup>189</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 35,2°.

<sup>190</sup> Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 67.

<sup>191</sup> Cf. Exortação Apostólica do Papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*, n. 43.

<sup>192</sup> Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 74.



## Profissão de Fé (Credo)

154. A Profissão de Fé é a resposta da assembléia aceitando o Plano de Salvação exposto pelas leituras bíblicas e pela homilia. Na celebração eucarística pode se rezar o Símbolo Apostólico ou o Símbolo Niceno-constantinopolitano. Em certas ocasiões, a Profissão de Fé pode ser realizada por meio de perguntas e respostas: “Renuncio!” e “Creio!”. Não se admitem outras Profissões de Fé que não estejam devidamente aprovadas pela Igreja. Por isso, haja cuidado com a escolha de certos cantos de Profissão de Fé que mutilam ou parafraseiam a fé da Igreja.
155. As rubricas do Missal Romano orientam a assembléia para realizar uma reverência durante a Profissão da Fé. No caso do Símbolo Apostólico (conhecido como o credo mais curto), pede-se que a assembléia faça uma inclinação durante a recitação das palavras: “que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria”. No Símbolo Niceno-constantinopolitano também se pede a inclinação no mesmo artigo de fé correspondente ao Mistério da Encarnação: “e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria e se fez homem”<sup>193</sup>. Essa reverência é um gesto de gratidão e louvor a Deus pela Encarnação de Cristo. Nas solenidades e nas oitavas do Natal e da Páscoa, e na Solenidade da Anunciação do Senhor (25 de março) pede-se que a assembléia faça a genuflexão em vez de inclinação.

## Oração da Comunidade

156. A oração da comunidade ou dos fiéis encerra a Liturgia da Palavra. Como ela faz parte da Palavra celebrada, as preces devem expressar aquilo que ouvimos da Palavra de Deus, considerando as circunstâncias que a Igreja vive. A Equipe de Liturgia acrescenta outras preces ou modifique as que estão no folheto de modo que correspondam melhor às necessidades da sua comunidade.
157. Além disso, é sempre bom lembrar alguns critérios na elaboração de preces:
- A oração da comunidade é a conclusão da Liturgia da Palavra. Quando as preces forem elaboradas, a Equipe de Liturgia deve se inspirar naquilo que Deus disse por meio das leituras proclamadas;
  - Quanto mais curtas as preces, melhores serão;
  - Não se reza por idéias, mas por pessoas. Jamais se reza pela liberdade, mas por aqueles que a vivem ou dela estão privados;
  - As preces devem ser de interesse para toda a comunidade. Os pedidos que não expressam os interesses e necessidades de toda uma comunidade não devem ser apresentados nesse momento. Tais pedidos sejam apresentados como intenções de missa e não como preces na oração da comunidade;<sup>194</sup>

<sup>193</sup> Missal Romano, rubrica n. 15, pág. 400-402.

<sup>194</sup> Há uma orientação quanto às séries das preces na Oração da Comunidade, e percebam que nunca se perde de vista a dimensão comunitária: “Normalmente serão estas as séries de intenções: pelas necessidades da Igreja; pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo; pelos que sofrem qualquer dificuldade; pela comunidade local. No entanto, em alguma celebração especial, tal como Confirmação, Exéquias, as intenções podem referir-se mais estreitamente àquelas circunstâncias” (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 70). “... se façam orações pela Santa Igreja, pelos governantes, pelos que sofrem necessidades várias, por todos os homens e pelo bem-estar de todo o mundo.” (Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 53; cf. 1 Tm 2,1-2).

e. Na missa, a oração conclusiva deve ser feita pelo sacerdote presidente, com as mãos estendidas, e não pelo diácono.<sup>195</sup>

158. Para a melhor participação, é sugestivo que se cante junto com a assembléia o refrão após a apresentação de cada prece.

159. Nas celebrações mais solenes em que se recita a Ladainha de todos os Santos, não se realiza a oração da comunidade, porque uma substitui a outra. Quando se recita a Ladainha, todos se voltam ao altar ou ao Sacrário do Santíssimo quando este está presente no presbitério. A Ladainha é recitada por todos em pé no Tempo Pascal, nos domingos e nas solenidades. Nos demais dias do ano, reza-se de joelhos.

### **Procissão das Oferendas**

160. As oferendas do pão e do vinho, trazidas em procissão pelos fiéis, são recebidas pelo presidente da celebração, ajudado pelo diácono, acólito ou outro ministro, que as depõe sobre o altar<sup>196</sup>. Não é correto mostrar as oferendas para a assembléia porque é ela própria que as apresenta a Deus por meio do sacerdote.

161. Em alguns lugares, apresentam-se outros elementos representativos junto com o pão e o vinho. Tal prática não se sustenta nesse momento da celebração; por 'oferendas' se entende somente o pão e o vinho utilizados para a consagração. Outros símbolos podem ser trazidos na procissão de entrada, logo atrás da cruz processional, colocando-os num lugar distinto do altar e do ambão.

162. Essa apresentação pode ocorrer de forma solene nos domingos e dias festivos com a procissão vinda da entrada da igreja para o altar. A apresentação e preparação das oferendas não é um simples gesto estético para a celebração, mas parte integrante do sacrifício de Cristo e da Igreja.

163. Além da apresentação das oferendas, também ocorre a partilha dos bens para os pobres e para a Igreja. As ofertas, como dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis serão colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.<sup>197</sup>

164. Caso não haja diácono, há a possibilidade de o acólito ou de outro ministro leigo preparar o altar colocando o corporal, o sangüíneo, o cálice, a pala e o missal.<sup>198</sup>

### **Oração Eucarística**

165. "A proclamação da Oração Eucarística, por sua natureza, o ponto culminante de toda a celebração, é reservada ao sacerdote, em virtude da sua ordenação. É um abuso, portanto, deixar que algumas partes da Oração Eucarística sejam ditas pelo diácono, ou por um fiel leigo".<sup>199</sup>

<sup>195</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 138.

<sup>196</sup> Cf. idem, n. 140 e 178.

<sup>197</sup> Cf. idem, n. 73.

<sup>198</sup> Cf. idem n. 139.

<sup>199</sup> Instrução Inestimabile Donum, n. 4.

166. “Quando celebra a Eucaristia, o sacerdote deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade, e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença viva de Cristo.”<sup>200</sup>
167. “É expressamente proibido alterar ou subtrair o texto da Oração Eucarística aprovado pela Igreja.”<sup>201</sup>
168. A Oração Eucarística nas várias famílias litúrgicas segue uma estrutura imutável que parte do ensinamento de Jesus Cristo dado aos apóstolos. Essa estrutura é elaborada a partir da última ceia com os discípulos e de diversos textos eucarísticos encontrados no Evangelho.<sup>202</sup>
169. A Oração Eucarística é formada por quatro ações de Cristo:
- 1- Tomar o pão em suas mãos:** essa ação corresponde à procissão e apresentação das oferendas do pão e vinho, quando o Cristo, pelas mãos do sacerdote, toma as oferendas dos fiéis e as apresenta ao Pai sobre o altar;
  - 2- Render Graças:** essa ação corresponde à oração do Prefácio, Santo, invocação do Espírito Santo, narração da instituição, as intercessões à Igreja Peregrina, Padecente e Gloriosa, e à Doxologia;
  - 3- Partir o pão:** corresponde ao Pai-nosso, embolismo (“Livrai-nos...”), oração e abraço da paz<sup>203</sup> e culmina no rito do Cordeiro de Deus, em que o sacerdote, auxiliado pelo diácono, parte o pão eucarístico para a distribuição. Esse gesto nos faz recordar como os discípulos de Emaús reconheceram o Senhor. Em alguns lugares, tem-se o costume de partir o pão eucarístico durante a consagração como se fosse um ato teatral da última ceia de Cristo. Tal prática é errônea<sup>204</sup>, pois então, por coerência, a comunhão deveria ser distribuída antes das palavras da consagração (“... e deu aos seus discípulos,”), o que deformaria a estrutura litúrgica da celebração eucarística;
  - 4- Distribuir:** corresponde ao rito da comunhão aos fiéis.

### Doxologia da Oração Eucarística (Por Cristo, com Cristo e em Cristo...)

170. O gesto de elevar o pão e o vinho transformados no sacramento do Corpo e Sangue do Senhor é o ponto máximo do louvor e de ação de graças pela criação transfigurada que se eleva até ao Pai. É o momento em que o sacerdote exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação triunfal da assembleia por meio do Amém.
171. A elevação da patena com o Corpo do Senhor é feita pelo presidente da celebração. A elevação do cálice deve ser feita pelo diácono, ou na sua ausência por um sacerdote concelebrante. Caso não haja nem diácono nem sacerdote concelebrante, o cálice é elevado pelo próprio presidente da celebração. Este gesto não deve ser realizado por um ministro extraordinário da sagrada comunhão ou por outro leigo.
172. A proclamação da doxologia é exclusiva do ministério sacerdotal, não cabendo ao diácono ou aos fiéis leigos a não ser o Amém conclusivo.

<sup>200</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 93.

<sup>201</sup> Instrução Inestimabile Donum, n. 5.

<sup>202</sup> Cf. Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19. Textos eucarísticos: Jo 6,11; Mt 14,19; Lc 24,30;...

<sup>203</sup> CAMARGO, Pe. Gilson Cezar de, “Liturgia da Missa Explicada”, (Cadernos Temáticos para Evangelização, n. 13) Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2004, pág. 59-65

<sup>204</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 55.

## Abraço da Paz

173. “Convém que cada um dê a paz, sobriamente (segundo os costumes dos povos), só aos mais próximos a si”<sup>205</sup>. O sacerdote e os demais ministros podem dar a paz permanecendo sempre dentro do presbitério para não ocorrer uma desarmonia na celebração<sup>206</sup>. A razão dessa norma é que quando se deseja a paz ao que está mais próximo, não se está desejando somente para uma pessoa em particular, mas para toda a Igreja simbolizada naquele irmão. Logo, não é preciso cumprimentar toda a assembléia para expressar tal desejo.

## Comunhão

174. A Igreja valoriza a distribuição da comunhão sob as duas espécies – pão e vinho – de modo que o fiel possa comer e beber este Sagrado Alimento, manifestando assim com maior clareza a plenitude do sinal do banquete eucarístico. Entretanto, o grande número de comungantes pode tornar inviável tal distribuição eucarística. Segundo as disposições do bispo diocesano, pode-se oferecer a comunhão nas duas espécies, diretamente do cálice ou por intinção<sup>207</sup>, levando em consideração as seguintes disposições:

- a. Não se administre aos fiéis leigos a comunhão do Sangue do Senhor diretamente do cálice quando está presente um número de comungantes tão grande que se torne difícil avaliar a quantidade de vinho necessário para a celebração;<sup>208</sup>
- b. Quando for usada a modalidade da intinção, recorra-se à hóstias que não sejam muito finas nem demasiadamente pequenas, e o comungante receba a Eucaristia do sacerdote somente na boca<sup>209</sup>. “Não seja permitido que o fiel comungante molhe por si mesmo a hóstia no cálice, nem que receba na mão a hóstia molhada”;<sup>210</sup>
- c. Se um cálice não for suficiente para a comunhão, pode se dispor de outros cálices menores<sup>211</sup>. Entretanto, “abstenha-se de passar o Sangue de Cristo de um cálice para outro após a consagração, para evitar qualquer coisa desrespeitosa a tão grande Mistério.”<sup>212</sup>

175. Insista-se no ‘Amém’ que o comungante pronuncia em resposta à fórmula do ministro: ‘O corpo (e o sangue) de Cristo!’. Esse Amém deve ser pronunciado como uma profissão de fé acerca desse Mistério.<sup>213</sup>

176. “Não é permitido aos fiéis pegarem por si e muito menos passarem entre eles de mão em mão a sagrada hóstia ou sagrado cálice.”<sup>214</sup> Os ministros leigos que irão auxiliar na distribuição da comunhão “não se aproximem do altar antes que o

<sup>205</sup> Idem, n. 72.

<sup>206</sup> Cf. idem.

<sup>207</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 245. Por intinção entende-se o ato de molhar a hóstia no vinho.

<sup>208</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 102.

<sup>209</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 285b e 287.

<sup>210</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 104.

<sup>211</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 207b e 285a.

<sup>212</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 106.

<sup>213</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 161, 287.

<sup>214</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 94, e cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 160.

sacerdote tenha tomado a Comunhão, recebendo sempre o vaso – cibório –, que contém as espécies da Santíssima Eucaristia a serem distribuídas aos fiéis, da mão do sacerdote celebrante.”<sup>215</sup>

177. “É da Igreja que o fiel recebe a Eucaristia, que é a Comunhão com o Corpo de Cristo e com a Igreja. Eis porque o leigo comungante não deve ele mesmo retirar a partícula consagrada do cibório, de uma bandeja ou de uma cesta, como o faria se se tratasse de pão comum ou mesmo de pão bento, mas ele recebe a partícula, seja na mão ou na boca, do ministro da Comunhão.”<sup>216</sup>
178. Quando a comunhão é dada na espécie do pão, deve-se orientar previamente os fiéis para escolherem a maneira que comungarão: ou pode ser dada diretamente na boca, sobre sua língua, ou na mão, segundo o costume tradicional da Igreja<sup>217</sup>, quando o comungante recebe a Eucaristia sobre suas mãos abertas sobrepostas, e comunga com toda piedade diante do ministro. “Cuide-se com especial atenção para que o comungante tome a hóstia logo, diante do ministro, de tal modo que ninguém se afaste levando na mão as espécies eucarísticas.”<sup>218</sup>
179. Para que, por meio de sinais, a comunhão se apresente melhor como participação no sacrifício que se celebra, é preferível que os fiéis possam recebê-la com hóstias consagradas na mesma missa<sup>219</sup>. Assim, nas comunidades em que se celebra quase que diariamente a Eucaristia, não é conveniente acumular no Sacrário hóstias consagradas além do necessário. Esse procedimento se justifica nas comunidades que realizam constantemente a Celebração da Palavra (“cultos”). Os ministros leigos preparem um número suficiente de hóstias para a consagração de modo que não falte para a celebração, mas que também não sobrem em demasia. Além disso, pede-se que se renovem constantemente as hóstias consagradas que permanecem no Sacrário, para que não ocorra o perigo de estragar a matéria do sacramento (o pão).
180. Mesmo que o sacerdote, o diácono ou os ministros extraordinários da sagrada comunhão ainda não estejam no local para a distribuição da Eucaristia, as Equipes de Liturgia orientem os comungantes para se dirigirem às filas de comunhão, logo após a oração: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada...”. Essa é uma maneira de a assembléia expressar o desejo de buscar o encontro com o Cristo Eucarístico, evitando, assim, uma certa apatia e indiferença dos comungantes.
181. “É de responsabilidade do sacerdote celebrante distribuir a comunhão, se é o caso, ajudado pelos outros sacerdotes e diáconos; e ele não deve prosseguir a missa até que haja terminado a comunhão dos fiéis. Só onde a necessidade o

<sup>215</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 162.

<sup>216</sup> Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, notificação de protocolo n. 720/85, n. 4, de 03 de abril de 1985.

<sup>217</sup> “Ao aproximares (da comunhão), não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faze com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei e no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: Amém. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder”. 5ª Catequese Mistagógica de São Cirilo de Jerusalém, n.21; PG 33, Col. 1125; e São João Crisóstomo, homilia 47, PG 63, Col. 898.

<sup>218</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 92.

<sup>219</sup> Idem, n. 89.

requeira, os ministros extraordinários da sagrada comunhão podem ajudar o sacerdote celebrante, de acordo com as normas do direito”.<sup>220</sup>

182. “Em razão do sinal que se expressa, convém que alguma parte do pão eucarístico obtido pela fração seja distribuído ao menos a algum fiel no momento da comunhão”<sup>221</sup>. Também existe uma recomendação “de usar uma patena de maior dimensão, onde se coloca tanto o pão para o sacerdote e o diácono, bem como para os demais ministros e fiéis”<sup>222</sup>, evitando, assim, a conotação de que o sacerdote comunga a Eucaristia numa patena exclusiva, desvinculada da comunhão dos demais.
183. “Não é lícito, nem mesmo urgindo extrema necessidade, (o sacerdote) consagrar uma matéria (o pão ou o vinho) sem a outra, ou mesmo consagrá-las ambas fora da celebração eucarística.”<sup>223</sup>
184. Quando, por descuido, uma partícula consagrada cai no chão, ela deve ser recolhida com toda reverência, diluída em água e depositada na Pia Batismal que tenha escoamento para o solo da igreja (e não para o esgoto) ou em vasos de plantas para que não seja profanado o Santíssimo Sacramento<sup>224</sup>. Quem joga fora as espécies consagradas ou as conserva para fins de sacrilégio incorre em excomunhão automática, e o perdão para essa pena é reservada somente à Santa Sé.<sup>225</sup>
185. Apresentamos também algumas disposições para receber a Comunhão:
- Sua união com Cristo Eucarístico deverá se estender a toda a vida cristã, transformando sua vida cotidiana em ação de graças e produzindo frutos mais abundantes de caridade<sup>226</sup>. Logo, não deve comungar a Eucaristia aquele que não ‘comunga’ o Cristo presente na Liturgia da Palavra, ou seja, não acolhe e não se propõe a praticar os ensinamentos do Senhor;
  - Ninguém se aproxime da Eucaristia tendo consciência de estar em pecado mortal<sup>227</sup>, sem prévia confissão sacramental, por mais que se julgue contrito<sup>228</sup>. Também não se podem aproximar da comunhão eucarística os que se encontram em situação matrimonial irregular (recasado ou amasiado) ou sofrem alguma pena canônica;
  - “Quem vai receber a Santíssima Eucaristia abstenha-se de ingerir qualquer comida ou bebida, excetuando-se somente água e remédio, no espaço de ao menos uma hora antes da sagrada comunhão (...). Pessoas idosas e doentes, bem como as que cuidam delas, podem receber a Santíssima Eucaristia, mesmo que tenham tomado alguma coisa na hora que a antecede”<sup>229</sup>.

## Homenagens ou Avisos Comunitários

<sup>220</sup> Idem, n. 88.

<sup>221</sup> Idem, n. 49.

<sup>222</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 331.

<sup>223</sup> Código de Direito Canônico, cân. 927.

<sup>224</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 280.

<sup>225</sup> Cf. Código de Direito Canônico, cân. 1367.

<sup>226</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 25.

<sup>227</sup> Para ser pecado mortal é necessário três condições: pecar em matéria grave, ter plena consciência e plena vontade do que está fazendo.

<sup>228</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 23.

<sup>229</sup> Código de Direito Canônico, cân. 919.

186. É justo e apropriado, em certos dias ou comemorações especiais da comunidade, preparar uma homenagem, um agradecimento, um jogral ou algo semelhante na celebração eucarística. Mas, é necessário o discernimento da Equipe Litúrgica sobre o momento de realizá-los. Pela dinâmica da celebração, tais atos mencionados, bem como os avisos da comunidade, sejam realizados após a Oração depois da Comunhão e não antes, quando se faz o silêncio sagrado da comunhão.

## Capítulo 5

### A Proclamação da Palavra de Deus

187. “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como sempre venerou ao próprio corpo do Senhor, já que sem cessar toma da mesa da palavra de Deus e do Corpo de Cristo o pão da vida e o serve aos filhos. Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé, porque, inspiradas por Deus e consignadas por escrito uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos Profetas e Apóstolos a voz do Espírito Santo. É necessário, portanto, que toda pregação eclesial, como a própria religião cristã, seja alimentada e orientada pela Sagrada Escritura. Nos Livros Santos, com efeito, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala. E é tão grande a força poderosa que se encerra na Palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo vigoroso para a Igreja, firmeza na fé para seus filhos, alimento da alma, perene e pura fonte da vida espiritual. Por tudo isto, aplicam-se perfeitamente à Sagrada Escritura estas palavras: A palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4,12), poderosa para edificar e repartir a herança entre os santificados (At 20,32; cf. 1Ts 2,13)”<sup>230</sup>
188. Para que os fiéis cheguem a adquirir uma estima viva pela Sagrada Escritura através da audição das leituras divinas, é necessário que os leitores que desempenham esse ministério, embora não tenham sido oficialmente instituídos nele, sejam realmente aptos e estejam cuidadosamente preparados<sup>231</sup>. A preparação de um leitor deve ser em primeiro lugar espiritual que compreende a instrução bíblica e litúrgica, e a preparação técnica.<sup>232</sup>

#### Orientações para os leitores:

189. Mediante as leituras é preparada para os fiéis a mesa da palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da Bíblia. “Por tradição, o ofício de proferir as leituras não é função presidencial, mas ministerial. As leituras sejam pois proclamadas pelo leitor, o Evangelho seja anunciado pelo diácono ou, na sua ausência, por outro sacerdote. Na falta, porém, do diácono ou de outro sacerdote, o próprio sacerdote celebrante leia o Evangelho”.<sup>233</sup> A não ser em casos de extrema necessidade, não é recomendável que um leitor proclame várias leituras na mesma missa, pois as ações litúrgicas devem ser compartilhadas com as demais pessoas participantes da celebração, de tal forma que cada leitor se responsabilize pela proclamação de uma só leitura.
190. “Na procissão ao altar, faltando o diácono, o leitor, revestido de vestes aprovadas, pode levar o livro dos Evangelhos – Evangeliário – um pouco elevado; neste caso caminha à frente do sacerdote, do contrário (estando presente o diácono), com os demais ministros.”<sup>234</sup>

<sup>230</sup> Constituição Conciliar Dei Verbum, n. 21; cf. Introdução Geral ao Lecionário, n. 10.

<sup>231</sup> Instrução Inestimabile Donum, n. 2.

<sup>232</sup> Cf. Introdução Geral ao Lecionário, n. 55.

<sup>233</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 59.

<sup>234</sup> Idem, n. 194.



191. Quando se leva o Evangeliário na Procissão de Entrada, deve-se mantê-lo fechado, e não aberto<sup>235</sup>. Quem transporta o Evangeliário na Procissão de Entrada coloca-o no centro do altar, sem realizar a inclinação profunda e nem a genuflexão.<sup>236</sup>
192. Quando o leitor se dirigir ao ambão para proclamar a leitura, passando em frente do presbitério, ele sempre deve realizar a inclinação profunda ao altar, mesmo se no presbitério houver o Sacrário do Santíssimo.<sup>237</sup>
193. Os leitores proferem, do ambão, as leituras que precedem o Evangelho. Se o salmo não for cantado, o leitor profere o salmo responsorial depois da primeira leitura.<sup>238</sup>
194. “O Aleluia ou o versículo antes do Evangelho podem ser omitidos quando não são cantados.”<sup>239</sup>
195. “Na falta de diácono, depois que o sacerdote fez a introdução, o leitor pode proferir do ambão, as intenções da oração universal.”<sup>240</sup>
196. “Não convém de modo algum que várias pessoas dividam entre si um único elemento da celebração, por exemplo, a mesma leitura feita por dois, um após o outro, a não ser que se trate da Paixão do Senhor”<sup>241</sup>. Por esta orientação, conclui-se que não podem ser substituídas a proclamação das leituras e do Evangelho por encenações teatrais ou jograis, seja nas celebrações da missa como nas celebrações da Palavra na ausência do presbítero.<sup>242</sup>
197. Assim como ocorre com os coroinhas e os ministros extraordinários da sagrada comunhão, convém que os leitores também estejam trajados com uma veste apropriada.<sup>243</sup>

### **O Comentário (Monição)**

198. O comentarista “oportunamente dirige aos fiéis breves explicações e exortações, visando a introduzir os participantes na celebração e dispô-los para entendê-la melhor. Convém que as exortações do comentarista sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras. Ao desempenhar sua função, o comentarista fica em pé em lugar adequado voltado para os fiéis, não no ambão”<sup>244</sup>, mas numa estante simples e discreta.
199. O comentarista deve estar atento em preparar suas intervenções unindo a Liturgia com a vida e a necessidade da comunidade. Não se limite numa leitura mecânica do folheto, restringindo-se somente às suas explicações já prontas.

<sup>235</sup> Cf. Cerimonial dos bispos – Cerimonial da Igreja, n. 127.

<sup>236</sup> Cf. idem, n. 70.

<sup>237</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 274.

<sup>238</sup> Cf. idem, n. 196.

<sup>239</sup> Idem, n. 63c.

<sup>240</sup> Idem, n. 197.

<sup>241</sup> Idem, n. 109.

<sup>242</sup> Cf. BECKHÄUSER, Frei Alberto. *Novas mudanças na Missa*, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, pág. 68-69.

<sup>243</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 194.

<sup>244</sup> Idem, n. 105 b.

200. É importante que no início de uma celebração, o comentarista cultive uma empatia com a assembléia litúrgica por meio de saudações rápidas e afetuosas. Também é conveniente que, de vez em quando, ele possa instruir a respeito dos gestos e ritos realizados na celebração, de modo breve e oportuno, sem tornar a celebração uma aula de Liturgia. A função do comentarista é apenas oferecer condições básicas, capacitando a assembléia na participação de determinado rito.
201. Muitas vezes, as introduções às leituras são comentários que antecipam aquilo que a leitura vai dizer. Se já diz de antemão no comentário o que Deus vai falar e como devemos entender, logo nem precisamos mais proclamar a Palavra de Deus. Por isso, os comentários não têm a missão de explicar as leituras antes de a assembléia ouvi-la. Isso será a função da homilia! Que os comentários das leituras sejam uma contextualização dos textos, despertando nos ouvintes o interesse em acolher a Boa-Nova que será proclamada. Essa dificuldade acima citada consiste em nossa compreensão da palavra “comentário”. Por isso, sugerimos a palavra “monição” como a mais apropriada para essa função na celebração litúrgica.
202. O comentarista poderá anunciar os avisos e conduzir homenagens, caso haja necessidade de fazer. Ao fazê-los sejam realizados depois da Oração após Comunhão, de modo breve e claro ao povo.<sup>245</sup>

### **O manuseio do Lecionário**

203. O Lecionário é o instrumento litúrgico fundamental dos leitores. Sua função é de nos inserir na celebração do Mistério de Cristo, revelando a vontade do Pai na história da Salvação. O Concílio Vaticano II (1962 a 1965) insistiu na restauração dos Lecionários para que sejam largamente abertos os tesouros bíblicos aos fiéis.
204. “Os livros litúrgicos hão de ser tratados com cuidado e respeito, pois é deles que se proclama a Palavra de Deus e se profere a oração da Igreja. Por isso, mormente quando se trata de celebrações litúrgicas, tenham-se à mão os livros litúrgicos oficiais das edições mais recentes, belos e dignos, quer na apresentação gráfica quer na encadernação.”<sup>246</sup>
205. Insista-se que as leituras da Palavra de Deus sejam proclamadas sempre do Lecionário e não de folhetos ou livretos. Pede-se que na medida do possível, as comunidades adquiram, pelo menos, o Lecionário Dominical para celebrar a Palavra de Deus.
206. O Lecionário para a celebração eucarística é formado por três livros, além do Evangelário:

#### **a) Lecionário Dominical:**

207. É utilizado nas celebrações de todos os domingos do ano (bem como suas vésperas, no sábado) e solenidades. Sua Liturgia da Palavra é formada por três leituras mais o salmo responsorial (exceto em grandes celebrações onde há mais leituras: vigília pascal ou vigília de pentecostes).

<sup>245</sup> Cerimonial dos bispos – cerimonial da Igreja, n. 168.

<sup>246</sup> Idem, n. 115.

208. Para conseguir uma maior variedade e uma maior abundância dos textos bíblicos, estas leituras são distribuídas em três anos. Cada ano corresponde a um ciclo. Os ciclos são designados pelas letras A, B e C. Cada ciclo acompanha o desenvolvimento do ano litúrgico, que se inicia no 1º Domingo do Advento. Por exemplo:

<b>ciclo A</b>	<b>ciclo B</b>	<b>ciclo C</b>
2005	2006	2007
2008	2009	2010
2011	2012	2013

209. No final do Lecionário Dominical há um capítulo reservado para algumas celebrações: Imaculada Conceição, Apresentação do Senhor, Natividade de S. João Batista, São Pedro e S. Paulo, Transfiguração do Senhor, Assunção de Nossa Senhora, Exaltação da Santa Cruz, Nossa Senhora Aparecida, Todos os Santos, Finados, Dedicção da Basílica de Latrão.

**b) Lecionário Semanal (ou Ferial):**

210. Esse Lecionário é utilizado durante os dias da semana (de segunda-feira a sábado). Cada celebração da Palavra é formada por duas leituras mais o salmo responsorial.

211. Com o mesmo objetivo do anterior, ele quer proporcionar um contato mais abundante dos fiéis com a Sagrada Escritura. Esse Lecionário segue como referência o ano litúrgico com seus respectivos tempos e domingos, mas ele segue uma dinâmica um pouco diferente quando se refere ao Tempo Comum: a Primeira Leitura, com o seu salmo responsorial, é distribuída em dois ciclos – ano ímpar e ano par. Por exemplo:

<b>Tempo Comum</b>	<b>Ano ímpar</b>	<b>Ano par</b>
	2005	2006
	2007	2008
	2009	2010

**c) Lecionário para as missas dos santos, dos comuns, para diversas necessidades e votivas (ou Santoral):**

212. A intenção desse Lecionário é ajudar as comunidades a redescobrir que a nossa união com os santos se realiza de modo admirável, sobretudo na Liturgia. As celebrações dos santos proclamam as maravilhas do Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis oportunos exemplos a serem imitados<sup>247</sup>. “A Igreja sempre afirmou que nas festas dos santos se anuncia e se renova o Mistério Pascal de Cristo.”<sup>248</sup>

213. O Lecionário Santoral é estruturado da seguinte maneira:

<b>1ª parte</b>	Memória dos santos segundo o seu dia entre os meses de janeiro a dezembro
<b>2ª parte</b>	Dos Comuns dos santos: Nossa Senhora, mártires, pastores, doutores da Igreja, ...
<b>3ª parte</b>	Para diversas necessidades:

<sup>247</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 111.

<sup>248</sup> Introdução das Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral, II.

	pela Igreja, bem público, ...
<b>4ª parte</b>	Celebrações votivas <sup>249</sup>

### A escolha das leituras segundo os graus de celebração

214. As celebrações litúrgicas se distinguem em graus e são denominadas: solenidades, festas e memórias.<sup>250</sup>

#### a) Solenidades:

215. As solenidades são os dias mais importantes no calendário cristão, cuja celebração começa no dia precedente, nas vésperas<sup>251</sup>. Se o dia da solenidade coincidir com o domingo, a solenidade substituirá o domingo, exceto quando forem os domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa, sendo, nesse caso, antecipada para o sábado<sup>252</sup>. As conferências episcopais podem alterar os dias de algumas solenidades para o domingo com o objetivo de uma maior participação do povo. No Brasil, são transferidas para o domingo posterior as seguintes solenidades: Ascensão do Senhor, São Pedro e São Paulo, Assunção de Nossa Senhora, Todos os Santos.

216. Assim como ocorre nos domingos, sempre se proclamam, nas solenidades, três leituras, isto é, do Profeta, do Apóstolo e do Evangelho, que são próprias da celebração. Tais leituras não podem ser omitidas ainda que a solenidade seja num dia de semana. No Tempo Pascal, em lugar do Antigo Testamento, a leitura será dos Atos dos Apóstolos.<sup>253</sup>

217. Algumas solenidades são enriquecidas com uma missa de vigília, nas vésperas<sup>254</sup>, com as leituras próprias da solenidade.

#### b) Festas:

218. As festas são celebradas num dia litúrgico normal (de meia-noite a meia-noite), exceto as festas do Senhor que ocorrem nos domingos do Tempo Comum e do Tempo do Natal<sup>255</sup>. Nos domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa não se celebram as festas.<sup>256</sup>

219. “Para as festas são previstas duas leituras. Mas, se a festa, segundo as normas, for elevada ao grau de solenidade, acrescenta-se uma terceira leitura, tirada do Comum”<sup>257</sup>. Essas normas vigoram quando a festa coincidir com o domingo ou quando houver uma razão pastoral que aconselhe essa elevação. Por exemplo: quando uma comunidade tem por padroeiro o apóstolo São Judas Tadeu; no calendário geral da Igreja é uma festa, mas para as comunidades que o invocam

<sup>249</sup> As “Celebrações Votivas” são destinadas ao cultivo de devoções.

<sup>250</sup> Cf. Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral, n. 10.

<sup>251</sup> Cf. *idem*, n. 11.

<sup>252</sup> Cf. *idem*, n. 5.

<sup>253</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, 357.

<sup>254</sup> Cf. Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral, n. 11.

<sup>255</sup> Cf. *idem*, n. 13.

<sup>256</sup> Cf. *idem*, n. 5.

<sup>257</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 357.

como padroeiro principal, tal celebração eleva-se para o grau de solenidade. O mesmo vale para as memórias de santos, quando eles são padroeiros.

### **c) Memórias:**

220. Há duas classes de memórias: as obrigatórias e as facultativas. São obrigatórias as memórias dos santos que manifestam uma importância especial para a Igreja de todo o mundo.<sup>258</sup>

221. Nas memórias dos santos, deve-se dar preferência às leituras dos dias de semana, a não ser que no Lecionário Santoral se apresente uma 'Leitura Própria' do santo. Por Leitura Própria entende-se aquele texto bíblico que trata do Mistério que a missa celebra ou quando trata da mesma pessoa do santo<sup>259</sup>, mencionando-o nos textos do Novo Testamento, como São Timóteo e São Tito, São Barnabé, Santa Maria Madalena, Santa Marta, ...<sup>260</sup>. Para as memórias dos outros santos, encontramos as 'Leituras do Comum' que sublinham algum aspecto da vida espiritual ou da atividade do santo. O uso dessas leituras não é obrigatório, a não ser que uma razão pastoral o aconselhe.<sup>261</sup>

### **A preparação espiritual do Ministro da Palavra**

222. Na Liturgia, o leitor não fala em seu próprio nome. O leitor é um verdadeiro ministro da Palavra de Deus, é um porta-voz de Deus, um servidor de sua Palavra, que 'empresta' a sua voz para que Deus fale com o seu povo.

223. A Palavra de Deus gera algo novo e diferente no mundo (cf. Gn 1; Is 55,11), pois não apenas consiste em tornar conhecida uma idéia, um pensamento ou uma impressão. É pela palavra que Deus divide a humanidade entre aqueles que o acolhem e aqueles que não (cf. Rm 10,17; espada de dois gumes: Hb 4,12), traz a vida, a conversão e a salvação ou a ruína, a morte e a perdição (cf. Sl 119(118),105; Mc 8,38).

224. Assim, ser um ministro da Palavra é uma grande responsabilidade porque ele é muito mais do que um mero leitor ou comunicador profissional. O ministro da Palavra é alguém comprometido com Deus para ser instrumento de conversão e fé da assembléia ouvinte. Uma proclamação sem a devida preparação espiritual pode até ser uma leitura esplêndida, com voz e dicção perfeita, mas certamente delimita a eficácia da graça do Senhor. Por isso, ele deve cultivar uma vida de oração fundamentada na leitura orante da Bíblia. Uma das maneiras eficazes de rezar com a Bíblia é um método milenarmente conhecido na Igreja chamado "Lectio Divina"<sup>262</sup>.

### **Técnicas de Leitura para o Ministro da Palavra**

225. Não basta ler! O Ministro da Palavra deve saber proclamar o texto. Sua leitura proclamada deve atingir a atenção e o coração dos ouvintes. A proclamação é uma leitura que declara a vitória de Cristo, é a expressão da vida que ressuscita

<sup>258</sup> Cf. Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral, n. 9.

<sup>259</sup> Cf. Introdução Geral ao Lecionário, n. 83.

<sup>260</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 358.

<sup>261</sup> Cf. Introdução Geral ao Lecionário, n. 83; cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano 357.

<sup>262</sup> No Anexo I desse Diretório apresentamos um itinerário para a oração da Lectio Divina.

pela força de Deus. O leitor deve projetar a sua voz para fora, de forma que fique nítida aos ouvidos da assembléia.

**226. Dicas para uma boa proclamação:**

- a. Quando chegar o momento da proclamação, o leitor, que se encontra fora do presbitério, dirija-se até o ambão com tranqüilidade. Antes de entrar no presbitério, o leitor fique em frente ao altar e realize a inclinação profunda (de corpo), mesmo se houver a presença do Santíssimo Sacramento no presbitério;
- b. No ambão, coloque-se em pé, com as mãos sobre o Lecionário, com a cabeça erguida e as costas retas para poder respirar melhor. Onde houver microfone, veja se está ligado e se está na altura e na distância certa para a boca;
- c. Olhe para a assembléia. Estabeleça contato reunindo e chamando o povo com o olhar, como uma ponte até às últimas fileiras. Tudo em silêncio. É o silêncio que valoriza a palavra;
- d. Proclame a leitura pausadamente, dando todo sentido à Palavra, sem atropelos. Que a proclamação seja tão bem realizada que a assembléia não necessite de folhetos;
- e. Ao terminar a proclamação da Palavra, diga ou cante: "Palavra do Senhor!" e somente isto. Se esta conclusão for cantada, é bom que os outros proclamadores também cantem, para que se crie uma harmonia celebrativa. Evite-se ficar mostrando o Livro para a assembléia após a proclamação, porque toda nossa reverência e atenção devem se concentrar na Palavra Proclamada que foi ouvida e já deve estar em nosso coração;
- f. Distancie-se do ambão com toda calma e tranqüilidade, reverenciando o altar com a inclinação profunda;
- g. Não confundir proclamação com declamação. Na Liturgia, a Palavra de Deus é proferida através do Livro Litúrgico (Lecionário ou Evangeliário). A declamação é uma recitação teatral do texto, sem a necessidade do Livro. Isso não é conforme o exemplo de Leitura Litúrgica dado por Jesus no Evangelho;<sup>263</sup>
- h. Tenha um auto-conhecimento e treinamento de sua voz. Prepare a leitura em ambiente fechado para liberação da sua voz. Ouça a sua própria proclamação através de um gravador. Uma voz demasiado estridente ou farruosa causa mal-estar nos ouvintes. Descubra qual é a reação que brota dos ouvintes diante de sua voz!
- i. Pratique exercícios de respiração, treinando o músculo do diafragma;
- j. A dicção é um item básico para a inteligibilidade: quem não pronuncia direito as palavras não é entendido. O movimento dos maxilares é o responsável pela dicção clara. A pronúncia das vogais é importantíssima no português. Para se obter uma melhor dicção exercitando os músculos da face e dos lábios, use-se o método da mastigação. Outro método para treinar a dicção é a repetição de "trava-línguas"<sup>264</sup>;
- k. Um leitor que não entende aquilo que está proclamando, transmitirá dúvidas. Por isso, o leitor prepare a proclamação conhecendo o conteúdo do

<sup>263</sup> Cf. Lc 4,16-20. Na época, todo judeu que ensinava na sinagoga devia memorizar a Sagrada Escritura, logo não haveria necessidade de Jesus tomar o Livro para proclamar a profecia de Isaías. Porém o fez para demonstrar o valor litúrgico do Livro.

<sup>264</sup> No anexo II apresentamos vários exercícios de dicção para o treinamento dos leitores.

texto, a pronúncia de nomes difíceis, o seu gênero literário, pois cada texto possui um tom de voz ou uma maneira de proclamação (narração, exortação, poesia,...);<sup>265</sup>

- l. Deve-se respeitar os sinais de pontuação e dar um bom ritmo de proclamação do texto (nem muito rápido e nem muito devagar) para que seja corretamente expresso;
- m. Destaque, realce, dê uma entonação especial para fazer ressaltar alguma palavra ou expressão. Cuidado para não ler um texto sendo monótono, usando um só tom e uma só cadência;
- n. Atenção redobrada para que a mensagem não fique desgastada com os acessórios! Que o vestuário não desvie a atenção dos ouvintes (a cor, os decotes, as saias, as jóias, a maquiagem,... que tudo seja de bom senso e respeito);
- o. Microfone: é um instrumento útil em nossas celebrações, mas que o leitor tenha familiaridade com o seu manuseio, bem como o pedestal que o sustenta. Cuide que esteja direcionado à boca do leitor, mantendo uma distância suficiente para perceber a qualidade e o volume conveniente para aquele microfone. Em função do seu ministério, o leitor sempre deve verificar o bom funcionamento dos microfones;
- p. É também responsabilidade dos leitores preparar antecipadamente o Leccionário, localizando as leituras para a celebração. Para isso, sempre é bom consultar o Diretório Litúrgico Anual a fim de não cometer nenhuma gafe.

---

<sup>265</sup> “Nos textos que devam ser proferidos em voz alta e clara, (...) a voz há de corresponder ao gênero de cada texto, conforme se trata de leitura, de oração, de aclamação, de canto, tendo ainda em conta a forma de celebração e a solenidade da assembléia.” Cerimonial dos bispos – cerimonial da Igreja, n. 116; cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 238.

## Capítulo 6

### O Canto e a Música Litúrgica na Celebração Eucarística

227. A Liturgia, como exercício da função sacerdotal de Cristo<sup>266</sup>, comporta um duplo movimento: de Deus para os homens, para santificá-los; e dos homens para Deus, para que Ele seja glorificado e adorado em espírito e verdade.
228. A Liturgia é um diálogo entre o Deus-Trindade e o Homem-Comunidade. Esse diálogo é composto de vários momentos. Cada momento tem sua característica própria e, portanto, uma expressão diferenciada. Ninguém cantaria um salmo penitencial (salmo 50 - Miserere) de forma triunfal ou o hino de Glória ou o Santo timidamente.
229. “O canto e a música litúrgica é parte necessária e integrante da Liturgia, por exigência de autenticidade, deve ser a expressão da fé e da vida cristã de cada assembléia”<sup>267</sup>. Não é apenas para embelezar ou para quebrar a monotonia das orações. Dê-se grande valor ao uso do canto nas celebrações<sup>268</sup>.
230. Os atos litúrgicos revestem-se de forma mais nobre quando são solenemente celebrados com o canto, com a participação ativa dos fiéis e dos ministros ordenados.<sup>269</sup>
231. Cada momento da Liturgia exige um tipo de expressão musical. Sem conhecer o espírito de cada momento do diálogo litúrgico, corremos o risco de dar um ‘Viva’ tão tímido que ninguém se sentirá estimulado a responder.

### O Canto Litúrgico a serviço da Palavra de Deus e dos gestos sagrados da celebração

232. Na celebração, Deus se revela para a assembléia litúrgica numa “passagem” (páscoa) libertadora em nossa vida. Os discípulos de hoje recobram a esperança e reavivam a chama da fé, da esperança e do amor na medida em que percebem a ação do Espírito do Ressuscitado e descobrem o sentido dos acontecimentos.
233. Os corações dos fiéis ardem à medida que a mente se ilumina com a proclamação da Palavra Divina (cf. Discípulos de Emaús: Lc 24,13-35).<sup>270</sup>
234. “O canto, por natureza, está intimamente vinculado à Palavra de Deus. O canto é Palavra que desabrocha em sonoridade, melodia e ritmo”<sup>271</sup>. “O canto será, assim, a expressão mais suave ou mais forte da Palavra. Por essa vinculação de raiz da Palavra, no culto cristão, o canto é a expressão musical mais importante.”<sup>272</sup>

<sup>266</sup> Cf. Constituição Conciliar Lumen Gentium, n. 11 e 31.

<sup>267</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 112.

<sup>268</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 40.

<sup>269</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 113; cf. Musicam Sacram, n. 27.

<sup>270</sup> Cf. “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 274.

<sup>271</sup> Idem, n. 203.

<sup>272</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 120 e Instrução Musicam Sacram, n. 9.



235. Por isso, a música, na Liturgia, necessita essencialmente estar a serviço da Palavra de Deus:
- Proclamando e interiorizando a Palavra de Deus na celebração;<sup>273</sup>
  - Respondendo o apelo da Palavra proclamada. O Salmo Responsorial, vinculado com a 1ª leitura, não pode ser trocado por um outro salmo ou canto qualquer;
  - Aclamando o Evangelho antes e/ou depois da sua Proclamação e durante a Oração Eucarística;
  - Preparando os fiéis para a escuta da Palavra de Deus.<sup>274</sup>
236. A Liturgia é um memorial no qual Deus se faz presente na comunidade e age nos ritos sagrados por meio de Cristo. Sendo assim, o canto litúrgico alcança seu sentido quando é sintonizado e acompanha harmoniosamente os ritos da celebração, sem se desviar do verdadeiro sentido de cada momento da celebração. Desse modo, podemos concluir que quanto mais gerais forem os textos dos cantos e menos ligados à ação litúrgica ou ao tempo e à festa, tanto menos litúrgicos eles serão. O importante é cantar a Liturgia, e não simplesmente cantar na Liturgia, como tantas vezes acontece quando o gosto pessoal dos cantores prevalece.
237. A função ministerial do Canto Litúrgico:
- Estar intimamente ligado à ação litúrgica que está sendo realizada, quer exprimindo suavemente a oração, quer favorecendo a unidade e a comunhão dos fiéis, quer dando maior solenidade aos ritos sagrados;<sup>275</sup>
  - Levar em conta o tempo litúrgico, as solenidades e as festas de preceito;<sup>276</sup>
  - Estar em sintonia com os textos bíblicos de cada celebração, especialmente com o Evangelho, no que diz respeito ao canto de comunhão;<sup>277</sup>
  - Não usar melodias que já foram usadas em outros textos não litúrgicos<sup>278</sup>, isto é, fazendo adaptações de músicas populares;
  - Respeitar a sensibilidade religiosa do nosso povo;<sup>279</sup>
  - Escolher músicas com letras e ritmos adequados ao tipo de celebração.<sup>280</sup>
238. Exigências para assumir o Ministério dos Cantos Litúrgicos:
- Em primeiro lugar exige-se que o cantor entenda de Liturgia, no sentido teórico e prático. Todo cantor que não entende a Liturgia e não se preocupa em aprofundá-la não deve assumir tal ministério diante da comunidade;
  - A segunda exigência é de que todo canto litúrgico seja querigmático, e não canto moralista. O aspecto querigmático do canto litúrgico consiste no fato de apresentar e descrever o Mistério celebrado e não de impor uma vivência ou prática moral ou cristã. Em outras palavras, o canto descreve e propõe o Mistério, a pessoa o acolhe ou rejeita, e a vivência cristã será moldada a partir da acolhida de Cristo e de seu Mistério Salvador.

<sup>273</sup> Cf. Ez 3,1-3; Ap 10,8-10

<sup>274</sup> Cf. "A música litúrgica no Brasil", Estudos da CNBB 79, n. 275.

<sup>275</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 112.

<sup>276</sup> Cf. "A música litúrgica no Brasil", Estudos da CNBB 79, n. 201.

<sup>277</sup> Cf. idem.

<sup>278</sup> Cf. idem.

<sup>279</sup> Cf. idem.

<sup>280</sup> Cf. idem.

## O animador de cantos ou Equipe de cantos

239. “Com a compreensão que temos hoje de que a celebração dos Mistérios da Fé é função de todo o povo de Deus e se processa num rico diálogo entre os ministros e a assembléia, diálogo que tem no canto o seu momento mais expressivo, podemos imaginar a importância desse ministério”<sup>281</sup>. Daí a importância do ministério da música. Sua função é de apoiar e dirigir o canto dos fiéis.<sup>282</sup>
240. Ninguém participa de uma celebração para ser admirado pela comunidade. Animar os cantos para uma assembléia litúrgica é um serviço e uma oração. Cabe ao animador as seguintes funções:<sup>283</sup>
- Orientar a escolha dos cantos na celebração, de forma criteriosa e em unidade com o pároco. Elabore-se um programa conjunto com as demais Equipes de cantos da sua comunidade;
  - Dosar o repertório, promovendo o equilíbrio entre a tradição e a novidade, repetição e variedade, de modo que mantenha a assembléia segura nos seus cantos tradicionais e, ao mesmo tempo, contente em poder renovar o seu repertório;
  - Animar o canto da assembléia, de modo que faça vibrar numa só voz o canto dos refrões, as respostas ou aclamações da Oração Eucarística, sobretudo o “Santo”;
  - Para que a assembléia possa cantar nas celebrações, o animador jamais pode esquecer de providenciar o acesso de todos à letra do canto.

## O bom uso do microfone e a participação da Assembléia

241. A voz da assembléia é a base de todo edifício musical de uma celebração, pois o canto da assembléia é a voz do corpo místico do Cristo, que é a Igreja (cf. Cl 1,18). E nós sabemos que a palavra originária de Igreja é “ekklésia”, que significa “assembléia”, isto é, um povo escolhido e chamado por Deus.
242. O animador dos cantos ou a Equipe de animação não deve utilizar um microfone a não ser que seja absolutamente necessário, pois o animador do canto e seus acompanhantes podem, sozinhos, sonorizar todo recinto da igreja, dando a impressão que a assembléia não precisa cantar.
243. Quando não há equilíbrio e discernimento no volume do microfone e dos instrumentos, comete-se um grave ato contra a Comunidade Orante, pois esta atitude encobre e cala a voz da assembléia litúrgica, que é a própria voz da Igreja reunida no amor de Cristo.

## O canto litúrgico na Eucaristia segundo os seus graus

244. Os cantos nas celebrações são divididos em: Ordinários ou Próprios.
- Ordinários:** Esses cantos possuem um texto fixo e invariável, pois constituem partes fixas da missa. O texto não varia, o que pode e deve variar é a melodia, isto é, a música. Isso ajuda muito o povo, pois não precisa do folheto para acompanhar e pode cantar com toda espontaneidade. Os cantos

<sup>281</sup> Cf. idem, n. 247.

<sup>282</sup> Cf. Instrução Musicam Sacram, n. 21.

<sup>283</sup> Cf. “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 247.

Ordinários da missa são: Kyrie, Glória, Credo, Santo, Pai-nosso e o Cordeiro de Deus.

- b. **Próprios:** São cantos que variam em cada missa, ou seja, possuem o texto próprio do domingo, do tempo litúrgico ou da festa que se celebra. Esses cantos são: Procissão de Entrada, Salmo Responsorial, Aclamação ao Evangelho, Apresentação das Oferendas e a Procissão da Comunhão.

### Os Cantos para a Missa

245. “Uma autêntica celebração exige também que se observe exatamente o sentido e a natureza próprios de cada parte e de cada canto...”<sup>284</sup>

#### Canto de Entrada

246. O objetivo desse canto é convocar a assembléia, criando um clima que promova a união orante da comunidade no encontro com o Ressuscitado. Essa canção deve deixar claro para toda a assembléia qual a festa ou o Mistério do Tempo Litúrgico que se celebra.<sup>285</sup>

247. Esse canto não deve ser demasiado longo, pois pertence à categoria dos cantos que acompanham um rito, que, no caso, inicia-se com a procissão de entrada e encerra-se quando o sacerdote se encontrar na sede presidencial.<sup>286</sup>

248. Todo o povo deve cantar com a Equipe de animação. Os instrumentos têm a função de incentivar e apoiar o canto. Não devem encobrir as vozes dificultando a compreensão do texto.

#### Senhor, tende piedade

249. É um canto de louvor e exultação a Cristo Ressuscitado através do qual os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia (Kyrie eleison). É cantado normalmente por todos, tomando parte nele o povo e o grupo de cantores ou o cantor.<sup>287</sup>

250. Não podemos confundir simplesmente o canto do “Senhor, tende piedade” com o rito do Ato Penitencial, pois este canto é um dos elementos que constitui o rito. O Ato Penitencial possui três momentos:<sup>288</sup>

- O presidente da celebração motiva a assembléia para que proclame a misericórdia de Deus manifestada em Jesus, através de um instante de silêncio;
- A assembléia invoca a misericórdia do Senhor através do “Senhor, tende piedade” ou por alguma das formas indicadas pelo missal. Não é o presidente da celebração que canta ou reza as invocações, mas alguém da assembléia: animador do canto ou leitor;
- O rito termina com a oração de perdão pronunciada pelo presidente da celebração: “Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós...”

<sup>284</sup> Instrução Musicam Sacram, n. 6b

<sup>285</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 47.

<sup>286</sup> Cf. idem, n. 47.

<sup>287</sup> Cf. idem, n. 52.

<sup>288</sup> Cf. “Animação da vida litúrgica no Brasil”, Documento da CNBB 43, n. 250.

251. Este rito é a forma mais utilizada pelas nossas comunidades, mas não é a única. Outras formas de Ato Penitencial podem se encontradas no Missal Romano, entre as quais citamos, por exemplo, “Confesso a Deus...” no qual o “Senhor, tende piedade” (Kyrie) é cantado ou rezado depois da oração de perdão pronunciada pelo presidente da celebração.

### **Glória a Deus nas alturas**

252. “É um hino antiqüíssimo e venerável pelo qual a Igreja, reunida no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro. Não constitui uma aclamação trinitária”<sup>289</sup>, mas é um hino em homenagem a Jesus Cristo<sup>290</sup>. Deve ser um hino cantado por toda a assembléia e não por um grupo de cantores. Se não for cantado, deve ser recitado por todos juntos ou alternado em dois coros.

253. Esse hino “é cantado ou recitado aos domingos, exceto no tempo do Advento e da Quaresma, e nos dias de solenidades, festas ou em celebrações especiais mais solenes.”<sup>291</sup>

254. Por ser um hino antiqüíssimo, conservado pela Tradição da Igreja na Liturgia, o seu texto não pode ser substituído por qualquer outro hino de louvor ou por paráfrases que se distanciam do seu sentido original<sup>292</sup>. Somente é possível alterações no texto original do hino do Glória se houver a aprovação da CNBB através dos Hinários Litúrgicos.

### **Salmo Responsorial**

255. É parte integrante da Liturgia da Palavra e seu texto acha-se diretamente ligado à 1ª leitura, não podendo ser substituído por outro salmo que não corresponda à celebração do dia, ou pior, por algum outro canto de meditação<sup>293</sup>. É um canto que interioriza a Voz de Deus. Execute-se sem pressa, com voz suave e andamento tranqüilo.

256. De preferência, o salmo responsorial deve ser cantado e o salmista proferirá os versículos do salmo do Lecionário e, se possível, no ambão, enquanto toda a assembléia escuta sentada, cantando o refrão<sup>294</sup>.

257. O bom salmista é um leitor-cantor que cultiva seus talentos musicais e sua afinação, preparando-se como um verdadeiro ministro da Palavra, como vimos no capítulo anterior.

258. Cabe ao salmista comunicar, de forma discreta e orante, os sentimentos do salmo não só pela voz, mas ainda através da postura do corpo e da expressão do rosto, para elevar os corações e as mentes dos fiéis a Deus, aumentando o fervor e a vivacidade das orações da comunidade.

259. Por causa de seu caráter de leitura cantada, a melodia deverá ser de preferência bastante simples para que a assembléia tenha condições de cantar. Nos so-

---

<sup>289</sup> Idem, n. 257.

<sup>290</sup> Cf. idem, n. 308.

<sup>291</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 53.

<sup>292</sup> Cf. idem, n. 53.

<sup>293</sup> Cf. idem, n. 61.

<sup>294</sup> Cf. idem, n. 61.

los, o que deve ser ouvido é a voz do salmista, por isso os instrumentos devem apenas apoiar e acompanhar discretamente, sem se sobrepor ao canto.

### **Aclamação ao Evangelho**

260. É uma aclamação de louvor alegre e vibrante (“Hallelu – Jah” = louvai ao Senhor!) “que constitui um rito ou ação por si mesma através do qual a assembléia dos fiéis”<sup>295</sup>, em pé, professa a sua fé pelo canto, acolhendo e saudando o Senhor que vai falar no Evangelho<sup>296</sup>. Embora o Aleluia ou o versículo antes do Evangelho possam ser rezados, preferencialmente sejam cantados, pois “podem ser omitidos quando não são cantados.”<sup>297</sup>

261. Esse canto deve ter uma intensa participação da assembléia, ao menos no refrão. O Aleluia é cantado em todo o tempo, exceto na Quaresma. O versículo deve ser, de preferência, do Lecionário, podendo ser proferido pelo animador ou pela Equipe de canto<sup>298</sup>. “No tempo em que o Aleluia é omitido, cante-se um verso aclamativo da Sagrada Escritura (por exemplo, Mt 4,4) ou uma doxologia do Novo Testamento (por exemplo, 1Tm 6,16 ou 1Pd 4,11 ou Ap 1,6)”<sup>299</sup>

262. Essa aclamação pode ser repetida quantas vezes for necessário, iniciando-se com a procissão do Evangeliário ao Ambão e encerrando-se no momento em que o sacerdote ou o diácono estiver no ambão. “É de bom costume repetir o Aleluia após o Evangelho.”<sup>300</sup>

### **Apresentação das Oferendas**

263. É o início da Liturgia Eucarística e corresponde ao momento em que as oferendas – isto é, o pão e o vinho – que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo, são levados para o altar<sup>301</sup>. É louvável que os fiéis conduzam em procissão o pão e o vinho<sup>302</sup>. Além de levar o pão e o vinho ao altar, realiza-se o gesto de apresentar dinheiro e outros donativos, expressando a comunhão das pessoas de colocar em comum o que são e o que possuem, para atender as necessidades dos irmãos e da própria comunidade.<sup>303</sup>

264. O canto das oferendas não precisa necessariamente falar das ofertas, mas recordar a vida do povo, de modo que se una com o ato litúrgico de oferecer-se ao Pai em Cristo.<sup>304</sup>

265. Esse canto é facultativo e acompanha a procissão das oferendas, prolongando-se até que os dons tenham sido apresentados sobre o altar e o sacerdote tenha feito o lavabo<sup>305</sup>, por isso cuide-se para não alongar demasiadamente o canto além da conclusão do rito.

<sup>295</sup> Idem, n. 62.

<sup>296</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 62 e “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 302.

<sup>297</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 63c.

<sup>298</sup> Cf. idem, n. 62.

<sup>299</sup> “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 302.

<sup>300</sup> Idem, n. 302.

<sup>301</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 73.

<sup>302</sup> Cf. idem e “Animação da vida litúrgica no Brasil”, Documento da CNBB 43, n. 290.

<sup>303</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 73.

<sup>304</sup> Cf. “Animação da vida litúrgica no Brasil”, Documento da CNBB 43, n. 296.

<sup>305</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 74.

266. Geralmente canta-se durante todo o rito da apresentação das oferendas. Tal prática pode prosseguir em nossas comunidades normalmente. Entretanto, há uma sugestão da CNBB para que esse rito seja realizado de modo mais completo e adequado, com três momentos distintos:

- a. Procissão das oferendas: um grupo de pessoas em nome da assembléia leva ao sacerdote ou diácono o pão e o vinho;
- b. Procissão dos dons (dinheiro, arrecadação de alimentos, roupas, etc);
- c. Oração sobre o pão e o vinho realizada pelo presidente da celebração (“Bendito sejas, Senhor Deus do Universo,...”) seguida da aclamação rezada ou cantada pela assembléia (“Bendito seja Deus para sempre!”).<sup>306</sup>

**N.B.:** Os dois primeiros momentos acima citados são acompanhados pelo canto, que pode continuar após a oração sobre o vinho.

## Santo

267. É uma aclamação triunfal de grande importância que faz parte da Oração Eucarística na qual toda a assembléia deve cantar<sup>307</sup>, unindo-se aos espíritos celestes.<sup>308</sup>

268. O texto desse canto é inspirado na visão do profeta Isaías quando ouviu os Serafins cantarem no Templo (Is 6,3), na visão de João (Ap 4,8) e na entrada de Jesus em Jerusalém (Mt 21,9). Por ser um dos cantos dos Ordinários da missa, não se pode admitir acréscimos, alterações ou paráfrases.<sup>309</sup>

## Aclamação Memorial

269. É o momento do anúncio do Mistério Pascal. O presidente da celebração proclama “Eis o Mistério da Fé!” e toda a assembléia responde expressando sua fé na presença do Mistério Pascal de Jesus na Eucaristia. Quando cantado, é importante que toda a assembléia participe e não seja executado somente por um grupo de cantores<sup>310</sup>. Nesse caso, é conveniente combinar a melodia com o presidente da celebração (“Eis o Mistério da Fé!”) para que haja uma harmonia musical entre o canto do presidente e a resposta da assembléia.

270. Há três aclamações propostas pelo missal que a equipe de cantos deve ensaiar com a assembléia:

- a. “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, vinde, Senhor Jesus!”
- b. “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda!”
- c. “Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição!”

271. Textos alternativos que exprimem a fé na presença real devem ser excluídos, pois alteram o sentido litúrgico do Mistério que se celebra. Portanto não se deve

<sup>306</sup> Cf. “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 319.

<sup>307</sup> Cf. idem, n. 303.

<sup>308</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 79b.

<sup>309</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 366 e “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 303.

<sup>310</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 216 e “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 304.

substituir uma das três aclamações acima citadas por um canto eucarístico ou de louvor.<sup>311</sup>

272. Durante a narrativa da Instituição ou a Consagração, bem como toda a Oração Eucarística, não se admite nenhum outro som, além das palavras do presidente da celebração. Toda inserção instrumental neste momento pode distrair e desvirtuar a celebração do Mistério Eucarístico. Este é um momento forte e alto da presença e ação de Deus, e convém que a assembléia, inclusive o grupo de cantores, escutem em silêncio, atenção e respeito as palavras do Cristo que se oferece a nós por amor.<sup>312</sup>

### **Aclamações da Oração Eucarística**

273. Durante a Oração Eucarística estão previstas várias e curtas aclamações da assembléia. É o jeito mais significativo de o povo participar do grande louvor e solene ação de graças que é a Eucaristia.<sup>313</sup>

### **O Grande Amém (Doxologia)**

274. Convém que se valorize da melhor maneira possível o Amém conclusivo da Oração Eucarística através do canto, com intensa participação da assembléia.<sup>314</sup>

275. A proclamação da doxologia (Por Cristo, com Cristo e em Cristo) é exclusiva do sacerdote, não cabendo ao diácono ou aos fiéis leigos, a não ser o 'Amém' conclusivo.

### **A Oração do Senhor**

276. É uma oração que introduz nossa preparação imediata para a participação no banquete pascal e estimula o sentimento de fraterna solidariedade cristã.<sup>315</sup>

277. O sacerdote profere o convite, todos os fiéis recitam a oração com o sacerdote, e o sacerdote acrescenta sozinho a oração chamada embolismo ("Livrai-nos de todos os males,..."), que o povo encerra com a seguinte doxologia: "Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre". Desenvolvendo o último pedido do Pai-nosso, o embolismo suplica que toda a comunidade dos fiéis seja libertada do poder do mal.<sup>316</sup>

278. "O convite, a própria oração, o embolismo e a doxologia com que o povo encerra o rito são cantados ou proferidos em voz alta"<sup>317</sup>. Quando forem cantados, deve haver uma plena participação da assembléia. A oração do Pai-nosso nunca pode ser substituída por outros cantos.<sup>318</sup>

<sup>311</sup> Cf. "A música litúrgica no Brasil", Estudos da CNBB 79, n. 304.

<sup>312</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 32 e Instrução Musicam Sacram, n. 16a; Instrução Redemptionis Sacramentum, n.53.

<sup>313</sup> Cf. "A música litúrgica no Brasil", Estudos da CNBB 79, n. 323.

<sup>314</sup> Cf. "Animação da vida litúrgica no Brasil", Documento da CNBB 43, n. 306.

<sup>315</sup> Cf. idem, n. 310.

<sup>316</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 81.

<sup>317</sup> Idem, n. 81.

<sup>318</sup> Cf. "A música litúrgica no Brasil", Estudos da CNBB 79, n. 309.

## O Canto da Paz

279 A saudação da paz deve ser dada àqueles que estão mais próximos, de modo sóbrio. Mas não se execute nenhum canto para dar a paz.<sup>319</sup>

## O Cordeiro de Deus

280. Este canto constitui um rito próprio e acompanha o partir do pão, antes de se proceder à sua distribuição. Não deve ser usado como uma forma de encerrar o movimento criado na assembléia durante o abraço da paz<sup>320</sup>. “A saudação da paz não deve ofuscar a importância desse momento do rito”.<sup>321</sup>

281. Diferentemente do “Santo” e do “Pai-nosso”, esse canto não é necessariamente um canto do povo e pode ser cantado apenas pela equipe de animação. Quem inicia esse canto ou a recitação não é quem preside, mas a assembléia, por meio do cantor ou comentarista.<sup>322</sup>

282. O canto do “Cordeiro de Deus” possui a forma de uma ladainha e pode ser executado de modo dialogal por um solista e a assembléia, prolongando-se enquanto o sacerdote parte o pão eucarístico, podendo ser repetido tantas vezes quanto o exigir a ação que acompanha (partir o pão), terminando sempre com a resposta: “Dai-nos a paz!”<sup>323</sup>

283. Existe uma proibição explícita de se substituir o texto do hino do Cordeiro por um outro texto qualquer.<sup>324</sup>

## Canto de Comunhão

284. É um canto processional para acompanhar o rito da distribuição da comunhão com o qual a assembléia expressa a alegria pela unidade do Corpo de Cristo e pela realização do Mistério que está sendo celebrado<sup>325</sup>. O canto da comunhão se prolonga até o término da procissão da comunhão ou, no máximo, até a purificação dos objetos sagrados.<sup>326</sup>

285. Muitos hinos eucarísticos utilizados tradicionalmente na adoração ao Santíssimo Sacramento não são adequados para esse momento, pois ressaltam apenas a fé na presença real, carecendo das demais dimensões essenciais do Mistério da Fé.<sup>327</sup>

286. A letra do canto deve unir o Cristo recebido na Liturgia da Palavra ao Cristo que os fiéis recebem na Comunhão<sup>328</sup>. Esse é o critério fundamental na escolha deste canto.

<sup>319</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 72.

<sup>320</sup> Cf. “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 310.

<sup>321</sup> Idem, n. 322.

<sup>322</sup> Cf. idem, n. 310.

<sup>323</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 83.

<sup>324</sup> Cf. idem, n. 366.

<sup>325</sup> Cf. idem, n. 86.

<sup>326</sup> Cf. Instrução Inestimabile Donum, n. 17.

<sup>327</sup> Cf. “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 314.

<sup>328</sup> Cf. “Animação da vida litúrgica no Brasil”, Documento da CNBB 43, n. 325.



287. Os cantores procurem comungar por primeiro em relação à assembléia, pois se recomenda que os que irão exercer algum ministério têm precedência à comunhão.
288. É importante valorizar o silêncio após a procissão da comunhão para proporcionar um momento de adoração e intimidade dos comungantes com o grandioso Mistério que receberam.<sup>329</sup>

### **Canto de Ação de Graças após a Comunhão**

289. “Este canto não é necessário e, às vezes nem desejável, quando já houve um canto de comunhão, com a participação do povo. Recomenda-se então o silêncio sagrado, isto é, um momento de interiorização após a movimentação ou exultação pela procissão da comunhão.”<sup>330</sup> É bom que fique bem esclarecido que com ou sem canto de ação de graças sempre deve haver o silêncio sagrado.

### **Canto Final**

290. É um canto com a finalidade de dispersar a assembléia reunida para a celebração. Não é justo obrigar o povo a permanecer na igreja para cantá-lo, já que o sacerdote ou o diácono envia a assembléia com as palavras: “Ide em paz...”<sup>331</sup>

### **Alguns pareceres finais sobre o canto na missa**

291. Itens que ajudam as equipes de cantos a exercer bem esse ministério:
- O canto e o ritmo não estão ligados ao gosto pessoal do animador dos cantos, mas à ação litúrgica. O que deve orientar sua atividade é o Mistério celebrado e a assembléia litúrgica;
  - O canto deve estar a serviço da Liturgia e não o contrário. Nesse sentido, é inadmissível quando certos cantos (procissão de entrada, da apresentação das oferendas ou da comunhão) continuem se seus ritos já foram concluídos;
  - A finalidade do canto é fazer com que a assembléia litúrgica participe ativa, consciente e frutuosa no Mistério celebrado. Nem sempre agitação indica participação no Mistério celebrado;
  - Não precisamos de “banda de música”. Isso é para show e missa não é show. Haja o maior cuidado para que as regras que funcionam para uma “banda de música” não venham a ser transformadas em critério litúrgico;
  - Os instrumentos musicais têm valor na medida em que ajudam a assembléia a cantar. Não há necessidade de grande número de instrumentos. Cuide-se com extremo rigor do volume dos mesmos, principalmente em relação aos instrumentos de percussão;
  - Evite-se ao máximo a afinação de instrumentos musicais imediatamente antes das cerimônias litúrgicas, pois esses prejudicam a concentração e o ambiente de oração dos fiéis.

<sup>329</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 88.

<sup>330</sup> “A música litúrgica no Brasil”, Estudos da CNBB 79, n. 320.

<sup>331</sup> Cf. idem, n. 324.

## Capítulo 7

### Celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia

292. A celebração da Eucaristia no sacrifício da missa é a origem e o fim de todo o culto cristão<sup>332</sup>. Por isso, todas as celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia fazem parte da vida da Igreja e estão intimamente relacionadas com o sacrifício eucarístico e com a comunhão sacramental. Não existe um pleno culto a Deus ou uma autêntica ação da Igreja sem se referir à celebração da missa<sup>333</sup>. Aprofundemos algumas celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia:

#### Celebração Dominical com a distribuição da Comunhão

293. A realidade atual revela que nem sempre se pode ter uma celebração plena<sup>334</sup> no domingo em muitas comunidades cristãs devido à falta de sacerdotes. Por isso, a Igreja julgou necessária uma celebração dominical de caráter supletivo que garanta a vida da graça e o fortalecimento da fé nas comunidades.

294. Para maiores aprofundamentos, consulte-se o Ritual Romano chamado “A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa” e o “Diretório para Celebrações Dominicais na ausência do presbítero”.

295. Algumas orientações para essas celebrações:

- a. Não há razão de celebrar essa forma de culto eucarístico quando for celebrado o sacrifício da missa num lugar próximo para onde os fiéis possam se deslocar<sup>335</sup>. O mesmo vale quando a missa será celebrada naquele mesmo lugar e dia (ou na tarde anterior), mesmo que seja noutra língua<sup>336</sup>. Com isso, a Igreja quer indicar a primazia da celebração da missa para que os fiéis não venham a considerar essas formas de culto eucarístico “como a melhor solução das novas dificuldades ou concessão feita à comodidade”,<sup>337</sup>
- b. Que nunca se distribua a Sagrada Comunhão aos fiéis sem antes terem partilhado do Pão da Palavra de Deus<sup>338</sup>. Essa condição vale também para o atendimento dos doentes, e nesse caso, a Liturgia da Palavra pode ser breve, de acordo com as suas condições;
- c. Que a celebração da Liturgia da Palavra siga o curso do Ano Litúrgico da Igreja, de modo que os fiéis não fiquem privados nem das leituras e nem das orações dos tempos litúrgicos;
- d. Que não se esqueça de rezar “para que se multipliquem os dispensadores dos Mistérios de Deus (sacerdotes), e sejam perseverantes no seu amor”,<sup>339</sup>

<sup>332</sup> Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 3.

<sup>333</sup> Cf. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 10.

<sup>334</sup> “Celebração Plena” entende-se por três elementos: a reunião dos fiéis presidida pelo seu pastor (sacerdote), a Palavra de Deus e o Sacrifício Eucarístico. (cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 12).

<sup>335</sup> Cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 18.

<sup>336</sup> Cf. idem, n. 21.

<sup>337</sup> Idem, n. 21.

<sup>338</sup> Cf. Instrução Inestimabile Donum, n.1.

<sup>339</sup> Missal Romano, A Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico fora da Missa, n. 26.

- e. Essas reuniões dominicais estejam sob o cuidado pastoral do pároco<sup>340</sup>. Cabe ao pároco preparar os fiéis para dirigir essas celebrações, oferecendo-lhes subsídios para as reflexões da Liturgia da Palavra;
- f. Se possível os diáconos sejam chamados para dirigir essas reuniões dominicais. Eles têm a primazia, pois são os primeiros colaboradores junto aos sacerdotes<sup>341</sup>. Na ausência de diáconos, o pároco deve designar leigos;<sup>342</sup>
- g. Tal serviço não deve ser considerado como uma honra, mas um encargo e um serviço em favor dos irmãos, sob a autoridade do pároco<sup>343</sup>. Esses leigos devem ser instituídos com a autorização do Ordinário do Lugar (bispo diocesano ou vigário geral) para atuar no território da paróquia por um mandato de dois anos, que pode ser renovável segundo o parecer do pároco;<sup>344</sup>
- h. Evite-se, com cuidado, confundir os fiéis. Evidencie-se a diferença entre as reuniões para a distribuição da Eucaristia e celebração da missa<sup>345</sup>. Por isso, não deve ser inserido nessas reuniões o que é próprio da missa, sobretudo a apresentação das oferendas (pão e vinho sobre o altar), a Oração Eucarística, o rito da fração do pão com a súplica “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo...”<sup>346</sup>.

296. Existem muitos roteiros para a Celebração da Palavra de Deus com a distribuição da Comunhão. Esses roteiros se encontram no anexo do documento da CNBB n. 52 chamado “Orientações para a celebração da Palavra de Deus”. Apresentamos aqui uma das formas de celebrar a Palavra com a distribuição da comunhão:<sup>347</sup>

- a. Os ritos iniciais;
- b. A Liturgia da Palavra de Deus (da 1ª leitura até a oração dos fiéis);
- c. Ação de graças: os fiéis, em pé e voltados para o altar, exaltam a glória de Deus e a sua misericórdia com um salmo (Sl 99, 112, 117, 147, 150), um hino, um canto (Glória a Deus nas alturas..., Magnificat) ou uma ladainha;
- d. O rito da comunhão: antes do Pai-nosso, o dirigente da celebração traz a Eucaristia para o altar, ajoelha-se junto com os fiéis e canta um hino eucarístico. Depois, com a comunidade, reza o Pai-Nosso, convida os fiéis para o abraço da paz, apresenta a Eucaristia dizendo: “Felizes os convidados...”, distribui a comunhão, faz-se um silêncio e encerra com a oração depois da comunhão;<sup>348</sup>
- e. O rito de conclusão: avisos e despedida.

297. Quando o diácono preside essa celebração, comporte-se de modo coerente ao seu ministério nas saudações, nas orações, na leitura do Evangelho e na homilia, na distribuição da comunhão e na despedida dos participantes com a bênção. Paramente-se com as vestes que lhe são próprias e utilize a cadeira presidencial, isto é, a sede.<sup>349</sup>

<sup>340</sup> Cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 24.

<sup>341</sup> Cf. *idem*, n. 29.

<sup>342</sup> Cf. *idem*, n. 30.

<sup>343</sup> Cf. *idem*, n. 31.

<sup>344</sup> Cf. Diretório Sacramental da Diocese de Ponta Grossa, n. 60.

<sup>345</sup> Cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 22.

<sup>346</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 83

<sup>347</sup> Cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 41 e 45.

<sup>348</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 30-38.

<sup>349</sup> Cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 38.

298. Quando o leigo dirige essa celebração, comporte-se um entre iguais nas saudações e intervenções da celebração, evitando palavras que pertencem ao ministério ordenado<sup>350</sup>. Se o ministro leigo deve se comportar como ‘um entre iguais’, logo, não ocorre o Diálogo Esponsal entre o Cristo e a Igreja. Por isso ele dirige suas intervenções sempre na 1ª pessoa do plural, e não como o ministro ordenado que se dirige na 2ª pessoa do plural. Por exemplo, na proclamação do Evangelho, o ministro leigo diz: “O Senhor esteja **conosco!**” e não “O Senhor esteja **convosco!**”. Ele não dá bênção sobre o povo, mas diz: “O Senhor **nos** abençoe...”. Além disso, o ministro leigo “não deve utilizar a sede, mas uma outra cadeira fora do presbitério. O altar deve servir apenas para sobre ele colocar o pão consagrado antes da distribuição da Eucaristia”.<sup>351</sup>
299. Para maiores aprofundamentos sobre a distribuição da Eucaristia, leia-se o capítulo 4 deste diretório no item sobre a comunhão.

### **Distribuição da Comunhão aos doentes e idosos**

300. O Santíssimo seja transportado à casa do doente numa teca ou em outro recipiente digno. Ao distribuir a comunhão ao doente ou idoso, o ministro esteja trajado de suas vestes litúrgicas.<sup>352</sup>
301. O Santíssimo Sacramento seja transportado diretamente à casa do doente ou idoso<sup>353</sup>. Não é permitido guardar o Santíssimo em casa para levá-lo num outro momento ao doente<sup>354</sup>. Caso ele não possa receber a comunhão, o próprio ministro comungue a partícula que está levando.
302. Instrua-se a família do doente ou idoso para que prepare uma mesa com toalha branca, se possível, com duas velas acesas, para o ministro depositar a teca com o Santíssimo.<sup>355</sup>
303. As pessoas que cuidam do doente também podem receber a Comunhão, se tal serviço as impossibilita de participar da celebração com a comunidade.
304. Segundo o Ritual Romano, ao chegar, o ministro saúda os presentes e realiza a Liturgia da Palavra, mesmo que seja breve. Depois reza o Pai-nosso e apresenta a Eucaristia para o doente comungar. Após a comunhão, conduza o doente para que reze por algum tempo em silêncio, em ação de graças pelo Mistério recebido. Encerra a celebração com uma oração e invoca a bênção de Deus sobre o doente.<sup>356</sup>
305. Os fragmentos da partícula que restarem na teca sejam recolhidos e purificados com água.<sup>357</sup>

### **Adoração ao Santíssimo Sacramento**

<sup>350</sup> Cf. idem, n. 39.

<sup>351</sup> Idem, n. 40.

<sup>352</sup> Cf. Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 20.

<sup>353</sup> Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 133.

<sup>354</sup> Cf. Código de Direito Canônico, cân. 935.

<sup>355</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 19.

<sup>356</sup> Cf. idem, n. 25; 56-63.

<sup>357</sup> Cf. idem, n. 22.

306. A adoração ao Santíssimo Sacramento leva os cristãos a reconhecerem a admirável presença de Cristo que nos convida à união cordial com Ele e favorece de modo excelente o culto em espírito e verdade, o que lhe é devido. Todas as exposições do Santíssimo Sacramento devem se relacionar com o sacrifício da missa.<sup>358</sup>
307. Durante a exposição do Santíssimo, dedique-se um tempo conveniente à leitura da Palavra de Deus, aos cantos eucarísticos que afirmam a presença real do Senhor, às preces e à oração silenciosa.<sup>359</sup>
308. Os ministros da exposição do Santíssimo Sacramento são:
- Em primeiro lugar, o sacerdote e o diácono que podem abençoar o povo, revestidos de túnica ou sobrepeliz sobre a veste talar com estola branca ou dourada. Para a bênção no fim da adoração, quando a exposição for com ostensório, o sacerdote ou diácono acrescenta a capa pluvial e o véu umebral de cor branca ou dourada; se a exposição for com cibório, só o véu umebral;
  - Os acólitos e os ministros leigos instituídos podem expor o Santíssimo trajados com sua veste litúrgica adequada, mas não podem dar a bênção sobre o povo.<sup>360</sup>
309. Quando se expõe o Santíssimo Sacramento no ostensório, acenda-se 4 ou 6 velas e use-se incenso. Quando se expõe no cibório, acenda-se ao menos 2 velas e pode-se usar incenso.<sup>361</sup>
310. “Diante do Santíssimo Sacramento, faz-se genuflexão simples (isto é, dobrar um joelho), quer esteja no tabernáculo quer exposto...”<sup>362</sup>
311. Nas igrejas que possuem autorização para conservar a Eucaristia, cuide-se para que elas “estejam abertas diariamente, ao menos por algumas horas, nos horários mais apropriados para que os fiéis possam facilmente rezar diante do Santíssimo Sacramento.”<sup>363</sup>
312. Proíbe-se a exposição do Santíssimo Sacramento na mesma igreja ou lugar em que se está sendo celebrada a missa. Também não se pode realizar procissões com o Santíssimo Sacramento dentro da missa (“Passeio do Santíssimo”), pois se exalta de tal maneira a presença real de Jesus, esvaziando-se outras dimensões da celebração eucarística.<sup>364</sup>
313. Quando a exposição se prolongar por alguns dias, sempre que ocorrer a celebração da missa naquela igreja, suspende-se a exposição e repõe-se o Santíssimo no Tabernáculo.<sup>365</sup>
314. Se a exposição for mais solene e prolongada, o pão seja consagrado na missa que precede imediatamente a exposição e colocada no ostensório sobre o altar

<sup>358</sup> Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 60.

<sup>359</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 89.

<sup>360</sup> Cf. idem, n. 86.

<sup>361</sup> Cf. idem, n. 85.

<sup>362</sup> Idem, n. 84.

<sup>363</sup> Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa, n. 8 e cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 55.

<sup>364</sup> Cf. Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, documento da CNBB 53, n.

41.

<sup>365</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 83.

depois da oração pós-comunhão. A missa termina omitindo-se os ritos finais e o sacerdote coloca o ostensório sobre o altar ou no trono preparado, incensando-o, se for o caso.<sup>366</sup>

315. Se o rito da exposição do Santíssimo for breve, coloque-se o cibório ou ostensório sobre o corporal no altar. Se for uma exposição mais longa, pode-se usar um trono, em lugar bem destacado, porém cuide-se que não fique demasiadamente alto e distante dos fiéis.<sup>367</sup>
316. Também é proibido deixar o Santíssimo exposto sem a presença de adoradores. Quando se fizer uma exposição longa e não tiver um número suficiente de pessoas para a adoração, pode-se repor o Santíssimo ao tabernáculo até duas vezes no dia.<sup>368</sup>
317. É proibido expor o Santíssimo com a única finalidade de dar a bênção.<sup>369</sup>
318. A bênção com o Santíssimo segue o seguinte roteiro:<sup>370</sup>
- a. O sacerdote ou diácono coloca-se diante do Santíssimo Sacramento e ajoelha-se, entoando com os fiéis um hino eucarístico (“Tão sublime...”). Enquanto isso, ainda de joelhos, incensa o Santíssimo Sacramento;
  - b. Em pé, reza a oração prevista no Ritual;
  - c. Terminada a oração, ele veste o véu umeral, faz a genuflexão e toma o ostensório ou cibório e com ele traça, em silêncio, o sinal da cruz sobre o povo;
  - d. Terminada a bênção, o sacerdote ou diácono repõe o Santíssimo no tabernáculo e faz a genuflexão. Enquanto isso, o povo pode proferir alguma aclamação ou canto.

---

<sup>366</sup> Cf. *idem*, n. 94.

<sup>367</sup> Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 62.

<sup>368</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 88.

<sup>369</sup> Cf. Instrução Eucharisticum Mysterium, n. 66.

<sup>370</sup> Cf. Ritual Romano, A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da missa, n. 97-100.

## Capítulo 8

### Alguns materiais e objetos para a celebração eucarística

319. **ÁGUA:** Tem um grande significado na vida e na Liturgia. É símbolo de vida nova, purificação, renascimento. É usada na celebração eucarística:
- para aspergir o povo no Ato Penitencial, recordando aos presentes os compromissos batismais;
  - para simbolizar a união da natureza humana com a natureza divina em que se colocam algumas gotas no cálice com vinho, durante a apresentação das oferendas;
  - para purificar as mãos do presidente da celebração;
  - para purificar os vasos sagrados, após a comunhão.
320. **ASPERSÓRIO:** É um instrumento longo que conserva água benta para a aspersão sobre os fiéis ou objetos. Geralmente é de metal. Numa das extremidades, há uma cabeça com rosca e furos que permite a passagem da água benta.
321. **CALDEIRA E HISSOPE:** É usado para a aspersão de água benta durante as bênçãos. Entretanto, ele difere do aspersório por não conservar fechada a água benta no seu recipiente.
322. **CÁLICE:** Recipiente digno e decoroso em que se deposita o vinho que vai ser consagrado. O cálice é uma espécie de taça, em geral feito de metal e artisticamente trabalhado. Segundo as recentes orientações litúrgicas, o material do cálice e dos outros vasos sagrados não só deve ser impermeável como determina o Código de Direito Canônico, mas também inquebrável<sup>371</sup>. Os cálices e outros vasos sejam abençoados segundo o Ritual Romano das Bênçãos. “Não se usem em nenhum caso canecas, (...) ou outras vasilhas não integralmente correspondentes às normas estabelecidas”.<sup>372</sup>
323. **CIBÓRIO ou ÂMBULA:** É o recipiente onde se guarda o pão eucarístico. É semelhante à forma de um cálice, mas fechado com uma tampa. Em geral, as âmbulas são de metal como o cálice. O importante é que o material seja nobre e inquebrável. Após a comunhão, a âmbula com as partículas consagradas é guardada no tabernáculo (sacrário).
324. **CÍRIO PASCAL:** É uma vela grande com várias inscrições, abençoada na noite da Vigília Pascal, e simboliza a presença do Ressuscitado, Luz do mundo, no meio da comunidade. O Círio permanece durante todo o tempo pascal ao lado do ambão. Nos outros dias do ano, ele é colocado num lugar de honra no batistério ou junto à pia batismal. O Círio Pascal é usado no rito do Batismo, nos rituais de exéquias (quando for na igreja), na Comemoração dos Fiéis defuntos e na Profissão de Fé dos que recebem a 1ª comunhão e a Confirmação. Cada Páscoa exige um novo Círio, por isso proíbe-se expressamente a reutilização dos círios pela coerência do simbolismo e das orações litúrgicas<sup>373</sup>. Não é permitido fabricar Círios Pascais com elementos que não são de parafina ou de cera, por exemplo: tubos plásticos (PVC), tubos de madeira,...

<sup>371</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 117.

<sup>372</sup> Idem, n. 106.

<sup>373</sup> “Cera virgem de abelha generosa...” (do texto da proclamação da Páscoa).

325. **CORPORAL:** Chama-se “corporal” porque sobre ele se coloca o Corpo e Sangue do Senhor. É uma espécie de toalha quadrada (mais ou menos 50cm x 50cm) que se desdobra em três partes e nos dois sentidos, no centro do altar. É confeccionado de linho branco, normalmente com uma cruz bordada ou pintada no centro. O corporal recorda o Santo Sudário, o lençol branco no qual, José de Arimatéia, segundo a tradição, envolveu o corpo de Cristo após a descida da cruz para o sepultamento<sup>374</sup>. Sua função é de recolher os fragmentos do pão ou gotas de vinho consagrados, caso estes venham a cair dos vasos sagrados. Não é permitido estender o corporal sobre o altar lançando-o para o ar como uma toalha de mesa, pois pode conter fragmentos da Eucaristia.

326. **GALHETAS:** São duas jarrinhas, em geral de vidro, nas quais se colocam o vinho e a água, e são apresentadas pelos fiéis ao sacerdote nas oferendas da missa.

327. **INCENSO:** É uma resina aromática extraída de várias espécies de árvores. O uso do incenso é muito comum no culto judaico e foi herdado pela Liturgia Cristã. “A turificação ou incensação exprime a reverência e a oração, como é significada na Sagrada Escritura (cf. Sl 140, 2; Ap 8,3). O incenso pode ser usado facultativamente em qualquer forma de missa:

- a. durante a procissão de entrada;
- b. no início da missa, para incensar a cruz e o altar;
- c. à procissão e à proclamação do Evangelho;
- d. depostos o pão e o cálice sobre o altar, para incensar as oferendas, a cruz e o altar, bem como o sacerdote e o povo;
- e. à apresentação da hóstia e do cálice, após a consagração.”<sup>375</sup>

“Ao colocar o incenso no turíbulo, o sacerdote o abençoa com o sinal da cruz, sem nada dizer. Antes e depois da turificação faz-se inclinação profunda à pessoa<sup>376</sup> ou à coisa que é incensada, com exceção do altar e das oferendas para o sacrifício da missa.

São incensados com três ductos do turíbulo: o Santíssimo Sacramento, as relíquias da santa Cruz e as imagens do Senhor expostas para veneração pública, as oferendas para o sacrifício da missa, a cruz do altar, o Evangeliário, o círio pascal, o sacerdote e o povo.

Com dois ductos são incensadas as relíquias e as imagens dos Santos expostas à veneração pública, mas somente uma vez no início da celebração, após a incensação do altar.

O altar é incensado, cada vez com um só icto, da seguinte maneira:

- se o altar estiver separado da parede, o sacerdote o incensa, andando ao seu redor;
- se, contudo, o altar não estiver separado da parede, o sacerdote, caminhando, incensa primeiro a parte direita do altar, depois a parte esquerda.

Se a cruz estiver sobre o altar ou junto dele, é turificado antes da incensação do altar; caso contrário, quando o sacerdote passa diante dele.

<sup>374</sup> Cf. Jo 19,40.

<sup>375</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 276.

<sup>376</sup> Quando são incensadas pessoas, como o sacerdote e a assembléia após a Apresentação das Oferendas, quem é incensado não realiza a inclinação de reverência, mas somente aquele que incensa reverenciando-o. A inclinação não é um cumprimento a realizar, mas uma manifestação de fé sobre o Mistério presente naquela pessoa.



As oferendas são incensadas pelo sacerdote com três ductos do turíbulo, antes da incensação da cruz e do altar, ou traçando com o turíbulo o sinal da cruz sobre as oferendas.”<sup>377</sup>

328. **JARRO COM ÁGUA E BACIA PARA O LAVABO:** O presidente da celebração, após apresentar as oferendas, lava as suas mãos como sinal de purificação e de humildade diante do grande Mistério que irá ocorrer com a consagração, sem mérito de sua parte. Seria mais conveniente utilizar um jarro com água e uma bacia para realizar o gesto de lavar as mãos, e não somente molhar os dedos. O gesto de lavar as mãos na celebração eucarística é exclusivo do presidente da celebração, de modo que os diáconos, concelebrantes, ministros extraordinários da sagrada comunhão,... devem lavar as suas mãos na sacristia antes de iniciar a celebração.
329. **LEGIO:** É o suporte para o missal. Hoje se usa mais uma pequena almofada confeccionada para esta finalidade. O legio contribui para a visibilidade dos textos e, conseqüentemente, para uma melhor proclamação das orações realizada pelo sacerdote. O legio deve ser utilizado quando houver necessidade.
330. **MANUSTÉRGIO:** Do latim “manus”, que quer dizer mãos. É uma toalha branca com a qual o sacerdote enxuga as mãos após o lavabo.
331. **NAVETA:** Pequeno vaso de metal, geralmente em forma de navio, que contém grãos de incenso para serem depositados sobre as brasas incandescentes do turíbulo para as incensações.
332. **OSTENSÓRIO ou CUSTÓDIA:** É o objeto para a exposição solene e procissão do Santíssimo Sacramento. É formado por uma haste de suporte e um recipiente transparente, de forma circular, que expõe a Eucaristia para a adoração. Em geral, o ostensório é moldado segundo a imagem do sol fulgurante ou de uma igreja que traz no seu centro a Eucaristia.
333. **PALA:** É uma palavra que vem do latim “palliare” (= cobrir, esconder). É uma peça quadrada e dura, revestida de linho branco e normalmente bem ornamentada com desenhos bordados ou pintados. Serve para cobrir o cálice com o vinho durante a apresentação das oferendas até a comunhão.
334. **PÃO:** É o pão utilizado para a consagração que nós comumente chamamos de hóstia ou partícula. Ultimamente, a Igreja incentiva que se utilize o termo ‘pão’ para expressar que a Eucaristia é um alimento. Cuide-se com a consistência de certas ‘hóstias’ que são muito pequenas e finas, não demonstrando o que sacramentalmente são. Este pão é feito de farinha de trigo puro e água, sem fermento e sem sal. Recomenda-se que a hóstia maior, usada pelo presidente da celebração, seja grande o suficiente por duas razões:
- a. para uma melhor visualização do povo durante a sua apresentação após a consagração, na doxologia do “Por Cristo, com Cristo,...” e antes da comunhão quando diz: “Eis o Cordeiro de Deus...”;
  - b. para que seja fracionado e distribuído pelo menos a alguns dos fiéis, e sugerir que aquele pão não é exclusivo para o sacerdote. Lembre-se que no início da Igreja, se partia um único pão do qual todos comungavam, e deste gesto derivou um dos nomes da Eucaristia: ‘a fração do pão’.<sup>378</sup>

<sup>377</sup> Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 277.

<sup>378</sup> Cf. At 2,42.

335. **PATENA:** É uma espécie de “pratinho” em que se coloca a hóstia maior usada pelo presidente da celebração. Recomenda-se que a patena seja grande o suficiente para conter mais partículas, para dar a conotação que a patena não é exclusiva do padre. Também os coroinhas, de acordo com as últimas instruções litúrgicas<sup>379</sup>, usam patenas no momento da distribuição da comunhão.
336. **SANGÜÍNEO ou PURIFICATÓRIO:** As duas primeiras palavras provêm do termo “de sangue” porque toca no sangue de Cristo. Tem a forma de uma toalhinha comprida de cor branca, semelhante a um lenço dobrado duas vezes ao longo. Coloca-se sobre o cálice, ficando as pontas caídas para os dois lados. Serve para purificar o cálice, a patena e os cibórios no final da celebração, ou após a comunhão. Por isso, pede-se que o tecido da confecção do sanguíneo tenha a propriedade de enxugar verdadeiramente os vasos sagrados (evitar os tecidos sintéticos). O sanguíneo é também utilizado para enxugar a borda do cálice<sup>380</sup>, quando se comunga bebendo o Sangue do Senhor. Por questão de higiene, o sanguíneo não deve ser usado para enxugar os lábios dos comungantes já que o seu uso é comunitário.
337. **TECA ou PÍXIDE:** É uma âmbula de menor tamanho, parecido como um invólucro ou estojo, utilizado no transporte da Eucaristia aos doentes e idosos. Normalmente, a teca é inserida numa pequena bolsa com um laço que se coloca por sobre a cabeça, de forma que a Eucaristia fique na altura do coração do ministro, lembrando o testemunho do martírio do diácono São Tarcísio (+ 25/agosto/257). Esta bolsa também deve conter um sanguíneo para a purificação da teca.
338. **TURÍBULO:** É um recipiente de metal, preso a correntes, para as incensações.
339. **VINHO:** Deve ser vinho puro, de uva<sup>381</sup>, sem adição de qualquer mistura ou conservantes. Deve ser bem armazenado para não azedar. Não se trata da bebida ‘do padre’, como muitos dizem. A Igreja diz que a comunhão realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal quando distribuída sob duas espécies<sup>382</sup>. Quando, por motivos de saúde, o sacerdote não pode ingerir bebidas alcoólicas, observe-se a seguinte recomendação canônica: “A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé concede, em caso de necessidade, indulto para poder celebrar a missa com mosto, quer dizer, com suco de uvas sem fermentar.”<sup>383</sup>

### As vestes litúrgicas

340. É necessário promover e incentivar “a arte verdadeiramente sacra, visando antes a nobre beleza que a mera suntuosidade”<sup>384</sup>. As vestes litúrgicas são sinais da graça santificante proveniente do Batismo e destacam a presença misteriosa de Cristo na pessoa dos ministros. Além disso, diferenciam os ministérios ordenado e instituídos, e as funções de cada um na celebração.

<sup>379</sup> Cf. Instrução Redemptionis Sacramentum, n. 93; cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 118.

<sup>380</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, 246a.

<sup>381</sup> Cf. Lc 22,18.

<sup>382</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 281.

<sup>383</sup> Código de Direito Canônico, nota de rodapé referente ao cân. 924.

<sup>384</sup> Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, n. 123.

341. **AMITO:** do latim “amictus” (manto). É uma peça de linho branco com duas tiras e uma cruz bordada no centro, com o qual o sacerdote envolve os ombros, antes de colocar a alva. Hoje é bem pouco usado.
342. **ALVA:** veste talar de pano branco que é colocada sobre o amito e é presa à altura da cintura pelo cingulo. No Brasil, geralmente é substituída pela túnica.
343. **BÁCULO:** do latim “baculum” (= bastão). Bastão com a extremidade superior arqueada, usado pelos bispos e abades, e simboliza o poder pastoral. O Papa usa a Férula, um báculo encimado por uma cruz de braços iguais.
344. **BALDAQUINO:** é uma espécie de tenda, levada por acólitos, que cobre e acompanha o Santíssimo Sacramento durante a procissão.
345. **CAPA PLUVIAL, CAPA MAGNA ou CAPA DE ASPERGES:** do latim: “pluvius”, quer dizer “de chuva”. É uma capa comprida, sem pregas, acolchetada e aberta na frente, caindo pelos ombros quase até o chão. É usada em procissões solenes e bênçãos solenes do Santíssimo e em outras celebrações solenes que não sejam a missa.
346. **CASULA:** é uma veste sacerdotal solene usada nas missas dominicais, solenes e dias festivos. Alegoricamente significa o suave jugo do Senhor e simboliza a cruz que Cristo levou ao Calvário. A casula é colocada sobre a túnica e a estola, cobrindo quase todo o corpo, e acompanha as cores do tempo litúrgico.
347. **CÍNGULO:** cordão com que o sacerdote sustenta e prende a alva ou a túnica à altura da cintura. O cingulo é símbolo da vigilância, prescrita por Javé, durante a celebração da ceia pascal dos judeus.<sup>385</sup>
348. **DALMÁTICA:** é uma veste diaconal utilizada nos domingos, dias solenes e festivos pelos diáconos assistentes<sup>386</sup> e pelo diácono que proclamará o Evangelho. É vestida sobre a estola e a túnica, acompanhando as cores do tempo litúrgico. Use-se a dalmática desde que o presidente da celebração utilize a casula.
349. **ESTOLA:** é uma faixa, separada da túnica, a qual desce dos ombros do ordenado, com duas pontas. Para os sacerdotes, a estola desce dos ombros verticalmente, simbolizando o ministério de mediação entre o Céu e a Terra. Para os diáconos, a estola desce do ombro esquerdo, presa no lado direito à altura da cintura, simbolizando aquele que está a serviço, a exemplo de Jesus que lavou os pés dos discípulos na última ceia. A estola traz cores diferentes que variam de acordo com o tempo litúrgico que se celebra.
350. **JALECO:** casaco curto semelhante a uma jaqueta usado pelos ministros extraordinários da sagrada comunhão, normalmente com um símbolo eucarístico no bolso.
351. **MITRA:** barrete alto e cônico, fendido lateralmente na parte superior e com duas faixas que caem sobre as costas. O papa, os cardeais, os arcebispos, os bispos e os abades de mosteiros usam-na na cabeça em solenidades pontificais. Demonstra o poder espiritual ou dignidade pontifícia ou episcopal.
352. **PÁLIO:** é uma insígnia usada pelos arcebispos, pelos cardeais e pelo papa. É uma espécie de estola estreita, confeccionada de pura lã branca, formando um círculo folgado em torno do pescoço. Possui dois prolongamentos em ponta que

---

<sup>385</sup> Cf. Ex 12,11.

<sup>386</sup> Por diáconos assistentes se entende aqueles que servem diretamente o presidente da celebração.

descem pelo peito e pelas costas. O pálio tem cinco cruces bordadas com três cravos que simbolizam as cinco chagas e os três pregos da cruz de Cristo. É tecido pelas monjas do Mosteiro de Santa Cecília, em Roma, com a lã da primeira tosquia de um cordeiro jovem, à semelhança do cordeiro da Páscoa, “macho, sem defeito, de um ano” (cf. Ex 12,5). Jesus, o Cordeiro de Deus entregue pelo povo, é modelo para a oferta que o arcebispo há de fazer de sua vida ao povo, em primeiro lugar, do mundo todo e depois, da sua arquidiocese. Os pálios são abençoados pelo papa no dia 29 de junho e, enquanto não entregues, permanecem guardados junto ao túmulo do apóstolo Pedro.

353. **SOBREPELIZ:** do latim, “superpelis”, isto é, “sobre a pele”. É uma veste litúrgica de algodão ou de linho, branca e curta para ser usada sobre a batina ou hábito religioso, substituindo a alva na administração dos sacramentos, procissões e outras funções religiosas.
354. **SOLIDÉU:** do latim, “soli” + “Deo” (= somente a Deus). Pequeno barrete, em forma de calota, ou espécie de pequenina touca que cobre o alto da cabeça. Usam-no: o Papa (solidéu branco); os cardeais (solidéu vermelho); os bispos (solidéu lilás ou roxo); alguns padres e religiosos os usam na cor preta ou marrom, dependendo da cor do hábito e considerando como parte integrante do mesmo.
355. **TÚNICA:** manto branco longo que cobre todo o corpo, lembrando a túnica de Jesus “sem costura de alto a baixo”, sobre a qual os soldados tiraram sorte para ver a quem caberia<sup>387</sup>.
356. **VÉU UMERAL:** do latim “umerus”, quer dizer “ombro”. Há os seguintes véus umerais:
- a. **Véu para as procissões e bênçãos do Santíssimo:** utilizado pelo sacerdote ou diácono no transporte do Ostensório com o Santíssimo;
  - b. **Véu de acólito:** que é usado para segurar o báculo e a mitra nas funções litúrgicas pontificais.
357. **OUTROS VÉUS:**
- a. **Véu do sacrário:** tecido geralmente de seda, delicado e artístico, que se assemelha a uma cortina colocada na frente da porta do tabernáculo, caso este o requeira. Deve ser branco ou dourado, cores que simbolizam a realidade e a divindade de Cristo;
  - b. **Véu da âmbula:** espécie de capinha branca que envolve a âmbula ou cibório que contém hóstias consagradas. Sua cor é branca ou dourada como expressão do respeito a Jesus Eucarístico;
  - c. **Véu do cálice:** convém, antes da missa, que se prepare o cálice na credência, cobrindo-o com um véu que pode ser da cor do dia ou branca.<sup>388</sup>

### Livros Litúrgicos

358. **EVANGELIÁRIO**<sup>389</sup>: livro que contém os textos dos Evangelhos para a missa. Tradicionalmente possui dimensões maiores que um Lecionário e é um livro que merece reverência.

<sup>387</sup> Cf. Jo 19,23-24.

<sup>388</sup> Cf. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 118.

<sup>389</sup> O Papa João Paulo II havia pedido a publicação do Livro dos Evangelhos para o Grande Jubileu do ano 2000. Eis um trecho do seu discurso na apresentação da 1ª cópia da edição do Evangelário

359. **LECIONÁRIO:** do latim “lectio”, que quer dizer “lição” ou “leitura”. É o livro que contém todas as leituras bíblicas para uma celebração eucarística. Para o manuseio e as estruturas do Lecionário, ver o 5º capítulo deste diretório que trata sobre os leitores.
360. **MISSAL ROMANO:** é o livro utilizado pelo sacerdote que contém todas as partes fixas da missa, como: ritual da missa, orações, prefácios,... exceto as leituras bíblicas. É sempre preferível usar o missal, no lugar de folheto. O missal é confeccionado e editado de tal modo que as orações sejam nítidas e proclamadas fluentemente.

### **Ministros auxiliares para uma celebração solene**

361. **CERIMONIÁRIO:** prepara e orienta as cerimônias para que a Liturgia seja devidamente organizada e realizada com decoro, ordem e piedade.
362. **LIBRÍFERO:** sustenta o Missal Romano para o presidente da celebração.
363. **CRUCIFERÁRIO:** conduz a cruz processional nas procissões.
364. **CEROFERÁRIO:** leva os castiçais com as velas nas procissões.
365. **BACULÍFERO:** encarrega-se do báculo do bispo.
366. **MITRÍFERO:** encarrega-se da mitra do bispo.
367. **TURIFERÁRIO:** leva o turíbulo e o apresenta ao ministro ordenado para a incensação.
368. **NAVETEIRO:** leva a naveta contendo o incenso, e sempre acompanha o turiferário

---

em língua latina (15 de dezembro de 2000), n.2: “Expresso-vos o profundo apreço por terdes desejado realizar um texto tão precioso no seu feitio, destinado à proclamação do Evangelho do Senhor em circunstâncias de singular relevo durante o ano litúrgico. Conforme o antigo costume da tradição litúrgica oriental e ocidental, e segundo o conteúdo do Ordo Lectionum Missae, reunistes num só livro as leituras evangélicas relativas às várias solenidades e festividades, dispostas à maneira da ordem litúrgica”.

## Conclusão

### Lex Orandi, Lex Credenti

“A Lei da Oração é a Lei da Fé!” Esse artigo de fé nos ensina que aquilo que nós rezamos, torna-se aquilo que cremos. Se rezamos bem, cremos bem! Portanto, a Liturgia é um poderoso instrumento da Igreja para manter a fidelidade da Fé transmitida desde o tempo dos Apóstolos.

Por isso, nenhum rito celebrativo, principalmente o da Eucaristia, seja modificado ou manipulado por um ministro ou por alguma comunidade. A Liturgia não é uma propriedade privada, mas é um bem que promove a unidade de toda a Igreja e é demasiadamente grande para ficar à mercê do livre arbítrio.<sup>390</sup>

Quando a Igreja celebra a Liturgia, ela não celebra “qualquer coisa”, mas Alguém: o próprio Senhor Jesus Cristo Ressuscitado e Glorioso. A Igreja não celebra a unidade, mas o Cristo Ressuscitado que quer realizar a unidade dos membros do seu Corpo; a Igreja não celebra as vocações, mas o Cristo Ressuscitado que chama os batizados a trabalharem na edificação do mundo segundo a diversidade de dons e carismas do Espírito Santo; a Igreja não celebra as Mães ou os Pais, mas o Cristo Ressuscitado que concede para algumas mulheres e alguns homens a missão de cooperarem na sua obra criadora e na educação da fé de seus filhos; a Igreja não celebra a paz como ausência de violência, mas a ‘Paz’ que é o próprio Cristo Ressuscitado. Poderíamos nos estender longamente, mas o que deve ficar bem claro é que tudo na Liturgia sempre parte do Cristo Ressuscitado.

Cuidemos para que as celebrações eucarísticas manifestem a concretização da Salvação de Cristo no hoje da nossa história através da escuta atenta da Palavra e da comunhão do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Que as celebrações eucarísticas não sejam exploradas e transformadas em espetáculos para promoção pessoal ou de um grupo, em eventos partidários ou em missas revestidas de folclore a título de uma inculturação artificial e vazia. Não se esvazie o significado profundo do memorial de Cristo confiado à Igreja com celebrações que distorcem a perspectiva da Páscoa.

Que todos os ministros litúrgicos, ordenados ou não, tornem-se cada vez mais fiéis servidores dos sagrados Mistérios de Cristo. Que não sejam seduzidos pelo individualismo, pelo sentimentalismo ou pelo modismo daquilo que se viu na televisão, mas que possuam uma consistente formação e preparação segundo as orientações oficiais da Igreja.

Certamente, alguns considerarão um exagero as citações contidas neste diretório diocesano. Entretanto, lembremos o que diz o salmo 8 : “O perfeito culto vos é dado pelos lábios dos pequeninos, de crianças que a mãe amamenta.” A Liturgia é o culto da Igreja em Cristo, pelo Espírito Santo, ao Pai. A eficácia do culto é garantida por Jesus, entretanto o presente Diretório quer incutir em cada agente litúrgico a atitude das crianças que são nutridas pela Mãe Igreja através dos ensinamentos dela.

---

<sup>390</sup> Cf. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 52.

Quanto mais obedientes somos às suas orientações, mais perfeita será a expressão do nosso culto diante dos homens.

Enfim, celebremos com dignidade a Eucaristia segundo a Tradição da Fé e o Magistério da Igreja, para edificarmos e dilatarmos os laços das comunidades cristãs no compromisso com a caridade ensinada por Jesus na noite do cenáculo de Jerusalém.

## Anexo I

### Itinerário para a Lectio Divina

#### **Preparativos:**

- a. Encontrar um lugar que favoreça a oração e o silêncio, livre de distrações ou interrupções;
- b. A posição do corpo influencia na meditação da Sagrada Escritura. Que o orante sente-se cuidando dos seguintes detalhes: as plantas dos pés fiquem totalmente em contato com o chão, as junções dos joelhos e da cintura formem um ângulo de 90°, a cabeça levantada para favorecer uma respiração calma e profunda, os braços descansando sobre as pernas;
- c. Pôr-se na presença do Senhor, ficando um pouco em silêncio, e invocando o auxílio do Espírito Santo para penetrar no conhecimento da vontade amorosa de Deus.

#### **Os passos da Lectio Divina:**

- 1º- LECTIO (Leitura):** A atitude fundamental é a leitura-escuta atenta do texto, procurando captar o significado de cada frase, saboreando as palavras e as atitudes de cada personagem. Esta leitura calma do texto pode ser repetida quantas vezes for necessária.
- 2º- MEDITATIO (Meditação):** Da leitura segue-se à meditação repousada, o pensamento e a reflexão. As palavras lidas são guardadas no coração e iluminadas pelo Espírito Santo. O Espírito abre nossa mente e nosso coração, de modo que compreendamos essas palavras como Palavra atual de Deus. A Palavra de Deus fixa a sua morada em nós e nos introduz no Mistério de Cristo.
- 3º- ORATIO (Oração):** Da meditação brota a oração, como resposta àquilo que o Senhor falou. A Palavra de Deus gera luz e fogo, acende as nossas palavras. A Palavra escutada e meditada torna-se alimento da oração, a partir da experiência pessoal do orante. Na oração examinamos a nossa vida à luz da Palavra escutada.
- 4º CONTEMPLATIO (Contemplação):** A oração nos leva à presença de Deus por meio da contemplação. A nossa atenção e o nosso olhar passam da Palavra falada e escutada, Àquele que fala, e fala para nós. O olhar contemplativo penetra e atravessa a superfície das coisas e da história. Diante de Deus, num instante, perde-se a noção do tempo, e percebe-se a unidade entre passado, presente e futuro. Vislumbra-se o projeto de Deus. Descobre-se o amor de Deus que inunda de alegria. A contemplação é o momento em que damos espaço para que o Espírito Santo conduza os nossos pensamentos.
- 5º OPERATIO (Ação):** Este é o momento que finaliza a oração da Lectio Divina. Após termos contato com Deus por meio de sua Palavra, nós procuramos transformar a nossa cotidiana de acordo com a vontade de Deus. A Palavra de Deus, escutada a partir da fé, faz com que pouco a pouco, Cristo nos transforme à sua imagem e semelhança. Quando essa Palavra habita em nós, capacita-nos a sermos sinal e expressão do amor de Deus.



## Anexo II

### Exercícios de Dicção (“trava-língua”)

Comece pelo fácil, alternando para o médio e depois para o difícil. Esses exercícios surtem mais resultados prendendo uma rolha com os dentes frontais (incisos).

- a. FÁCIL: Qual é o doce que é mais doce que o doce de batata doce? Respondi que o doce que é mais doce que o doce de batata doce é o doce que é feito com o doce do doce de batata doce.
- b. MÉDIO: O tempo perguntou pro tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo que não tem tempo pra dizer pro tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem.
- c. DIFÍCIL: Não confunda ornitorrinco com otorrinolaringologista, ornitorrinco com ornitologista, ornitologista com rinolaringologista, porque ornitorrinco é ornitorrinco, ornitologista é ornitologista, e otorrinolaringologista é otorrinolaringologista.

#### **Outros trava-línguas especializados:**

- a. Os cristãos dão tostões aos montões, se forem bons e não forem pagãos.
- b. O acróstico cravado na cruz de crisólidas da criança acriada criada na creche é o credo cristão.
- c. Receiando robustecer a resoluta resolução de seus súditos que resolveram fazer retroceder o regime, retornando o país à República, o rei Reinaldo Roberto Raimundo resolveu repentinamente fingir ignorar a rebeldia de seus soldados rebeldes e revoltados e recomeçou a receber em seu reino, ricos senhores e servos, sem dúvida responsáveis pela irregular e ridícula resolução. E no seu reino um rato roeu a roupa do rei. Sua rainha com toda a raiva rasgou o resto.
- d. As burundangas do bricabraque do Brandão abrangem broquéis de bronze brunido, brocados bruxuleantes, brochuras, breviários, abraxas, brasões e brinquedos.
- e. Bela baiana, boneca de bronze, bailava brejeira em burlesco bendengue da Bahia. O barraco do babalão borborinha, Babel da baixada, bacanal de bárbaros, bebem, blasfemam, batem, batucam, bamboleiam no bulício de um bestial bambarquerê. Ao som dos búzios berimbaus, bocobacos, badalam, bimbalham, bebem, rebolam e berram. E o bamba do bambo do bambuê, é o bamba do bambu do bambuá, bambulelê, bambulalá.
- f. Dançam depressa, disciplinados e decididos os dez dedos delgados da dátilógrafa dinâmica que decifra os documentos do déspota Deleimar Dilermano para o diário do deputado e demagogo Diógenes Deimiurgo.
- g. Pedro Paulo Pacífico da Paixão, pernóstico, pedante, pedreiro do meu pranteado pai, tomou um pileque e promoveu uma pagodeira com os pilantras do porto. Foi um Deus nos acuda, salve-se quem puder, um pânico de pasmar. E Pedro Paulo Pacífico da Paixão foi preso no porto por proferir palavras impróprias para pessoas de pejo.
- h. No tablado oblongo, os emblemas das blusas das oblatas estavam obliterados pela neblina oblíqua.

- i. O turco tatuado troncado e tagarela com o tabuleiro a tiracolo, troca tudo pelo triplo: tecidos, trajes, ternos, túnica, tapetes, termômetros, torneiras, tigelas, turíbulos, taramelas, tintas, treliças, toalhas, tamborins, tartarugas, tucanos, tachos, talismãs, etc...
- j. O Nestor de Bastos Costa gosta de lesmas tostadas, mas se uma lesma não tosta, rosna e rasga as vestes suadas. De cascas de ostras não gosta o Nestor, nem mesmo das tais listradas. Faz bustos, pastas e cestas.

## Índice

Apresentação	02
Introdução	03
Capítulo 1: Contexto Geral da Liturgia	04
Capítulo 2: Algumas orientações gerais para a celebração eucarística	08
Capítulo 3: O Espaço Sagrado para a celebração	19
Capítulo 4: Alguns momentos celebrativos da Eucaristia	29
Capítulo 5: A Proclamação da Palavra de Deus	40
Capítulo 6: O canto e a música litúrgica na celebração eucarística	48
Capítulo 7: Celebrações relacionadas ao sacramento da Eucaristia	58
Capítulo 8: Alguns materiais e objetos para a celebração eucarística	63
Conclusão	70
Anexo 1: Itinerário para a Lectio Divina	72
Anexo 2: Exercícios de Dicção	73